



E-topia

N° 4

Jorge Vieira

(Grupo de Evolução Molecular – Instituto de Biologia Molecular e Celular – Universidade do Porto)

Citação: Jorge Vieira, "Utopia Na Genética", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Um dos aspectos mais publicitados do uso da determinação da sequência e anotação do genoma humano é a sua possível aplicação aos estudos de doenças humanas. A utilidade do saber não deve contudo abafar a atitude do saber pelo prazer de compreender o Universo em que vivemos (Sousa & Vieira, 2005). Note-se que ambas as atitudes são baseadas em normas de rigor, de profundidade, de constante dúvida dos resultados e da tentativa de verificação das previsões baseadas num conjunto de observações prévias. A Ciência (enquanto conjunto organizado de conhecimentos baseados em relações objectivas verificáveis e dotados de valor universal) não é simplesmente descritiva, mas sobretudo preditiva. A maturidade de uma área científica pode ser objectivamente medida pela quantidade e qualidade das previsões do conjunto de modelos que a constituem (*ibidem*).

Uma das áreas do conhecimento em que o valor preditivo da Ciência é mais apreciado é a da Biomedicina. Ser capaz de prever com exactidão o futuro desenvolvimento de uma doença de base genética pode ajudar a salvar vidas. Será utópico pensar que um dia se poderá prever com exactidão e com grande antecipação temporal todas as doenças de base genética? Na minha perspectiva, esta é uma hipótese utópica; tal não significa, contudo, que não haja importantes descobertas a serem feitas que possam contribuir em muito para a melhoria da qualidade de vida das populações humanas. No entanto, a expressão da maioria das doenças de base genética é determinada por inúmeros factores, incluindo os de ordem ambiental. Por isso não acredito que se possa resumir o problema a uma questão de tempo, dinheiro e *knowhow*. Sei que a minha posição está longe de ser consensual. Muitos *decision makers* contradizem-na, como se poderá ver pelos breves exemplos que de seguida darei.

Comecemos por analisar um artigo de opinião recentemente publicado na prestigiada revista *Nature*:

Identification of the genes responsible for human mendelian diseases, once a herculean task requiring large research teams, many years of hard work, and an uncertain outcome, can now be routinely accomplished in a few weeks by a single graduate student with access to DNA samples and associated phenotypes, an Internet connection to the public genome databases, a thermal cycler and a DNA-sequencing machine.

(...)

Clinical opportunities for gene-based pre-symptomatic prediction of illness and adverse drug response are emerging at a rapid pace, and the therapeutic promise of genomics has ushered in an exciting phase of expansion and exploration in the commercial sector. (Collins *et al.*, 2003:835)

A posição assumida pelos autores deste artigo é obviamente utópica. Se o cenário traçado por Collins e pelos seus colaboradores fosse real, considerando o número de estudantes de licenciatura espalhados pelo mundo, deveríamos já ter sido capazes, por esta altura, de traçar previsões detalhadas para várias centenas de doenças genéticas causadas por um defeito num único gene (as chamadas doenças mendelianas).

Analisemos agora as razões apontadas por Clark *et al.*, (2003) para a determinação da sequência do genoma de nove espécies do género *Drosophila* ao qual a mosca-do-vinagre (*Drosophila melanogaster*) pertence:

The challenge of obtaining a complete annotation of functional genes and regulatory elements in the genomes of higher organisms remains a rate-limiting step to biological discovery.

(...)

These studies underscore the pressing need to establish a model system for developing and applying sophisticated comparative algorithms directed at problems of whole genome annotation.

(...)

The central argument of this white paper is that *Drosophila* species provide an ideal target for inculcating and accelerating such advances in comparative genomics leading not only to a complete annotation of the *D. melanogaster* but also the human genome.

Em contraste com a posição de Collins e colaboradores, apresenta-se pois como argumento principal para a realização de um projecto de investigação em moscas no valor de vários milhões de euros o desenvolvimento de metodologias científicas que possam vir a ser aplicadas na anotação mais cuidada do genoma humano, e que se acredita que possa vir a ter um importante impacto na área da Biomedicina.

Uma posição muito mais cautelosa foi a adoptada, em 2001, pelo *International Human Genome Sequencing Consortium*, entidade responsável pela sequenciação e anotação do genoma Humano:

We find it humbling to gaze upon the human sequence now coming into focus. In principle, the string of genetic bits holds long-sought secrets of human development, physiology and medicine. In practice, our ability to transform such information into understanding remains woefully inadequate.

(...)

Fulfilling the true promise of the Human Genome Project will be the work of tens of thousands of scientists around the world, in both academia and industry.

(...)

The scientific work will have profound long-term consequences for medicine, leading to the elucidation of the underlying molecular mechanisms of disease and thereby facilitating the design in many cases of rational diagnostics and therapeutics targeted at those mechanisms.

(...)

We must set realistic expectations that the most important benefits will not be reaped overnight.

(...)

...it is has not escaped our notice that the more we learn about the human genome, the more there is to explore. (Lander *et al.* 2001: 914)

Mas o que poderemos então esperar num futuro próximo? Creio se tivermos em consideração o nosso conhecimento actual sobre o adenocarcinoma gástrico (cancro do estômago) poderemos chegar a algumas conclusões.

O adenocarcinoma gástrico é uma das principais causas de morte por cancro no mundo (Blaser, 2002). Indivíduos portadores de polimorfismos genéticos nos genes da interleucina 1 (IL-1) têm uma probabilidade acrescida de desenvolver carcinoma gástrico (Machado *et al.*, 2001). Na verdade, a presença em indivíduos dos polimorfismos IL-1B-511T e IL-1RN*2 (este último quando presente nos dois cromossomas homólogos) aumentam em 2.7 e 3.1 vezes a probabilidade de desenvolver adenocarcinoma gástrico relativamente a outros indivíduos da mesma população, mas que não possuem essas características. Indivíduos portadores do polimorfismo IL-1RN*2 em ambos os cromossomas homólogos e simultaneamente do polimorfismo IL-1B-511T têm uma probabilidade 9 vezes superior de desenvolver adenocarcinoma gástrico (Machado *et al.*, 2001).

A presença de algumas estirpes de *Helicobacter pylori*, uma bactéria presente num grande número de indivíduos em qualquer população humana, aumenta grandemente a probabilidade de desenvolvimento de adenocarcinoma gástrico em alguns grupos de indivíduos. A título de exemplo, indivíduos infectados com *Helicobacter pylori* com o genótipo vacAs1 e portadores do polimorfismo IL-1B-511*T têm uma probabilidade 87 vezes aumentada de desenvolver adenocarcinoma gástrico relativamente a outros indivíduos da mesma população, mas que não possuem estas características (Figueiredo *et al.*, 2002).

Porque *Helicobacter pylori* é geneticamente variável, porque as populações que colonizam o hospedeiro variam ao longo do tempo, e porque as populações humanas são variáveis, as potenciais interações são imensas (Blaser, 2002). No entanto, estudos mais pormenorizados podem ajudar a definir o risco relativo de cada subpopulação de indivíduos.

Note-se que a maneira como estes resultados são apresentados reflecte o nosso actual grau de incerteza. Embora se saiba que determinados grupos de indivíduos têm uma probabilidade muito aumentada de desenvolver adenocarcinoma gástrico, não podemos afirmar com toda a certeza que todos os indivíduos nessa categoria irão de facto desenvolver adenocarcinoma gástrico caso não sejam tratados. É também verdade que indivíduos que não estão incluídos em nenhum grupo de risco podem, no entanto, vir a desenvolver igualmente adenocarcinoma gástrico. É este o grau de certeza com o qual teremos que conviver e tomar decisões durante os próximos anos.

Será correcto afirmar que os modelos propostos – apesar de já serem complexos – são demasiado simplistas? Será que os sistemas biológicos possuem um certo grau de acaso intrínseco que limita as nossas previsões? Será utópico pensar que um dia, os modelos serão suficientemente complexos para acomodar todas as variáveis relevantes e prever com exactidão todas as doenças de base genética?

A Biomedicina é uma área em que se gastam milhões de euros em investigação. Encontrar a cura para todas as doenças é um objectivo claro, para o qual a sociedade em geral se encontra sensibilizada e, como tal, facilmente financiável. É pois necessário ler-se com um espírito crítico o que é publicado sobre

este assunto. A utopia na genética deve conduzir-nos por um caminho sempre a subir, no sentido da aspiração de um conhecimento mais completo do homem; mas essa utopia deve situar-se no nosso horizonte como um objectivo norteador, e não ser confundida com irrealismos e promessas vãs. Só assim a utopia poderá ser entrevista como algo de positivo, no domínio da investigação genética.

Referências

- Blaser, M. J. (2002), "Polymorphic bacteria persisting in polymorphic hosts: Assessing *Helicobacter pylori*-related risks for gastric cancer", *Journal of the National Cancer Institute*, 94: 1662-3.
- Clark, A. *et al.* (2003), "Proposal for *Drosophila* as a model system for comparative genomics" (<http://rana.lbl.gov/drosophila/documents.html>).
- Collins, F. S. *et al.* (US National Human Genome Research Institute) (2003), "A vision for the future of genomics research", *Nature*, 422: 835-847.
- de Sousa, M. & J. Vieira (2005), "O que nos une e o que nos separa: dos Genomas às Guerras", *Actas dos XI Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (no prelo).
- Figueiredo, C. *et al.* (2002), *Helicobacter pylori* and interleukin 1 genotyping: An opportunity to identify high-risk individuals for gastric carcinoma", *Journal of the National Cancer Institute*, 94:1680-87.
- Lander, E. S. *et al.* (International Human Genome Sequencing Consortium) (2001). "Initial sequencing and analysis of the human genome", *Nature*, 409: 860-921.
- Machado, J. C. *et al.* (2001), "Interleukin 1B and interleukin 1RN polymorphisms are associated with increased risk of gastric carcinoma", *Gastroenterology*, 121:823-9.

Universidade De Aveiro

Citação: Jorge Salgado Correia, "Utopia E Música", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Na procura de um ângulo para este artigo sobre o tema "Utopia, Música" encontrei as seguintes descrições da noção de Utopia: a primeira é de Ernst Bloch, em que ele afirma que o *derradeiro estado utópico* pode ser vivido ou vivenciado e que consiste num estado psicológico peculiar que se pode atingir através de uma apreensão excepcional do mais imediato *Agora*. Na sua concepção este estado mental só pode ser vivenciado fora da habitual percepção do fluir do tempo: "Um lugar de encontro de elevadas mediações ramificadas entre o passado e o futuro no centro do indiscernível Agora."

São momentos cuja presença absoluta e cuja revelação do enigma do ser é caracterizada por não ter mediação da mente, transcendendo o ego, a mente, o tempo e o espaço. Momentos em que se vive intensamente o Aqui e Agora sem fronteiras espacio-temporais!

Uma outra é do filósofo italiano Agamben, que descreve a Utopia como confinadora de um tempo que não é percebido pela nossa consciência, o tempo do nosso eu mais íntimo, que está aquém das categorias e é irreduzível à razão lógica, o tempo do eterno presente...

Também Agostinho da Silva fala do não-tempo do tempo, da tranquila existência sem a cisão sujeito/objecto, da nossa apaziguada fixação num presente sem tempo.

Estas descrições impressionaram-me pela sua semelhança com outras descrições, obtidas num contexto completamente diferente, que recolhi em entrevistas a intérpretes, flautistas de renome internacional, no âmbito de uma investigação empírica para o meu doutoramento. Nessas entrevistas, o objectivo não era recolher opiniões sobre o tema da Utopia, mas sim relatos sobre aqueles momentos especiais de uma *performance* musical em que tivessem sentido uma intensa comunicação com o público, enfim, sobre as suas experiências mais significativas quer como *performers* quer como ouvintes. Vou reproduzir aqui alguns desses relatos:

"Há, nos bons concertos, uma espécie de grito vindo da multidão como nos jogos de futebol ou nos coros das Igrejas... Se acontece haver harmonia entre toda a gente, mesmo se é criada por uma simples flauta, este grito é comum a todos... A flauta é o vector que centra... é um centro unificador!" (P. Gallois)

"Num bom concerto, o que acontece é que de um modo imediato, mal se imagina alguma coisa ela logo se transmite aos outros elementos do *ensemble* directamente e, claro, ao público... nós temos de ser caleidoscópicos... se estamos bem preparados podemos simplesmente *deixar-nos ir* com o ritual do concerto. Quando uma *performance* é realmente boa, a música atravessa-nos... somos um *medium* e já não somos nós a fazê-la..." (Wilbert Hazelzet)

"O fundamental é não querermos interpretar, não querer fazer nada porque quando se quer interpretar o ego atravessa-se no caminho e não há música... Trata-se de fazer sem querer fazer..." (Vicens Prats)

"O grande concerto é aquele em que no fim eu não me lembro de nada do que fiz!... esqueci completamente o que se passou... eu *descolei* ... no sentido em que tive uma branca na minha mente... Fisicamente, isso acontece quando se está bem centrado... Eu posso provocar este estado quando consigo matar o meu ego..." (Patrick Gallois)

E, finalmente, mais esta, de Aurèle Nicolet:

“O que me marcou nos poucos concertos de que tenho memória, referindo-me aos melhores e pensando na orquestra, foi precisamente com Furtwängler, quando *já não estávamos conscientes do que se tocava*. Só ouvíamos o que saía dos instrumentos. A *performance* é qualquer coisa muito particular, às vezes resulta outras vezes não. Há concertos em que se analisa demasiado, em que nos deixamos guiar pela cabeça – eu quero fazer isto, eu quero fazer aquilo... eu não gosto disso! Para mim, a melhor interpretação é aquela em que damos a impressão de não estar a fazer nada, de estar atrás da música, de simplesmente tocar as notas. Mas para chegar a este estado, é preciso ter feito muita pesquisa... Isto só acontece talvez umas duas vezes por ano e são momentos em que não tocamos mas somos tocados. É como no Zen. Sou eu que toco mas não intencionalmente, uma suspensão da vontade. É uma aprendizagem muito, muito longa e estamos sempre condenados ao acaso.” (Aurèle Nicolet)

Aparentemente, analisando estas citações, a Utopia, definida como um estado mental ou psicológico à maneira de Bloch, é vivenciada pelos músicos e pelos ouvintes de música pelo menos nos momentos particularmente intensos das *performances* musicais. Os testemunhos destas entrevistas referem-se também a tácticas psicológicas descritas e prescritas num livro muito pragmático para músicos e que é bastante conhecido no mundo inteiro, intitulado *The Inner Game of Music*, de Barry Green e W. Timothy Gallwey (1986). Estas tácticas psicológicas correspondem a uma espécie de atitude Zen que consiste principalmente em *deixar-se ir* durante a *performance*, depois, evidentemente, de se ter feito uma rigorosa preparação. Isto quer dizer, deixar que uma espécie de *piloto automático* criado nos ensaios tome o controle da acção, suspendendo-se a intencionalidade – *fazer sem querer fazer, suspender a actividade centrada no ego*, ou como diziam os meus entrevistados, “provoco estes momentos quando consigo matar o ego...” e “ passo a ser um medium, sou atravessado pela música e já não faço nada.”

Nos termos de Csikszentmihalyi (1990), psicólogo que estuda estes estados denominando-os estados de “*flow*”, estes momentos caracterizam-se do seguinte modo: “*tipicamente, as pessoas sentem-se fortes, atentas, com um controle sem esforço e inconsciente e no pico das suas capacidades. Tanto o sentido do tempo como os problemas emocionais parecem desaparecer, e é acompanhado por um sentimento hilariante de transcendência.*”. Quando está neste estado de *flow*, o *performer* tem novos *insights*, torna-se espontâneo e genuinamente criativo no momento.

Esta perspectiva pode explicar igualmente as descrições mais misteriosas de experiências de entrar em transe quando se ouve música, relatadas por muitos ouvintes. Estes relatos referem também sentimentos de “se deixar ir”, de “voar”, de “flutuar”, etc¹. Na grande literatura encontramos descrições destes estados provocados pela música, por exemplo, no monumental romance de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, e num dos Contos (Relatos) de Julio Cortazar “*El Perseguidor*”, escrito em homenagem a Charlie Parker.

As *performances* musicais são eventos complexos com muitos níveis e camadas de sentido e o facto de terem a significância e a função de um ritual certamente contribui para agravar a complexidade dos seus múltiplos sentidos. Elas têm na verdade todas as condições básicas para serem rituais: as pessoas juntam-se com expectativas comuns de um modo geral com padrões comuns de comportamento básico:

É muito importante perceber que ao tomar parte de um ritual nós não só ouvimos e vemos, escutamos e observamos, ou até saboreamos, cheiramos e tocamos, mas também actuamos, e é na experiência física de executar as acções na companhia de outros que o sentido de participar se concretiza. Quanto mais activamente participarmos, mais satisfatório acharemos o ritual da *performance* (Small, 1998:105 tradução minha).

Esta representação generalizada, *per se*, ritualiza os concertos: o necessário silêncio respeitoso, a quietude, a atenção devota na acção do palco, o escutar ou *ouvir activo*, o aplauso condicionado e todos os restantes comportamentos convenientes e apropriados são suficientes para fazer com que os concertos sejam tão ritualizados como qualquer cerimónia religiosa. O sentido musical e o poder da música não deveriam ser abstraídos da sua “*imediatez como uma performance de essência socio-emocional e gestual*” (Tolbert, 2001:84), como tem sido feito sistematicamente pelas abordagens quer estruturais/formalistas quer culturais/referencialistas:

A música emerge em situações que são emocionalmente motivadas – situações que são o produto de processos subjectivos e intersubjectivos de formação de sentido. Assim, as

investigações sobre a natureza do sentido musical necessitam ser reconfiguradas em termos destes processos individuais e colectivos (Tolbert, 2001:85 tradução minha).

As *performances* musicais são definitivamente rituais e conseqüentemente não deveriam ser abordadas como sistemas de significação auto-confinados; nesta perspectiva, *o sentido da música não é separável dos sentidos extra-musicais*:

Longe de ser o objecto estético da cultura ocidental, a música na maior parte do mundo está intrincada na textura social da vida quotidiana e é valorizada principalmente pelos seus sentidos extra-musicais (Tolbert, 2001:85 tradução minha).

Esta partilha social da condição do *aqui-e-agora* ou do *tempo-real* tem que ser considerada como um elemento essencial do processo de produção de sentido musical.

O que eu me proponho explorar aqui são estes momentos utópicos vivenciados pelos músicos e pelos ouvintes de música, procurando compreendê-los numa perspectiva multidisciplinar que recorrerá sobretudo à recente sub-disciplina da musicologia, os Estudos em *Performance*, mas também, nomeadamente, à Filosofia, à Psicologia Evolucionista e aos mais recentes desenvolvimentos da Neurologia.

Comunicação Quasi-Corporal

O objectivo dos rituais musicais é brindarem-nos com experiências auditivas que funcionam como incentivos para estimular a nossa imaginação: “são as experiências auditivas, não a música em si, que geram as verdades ficcionais” sugere Walton (1997:82 tradução minha). É pois sobre estas experiências auditivas que os diferentes ouvintes fazem as suas diferentes e imaginativas construções de sentido. Os ouvintes estão a ouvir a música e a *interpretar* as experiências auditivas que daí resultam ao mesmo tempo; estas interpretações são narrativas:

A música é ouvida como narrativa porque quando ouvimos música tendemos a conceptualizá-la em termos de narrativa, actuando a narrativa quase como uma meta-metáfora dentro da qual tudo pode ser compreensível. Estruturados como narrativa, o contexto da escuta com todas as suas variáveis, o som e os momentos de excitação fisiológica que eles podem evocar, tudo concorre para uma experiência unificada e dinâmica (Lavy 2001:99 tradução minha).

Trata-se, pois, de narrativas não-verbais, de natureza temporal, que são o produto das contínuas reacções miméticas aos gestos e acções dos *performers* (cf. Cox 2001). O sentido resultante ou construções narrativas procedem por projecções metafóricas, as quais são determinadas e guiadas, momento a momento, pelo seu enraizamento na nossa experiência física/corporal.

Esta linha de pensamento é reafirmada pela “hipótese mimética”, recentemente defendida por Cox (2001). A premissa central desta hipótese é que *existe uma base fisiológica para a linguagem gestual*. Mas é nos desenvolvimentos recentes da neurologia que ela encontra um apoio decisivo:

A mais robusta prova do papel da *mimesis* resulta dos estudos da memória de curta duração, imagética motora, da fala, e imagética musical. Prova trazida por estudos clínicos de medição da actividade do cérebro em *PET scans* que sugerem que nós compreendemos os movimentos, a fala, e os sons musicais produzidos pelos outros em parte via imitação inconsciente daqueles que observamos. O comportamento das crianças “macaco vê, macaco imita” pode ser compreendido como uma forma de *descoberta* do mesmo processo que eventualmente se torna *encoberto* nos adultos.

A importância da *mimesis* na cognição humana é reflectida em recentes estudos neurológicos como os de Vittorio Gallese e Alvin Goldman sobre neurónios espelho. Num estudo, um macaco executa um gesto de agarrar e há uma actividade neuronal correspondente numa parte específica do cérebro do macaco. Este macaco depois observa o mesmo gesto executado pelo cientista e o mesmo padrão de actividade aparece no cérebro do macaco. Para o macaco, compreender o comportamento de agarrar nos outros inclui a imitação como parte de imaginar como será executar o gesto observado (...). Outros estudos relatam prova de que exactamente a mesma coisa se passa com a cognição humana: compreender um comportamento observado

envolve imaginar a execução das mesmas acções ou acções similares. Como a *performance* musical envolve actividades motoras específicas, estes estudos sobre a imagética motora tornam-se relevantes para a conceptualização da música como *performance*... (Cox, 2001:199 tradução minha).

É particularmente relevante para o meu ponto de vista que a compreensão do comportamento dos outros envolva uma imitação encoberta que está implantada a nível neuronal. A hipótese mimética tem um papel importante a desempenhar na exploração dos fenómenos da comunicação musical. Mas esta reacção fisiológica não é só imitação implantada a nível neuronal (*espelho neuronal*), é também uma reacção *subjectiva* a essa imitação. É uma reacção *criativa* aos ajustamentos emocionais percebidos internamente e causados pelos estímulos musicais, com base em informação gerada a partir da nossa memória física/corporal. Trata-se pois de *representação criativa*; *mimesis* e não imitação.

Este conceito de representação mimética, proposto por Donald (1991), introduziu um novo elemento – a *representação* – que expandiu o poder explicativo da hipótese mimética até ao ponto em que a imitação pode coexistir pacificamente, numa simbiose peculiar, com a criatividade. Senão como poderíamos explicar diversidade criativa através de processos de imitação? Como poderiam ser explicadas as diferentes construções de sentido pessoais que cada um de nós faz, como performer ou como ouvinte, quando, respectivamente, produz gestos musicais ou é afectado por eles?

Se os ouvintes estão a reflectir mimeticamente os gestos musicais dos *performers*, então o mais provável é que estas reacções miméticas (imitação da actividade neuronal e motora, imagética motora e as reacções emocionais associadas) sejam a base das suas narrativas musicais individuais. Os sentidos pessoais, nesta perspectiva, são essenciais na construção das nossas experiências musicais significativas, como tenho vindo a argumentar. Ao contrário das narrativas verbais que são *a posteriori* e se desenvolvem por associação de conceitos e símbolos dentro de uma lógica proposicional, o desenvolvimento das construções de sentido musical estão submetidas a uma lógica de associação que é ditada pelas nossas estruturas físicas/corporais oriundas da experiência. A este nível a maior parte daquilo que se passa parece ser inconsciente:

Por auto-observação e por observação das reacções do público eu estaria inclinado para dizer que nós escutamos música num plano elementar de consciência... Nós reagimos à música a partir de um nível primário quase bruto – pateta, eu diria, pois nesse nível estamos todos firmemente enraizados... e todo o material analítico, histórico, textual sobre ou àcerca da música ouvida embora possa, não pode – e eu aventurar-me-ia a dizer, não deveria – alterar essa relação fundamental (Copland, 1961:13/14 tradução minha)

Os ouvintes estão conscientes, claro, mas é a sua imaginação que está a operar sob a superfície consciente e, em grande parte, para além do seu controle. É a sua imaginação que está a estruturar criativamente as experiências auditivas e a interpretá-las através de processos cognitivos/narrativos. Todos os ouvintes são assim hermeneutas incondicionalmente e as suas construções de sentido são reacções às experiências auditivas; mas eles são também, ao mesmo tempo, participantes num ritual que está mergulhado num contexto cultural, onde reacções ao meio envolvente, convicções, expectativas e marcas emocionais pessoais que possam estar relacionadas com os acontecimentos nas *performances*, são igualmente inconscientes na sua maior parte e serão por isso também factores que alimentam as suas narrativas ou os seus jogos individuais de *faz-de-conta*.

Posto isto, podemos afirmar que não é só *conhecimento àcerca* da música que alimenta a nossa interpretação musical ou fantasia, mas, em traços largos, é tudo o que possa estimular a nossa reacção afectiva com a música – reacções emocionais/afectivas ao conteúdo das notas de programa, o contexto histórico ou o estilo da obra; memórias emocionais de experiências passadas disparadas por associação livre a qualquer momento durante a *performance* musical; reacções miméticas e emocionais aos movimentos e acções dos *performers*; ou, simplificando, o que quer que apareça na mente do ouvinte durante o processamento mimético causado pelas acções dos *performers* e pelos outros estímulos do meio envolvente, e que o ajude a desenvolver a sua narrativa pessoal:

Se a música tem qualquer coisa de especial, é talvez não tanto porque a experiência auditiva invoca alguns poderes cognitivos especiais, mas porque os estímulos musicais são por natureza incoerentes e incompletos; a música não é um mundo autónomo, independente. Um ouvinte tem que invocar uma *plethora* de analogias, metáforas e memórias de modo a produzir um sentido coerente do ambiente sonoro, e o próprio esforço para conseguir essa coerência pode ser só por si uma experiência emocional (Lavy, 2001: 208 tradução minha).

Sintetizando, para que a comunicação musical aconteça, os gestos produzidos pelos *performers* devem encontrar os ouvintes adequados, isto é, ouvintes que sejam capazes de preencher duas condições: em primeiro lugar, eles devem estar cognitivamente equipados para reagir mimeticamente às acções dos *performers*, e, em segundo lugar, eles devem estar social e culturalmente motivados para fantasiar sobre essas reacções miméticas.

Ao olhar só para as partituras, para as notas e as suas relações, os formalistas ou os estruturalistas falharam o complexo processo de produção de sentido e a rica dimensão comunicacional da música. Os *performers* nunca poderiam fazer estas manobras redutoras. Esta discrepância levou Rosen a escrever ironicamente que “a musicologia está para os músicos como a ornitologia está para os pássaros” (Rosen, 1994: 72). Como profissionais, os *performers* são constantemente confrontados com a exigente e crua realidade do ritual da *performance*. Para os *performers*, a música é inseparável de uma atitude dramática na comunicação: “no que diz respeito aos *performers*, basta-nos observar as suas expressões faciais para ver que o seu profundo envolvimento é com sentimentos e emoções durante as *performances*” (Berenson, 1993: 64). A abordagem que eles fazem da música que vão tocar é sempre “uma narração esteticamente orientada de acção dramática” (Maus, 1997:129). Os *performers* sabem, em virtude da sua longa experiência artística, como os ouvintes compreendem e como podem chegar a interessar-se pelos sons musicais, apesar das suas idiossincrasias.

De tudo o que foi escrito até aqui, podemos concluir que, no processo comunicacional da música, os ouvintes, para compreenderem os gestos musicais representados pelos *performers*, têm que re-representá-los naquilo que parece ser uma narrativa de acção dramática. Nos termos de Hatten (1999), os ouvintes inferem da música uma acção ou *actuação implicada na representação de um drama ou de uma história*. Estas inferências são subjectivas obviamente e acontecem em processos íntimos, introspectivos de reacção psicológica às acções da música; mas, Walton (1997) fez notar que há fortes razões para associar música expressiva com comportamento humano expressivo:

Onde há um comportamento há alguém que se comporta, um agente. Se a música representa uma instância de comportamentos calmos ou agitados ou determinados, ela representa, pelo menos indirectamente, alguém a assim comportar-se. Portanto, o mundo ficcional contém entidades, agentes fictivos anónimos, quer os sons sejam ou não eles próprios as suas personagens (Walton, 1997:63).

Watt & Ash (1998) sugeriram, com base numa investigação psicológica sobre o sentido em música, que a acção psicológica da música nos ouvintes é “semelhante à acção de outra pessoa... quando a música é percebida, são-lhe imputados atributos que normalmente seriam atribuídos a uma pessoa... Falando livremente, a música cria uma pessoa virtual (...)” (Watt & Ash, 1998: 49 tradução minha).

Investigando em áreas diferentes das dos autores acima referidos, parece que Hatten (1999), Watt & Ash (1998), e Walton (1997) defendem a mesma reivindicação teórica de que os ouvintes têm um papel activo e criativo na percepção da música, isto é: “... um envolvimento activo e imaginativo com a obra [musical] que permite ao ouvinte ouvir qualidades que estão para além dos atributos materiais dos sons (Cumming, 1994: 15).

Os elementos do público de uma *performance* musical estão a processar em tempo real uma *descrição não-verbal de segunda ordem* (nos termos de Damásio 1999) sobre as mudanças que os seus organismos sofrem quando tentam representar ou fazer sentido das experiências auditivas que os afectam. Porque esta descrição não-verbal tem de ser alimentada com informação oriunda da memória das suas experiências físicas/corporais individuais para construir a representação, ela pode ser vista como uma *introspecção contínua* focada nos ajustamentos fisiológicos motores ou emocionais, que estão profundamente enraizados e são produto do nosso “Inconsciente Cognitivo” (cf. Lakoff & Johnson, 1999). Walton descreve esta típica intimidade introspectiva que nós vivemos durante as nossas experiências musicais:

Eu sinto-me íntimo com a música – mais íntimo até do que no mundo da pintura. O mundo da pintura está *lá fora*, qualquer coisa que eu observo com uma perspectiva de exterior. Mas é como se eu estivesse dentro da música, ou ela dentro de mim. Em vez de ter uma relação objectiva e sem-perspectiva com o mundo da música, parece que eu me relaciono com ela de um modo mais pessoal e subjectivo (Walton, 1997:71/2).

Uma vez que o foco não está “lá fora”, mas nos ajustamentos fisiológicos motores ou emocionais, isto é, na sucessão de reacções miméticas às acções musicais (que parecem afectar-nos como se fossem acções de uma pessoa), o processo de ouvir música tende naturalmente a não envolver elevados níveis de estruturação consciente.

Posto de um modo mais simples, quando ouvimos música nós estamos talvez (inconscientemente) mais a *imaginar fazer e experimentar coisas* do que (conscientemente) a *representá-las* ou a *pensá-las*.

Esta atitude estética, esta maneira dinâmica de ler a música implica a tendência para suspender o processamento da informação que vem da memória de longa duração, ou, para usar os termos de Damásio, da “consciência expandida” (*-extended consciousness*; cf. Damásio, 1999).

Consequentemente, pode concluir-se que a actividade envolvida em ouvir música tende a ser processada por operações da memória de curta duração e, portanto, da responsabilidade da “consciência nuclear” (*-core consciousness*; ibidem). O que implica, por sua vez, que as fantasias conscientes que ocorrem durante a *performance* são meramente *efeitos de superfície*.

Estou de acordo com Walton (1997) quando diz que “a música induz representações imaginativas ou fantasias”, mas se o efeito da memória de curta duração é plausível, então eu queria agora sugerir que estas representações imaginativas ou fantasias não duram o suficiente para ganhar consistência. Ao nível do consciente, elas são associações subjectivas ancoradas na *contínua* modelação e estruturação que acontece abaixo do nível de consciência e que resulta, claro, das reacções *contínuas* aos acontecimentos musicais.

Estou a levantar a hipótese de que estas representações imaginativas ou fantasias, que são aparentemente desorganizadas e incoerentes, encontram a sua coerência relacional nas incrivelmente complexas formas de pensamento que são executadas automaticamente e sem esforço aparente, abaixo do nível da consciência. Porque as representações imaginativas, durante as nossas experiências musicais, não envolvem elevados níveis de estruturação consciente (sendo portanto efeitos de superfície, prazeres efémeros processados pela consciência nuclear e memória de curta duração), elas não deixam mais do que traços ténues e leves; frequentemente nada mais do que marcas emocionais.

Esta será a razão por que resulta sempre tão frustrante tomar estas representações imaginativas como a essência do sentido musical. De facto, a lógica das suas relações, isto é, as causas relacionais que determinam as suas conexões parecem escapar ao nosso controle consciente. Esta hipótese está baseada mais em ideias teóricas e não tanto em dados empíricos; no entanto, os ouvintes de música relatam constantemente nada mais do que impressões ou fragmentos de narrativas mais ou menos elaborados conforme os seus respectivos níveis culturais (cf. Kivy 1990), isto é, impressões vagas.

Como mostra a evidência produzida quer pelos neurologistas quer pelos psicólogos cognitivos (cf. Damasio 1999, Donald 1991, Cox 2001), a informação emocional chega ao cérebro de um modo muito directo, mas escapando muitas vezes ao controle da consciência.

Isto quer dizer que a informação emocional e/ou o fluxo emocional revelados pelos gestos musicais podem ser percebidos e processados a níveis abaixo da consciência. Porque o conteúdo emocional tem certamente um papel determinante a desempenhar nas experiências auditivas, podemos inferir que a *essência da experiência musical de um ouvinte não passa pelo controle da sua consciência*. A hipótese de que as nossas experiências musicais são determinadas em grande parte pelas nossas operações cognitivas inconscientes deve ser seriamente tomada em consideração.

Para aprofundar este ponto, será útil discutir a comparação de Walton entre a apreciação ou escuta musical e a apreciação de pintura ou de literatura. Walton escreveu:

A apreciação da música é uma experiência mais pessoal e privada do que a apreciação da pintura ou da literatura. Ouvir música é mais como sonhar; a nossa actividade imaginativa é largamente solitária. Tu e eu, ficcionalmente, NÃO notamos ou apreendemos qualquer coisa e mais tarde comparamos as nossas atitudes, respostas e reacções quando assistimos a um concerto juntos como podemos fazer se olharmos para uma pintura juntos ou lermos o mesmo romance (Walton, 1990: 336).

A apreciação de pintura e de literatura permite a possibilidade de, respectivamente, olhar e ler

recorrentemente, o que quer dizer que a nossa atenção tende a ser desviada da introspecção. Na música e claro, em todas as artes performativas, a experiência recorrente não é de todo impossível, dada a sua natureza temporal. Palavras ou comentários verbais parecem, na verdade, integrar mais pacificamente a apreciação de pintura e de literatura, não só, claro, no âmbito da sua crítica profissional respectiva, mas também no âmbito das fantasiosas construções narrativas individuais e *pessoais*. O facto de a música não poder ser parada para se poder reflectir sobre ela, ou ser o objecto de uma escuta recorrente, ou permitir construções narrativas *verbalmente* partilhadas, reforça o ponto de vista de Walton.

A apreciação musical parece ser mais *introspectiva* porque ela requer um tempo de duração “indizível” para se revelar. Um olhar e uma leitura recorrentes permitem comunicar (verbalmente) a nossa apreciação de pintura ou de literatura, e, de facto, não importa se se está a partilhar ou não essas impressões com outra pessoa ou se se está só a reflectir. Isto constitui uma diferença decisiva e crucial na apreciação das artes. Na pintura e na literatura há tempo para elaborar ou envolver níveis mais elevados de estruturação consciente; há tempo para simbolicamente carregar ou densificar as nossas experiências estéticas. Eventualmente, há até tempo para trocar comentários verbais; e tudo isso significa que somos capazes de envolver a memória de longa duração nas nossas construções de narrativas pessoais. Mas na música, nós *não temos tempo* de elaborar verbalmente sobre as *continuidades gestuais* (ver Hatten, 1999) exibidas pelas *performances*. Temos que acompanhar o *fluir* da música. Nós temos que continuar a reagir continuamente à sua superfície em constante mutação, seguindo atentamente (e introspectivamente) as mudanças que ela provoca dentro de nós, nos nossos corpos.

Neste tipo de experiência, a memória de longa duração parece não estar a registar as experiências pessoais à medida que elas acontecem. Os participantes do ritual musical abrem-se para os seus múltiplos *stocks* de impressões vividas, emoções, movimentos corporais, etc., enquanto o inconsciente cognitivo opera:

Na medida em que os estados emocionais estão ligados a estados musculares, e a memórias associadas de estados semelhantes e aos seus contextos, nós podemos compreender melhor, por exemplo, as dinâmicas de tensão e relaxamento na música: o crescendo de tensão numa determinada música não é simplesmente uma propriedade da própria música, mas antes uma tensão que nós sentimos em grande parte como resultado da nossa participação mimética. (...) Isto acontece porque nós normalmente imaginamos (a maior parte das vezes inconscientemente) como seria reproduzirmos os sons que estamos a ouvir (Cox, 2001: 204/5).

Este tipo de experiência, em que a percepção e o processamento cognitivo/narrativo dos “sons-em-contexto” escapa ao controle da consciência, Deleuze e Guattari (1980) denominam *devir*. “Devir” é, portanto, profundo envolvimento musical que acontece quando os gestos musicais despertam reacções miméticas contínuas nos ouvintes, provocando complexos processos narrativo/cognitivos que se alimentam da informação acumulada nos *stocks* da experiência física/corporal e que são inacessíveis ao controle da consciência. Por outras palavras, “devir” refere-se a processos de actividade narrativa/cognitiva na qual a origem física/corporal do sentido é intimamente e introspectivamente revelada ao eu-consciente, embora desta forma obscura e indirecta de vagas impressões fantasiosas e inconsistentes, como efeitos de superfície.

Assim, em primeiro lugar, eu estou a propor a hipótese de que as experiências musicais envolvem a *revelação* temporal, processual e dinâmica daquilo que pode ser postulado por estas duas premissas: a existência de *stock* de conhecimento baseado na experiência física/corporal (primeira premissa) que corresponde a um *stock* de afectos acumulado na experiência física/corporal (segunda premissa). Assim, todo o sentido e compreensão estão enraizados nesta base física e emocional, mas a música parece ter o poder de tornar-nos conscientes desse facto. A música parece ser capaz de provocar processos introspectivos (embora temporariamente) nos quais o trabalho inconsciente da imaginação e os seus processos narrativos são revelados, ainda que em *derradeiros estados utópicos*.

Em segundo lugar, baseado na discussão sobre apreciação musical, parece que a capacidade da música de provocar experiências de “devir” é um denominador comum às experiências musicais mais recompensadoras quer nos ouvintes e quer nos *performers*.

Berenson (1993) escreveu que “a diferença entre *performers* e ouvintes é que os primeiros normalmente interpretam para os ouvintes, e os segundos interpretam em primeira instância para eles próprios” (Berenson, 1993:61). Dentro do contexto da hipótese teórica que aqui proponho, eu gostaria de rephrasar o que Berenson escreveu: a diferença significativa entre os processos de revelação íntima dos *performers*

e os dos ouvintes é que os dos primeiros são pública e intencionalmente manifestados, enquanto que os dos últimos são privados e introspectivos. Deste modo, eu estou a considerar que o “devir” pode acontecer também nos processos de revelação íntima dos *performers* e isto parece-me razoável, já que temos fundamentos para afirmar que ambos, *performers* e ouvintes, estão a vivenciar os mesmos acontecimentos musicais, a mesma realidade, embora em diferentes perspectivas: os primeiros produzindo os gestos musicais e os outros reagindo a eles. Ambos parecem estar de algum modo a capturar o mesmo nível de produção de sentido, que opera abaixo do nível do eu-consciente, e a revelar as estruturas da experiência física/corporal. Assim, haveria um nível nas nossas experiências musicais que seria *objectivo* ou, pelo menos, *inter-subjectivo*. Neste nível, não é tanto o mesmo sentido que é partilhado, mas sim o mesmo processo de produzir sentidos não-verbais musicais. Estes sentidos só são expressados (pelos *performers*) ou percebidos (pelos ouvintes) no âmbito de uma experiência *quasi-corporal* (cf. Tarasti, 1997).

Chegado a este ponto, proponho-me apresentar, em síntese, a hipótese teórica que descreverá como pode ser compreendida a comunicação musical ou a *performance* musical, não procurando produzir uma definição conceptual, mas descrevendo-a como *processo contextualizado e temporal*. Tendo elaborado sobre duas premissas, -

I) a existência de um *stock* de conhecimento baseado na experiência física/corporal onde toda a produção de sentido tem a sua origem;

II) a este *stock* de conhecimento corresponde um *stock* de afectos também baseado na experiência física/corporal

- e tendo discutindo o trabalho de numerosos investigadores de diferentes áreas de conhecimento, creio poder afirmar ter levado a cabo uma pesquisa teórica interdisciplinar que me conduziu à rejeição das teorias mais tradicionais sobre a significação ou produção de sentido, argumentando a favor de uma teoria alternativa. Esta teoria alternativa sobre a produção de sentido, que demonstrou ser fundamental na compreensão do sentido musical e da comunicação musical, pode ser sistematizada e sintetizada pelos seguintes cinco princípios:

1. Há um trabalho do inconsciente cognitivo que fundamenta toda a produção de sentido, sendo que a capacidade de produzir narrativas emocionais acompanha a cognição humana desde as suas primeiras manifestações.

2. A imaginação opera em todos os níveis de actividade cognitiva, seja ela consciente ou inconsciente (aproximadamente 95% da nossa actividade cognitiva é inconsciente), alicerçando e fundamentando, inclusivamente, as formas mais elaboradas de conceptualização e raciocínio.

3. A imaginação opera seguindo uma lógica emocional (“it is coherent if it feels right”), sendo a construção das narrativas emocionais no âmbito da linguagem gestual a base original de onde emergiram todas as linguagens (verbais ou musicais). É a nossa experiência estruturada emocional e *cinesteticamente* que simultaneamente alimenta e condiciona o jogo livre da imaginação na construção do conhecimento e em todos os actos de comunicação.

4. Os sentidos da linguagem gestual são sentidos simbólicos enraizados na experiência física/corporal *por definição*, o que implica que eles tenham de ser representados quando são produzidos pelos intérpretes e re-representados pelos ouvintes para serem compreendidos.

5. O ritual da comunicação musical parece ser inerentemente cinestético e inter-modal e, portanto, intrinsecamente gestual: -

a) Os ouvintes parecem reagir mimeticamente às acções ritualizadas dos *performers*, representando ficcionalmente a partir delas as suas narrativas emocionais e pessoais, num processo de introspecção contínua e criativa.

b) Os *performers* parecem representar presencialmente as suas narrativas emocionais co-activadas, reagindo *no momento* ao ritual da *performance* musical, num processo de improvisação contínua e criativa.

Se, no quadro da Utopia, nos parecem inatingíveis quer o regresso ao paraíso das origens quer o advento da terra prometida num mítico futuro, estão pelo menos ao nosso alcance esses momentos derradeiros de eternidade no presente que a música faz acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcantara, P. (1997), *Indirect Procedures: A Musician's Guide to the Alexander Technique*, Oxford: Oxford University Press.
- Barthes, R. (1985), *The Responsibility of Forms*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California.
- Berenson, F. M. (1993), "Interpreting the emotional content of music" in Krausz (Ed.) *The Interpretation of Music: Philosophical essays* (pp. 61-72) Oxford: Oxford University Press.
- Berman, L. (1993), *The Musical Image: A Theory of Content*, Greenwood Press, Westport, Connecticut, London.
- Blood, A. J.; Zatorre, R. J.; Bermudez, P.; & Evans, A. C. (1999), "Emotional responses to pleasant and unpleasant music correlate with activity in paralimbic brain regions" in *Nature Neuroscience*, April 1999 Volume 2, Number 4, pp. 382-387.
- Boal, A. (1992), *Games for Actors and Non-Actors* (2nd ed.), London: Routledge.
- Cook, N. (1990), *Music, Imagination and Culture*. Oxford: Clarendon Press.
- Cook, N. (1998), *Music: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Cook, N. (1999), "Words about music, or analysis versus *performance*" in P. Dejans (Ed.) *Theory into Practice: Composition, Performance and the Listening experience* (pp. 9-52) Leuven: Leuven University Press.
- Cook, N. and Everist, M. (Eds.) (1999), *Rethinking Music*, Oxford, Oxford University Press.
- Copland, A. (1961), *Music and Imagination*, Cambridge, Mass.
- Correia, J. S. (1999), "Embodied meaning: all languages are ethnic..." in *Psychology of Music*, 27, pp. 96-101.
- Cox, A. (2001), "The mimetic hypothesis and embodied musical meaning" in *Musicae Scientiae*, Fall 2001, Vol V, pp. 195-212.
- Csikszentmihalyi, M. (1990), *Flow: the Psychology of Optimal Experience*, New York: HarperCollins Publishers.
- Damasio, A.; Grabowski, T.; Damasio, H.; Bechara, A.; Ponto, L.; & Hichwa, R. (1998), "Subcortical and cortical brain activity during the feeling of self-generated emotions", in *Nature Neuroscience*, October 2000 Volume 3, Number 10, pp. 1049 - 1056.
- Damasio, A. (1999), *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. Orlando: Harcourt Brace.
- Davidson, J. W. (1993), "Visual perception of *performance* manner in the movements of solo musicians", in *Psychology of Music*, 21, pp. 103-113.
- Deleuze, G. (1969), *Logique du Sens*, Paris: Les Éditions de Minuit.

- Deleuze, G. and Guattari, F. (1980), *Mille Plateaux*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- Derrida, J. (1973), "La Mythologie Blanche: La métaphore dans le texte philosophique", in *Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires*, Éditions du Seuil, Paris, Deuxième année, Avril, Numéro 2, pp. 1-52.
- Donald, M. (1991), *Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition*, Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts. London, England.
- Dufrenne, M. (1973), *The Phenomenology of Aesthetic Experience*, trans. Edward Casey. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Green, Barry e W. Timothy Gallwey (1986), *The Inner Game of Music*, Doubleday
- Hatten, R. (1999), *Musical Gesture* On-line lectures, Cyber Semiotic Institute, University of Toronto. URL: <http://www.chass.utoronto.ca/epc/srb/cyber/hatout.html>
- Higgins, K. M. (1997), "Musical Idiosyncrasy and Perspectival Listening" in J. Robinson (Ed.), *Music and Meaning* (pp. 83-102). New York: Cornell University Press.
- Johnson, M. (1987), *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kivy, P. (1990), *Music Alone: Philosophical Reflections on the Purely Musical Experience*, Ithaca: Cornell University Press.
- Kramer, L. (1984), *Music and Poetry: The Nineteenth Century and After*. Berkeley: University of California Press.
- Kramer, L. (1990), *Music as Cultural Practice*. California: University of California Press.
- Lakoff, G. (1987), *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago: The University Chicago Press.
- Lakoff, G. and Johnson, M. (1980), *Metaphors We Live By*, Chicago: The University Chicago Press.
- Lakoff, G. and Johnson, M. (1999), *Philosophy in the Flesh: the Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York: Basic Books, Inc.
- Langer, S. (1953), *Feeling and Form: A Theory of Art*. New York: Charles Scribner's Sons.
- Lavy, M.M. (2001), *Emotion and the Experience of Listening to Music: A Framework for Empirical Research*. Tese de Doutorado a Publicar, Jesus College, Cambridge, April 2001.
- Levinson, J. (1993), "Performative vs. Critical Interpretation in Music" in J. Krausz (Ed.) *The Interpretation of Music: Philosophical Essays* (pp. 33-60). Oxford: Oxford University Press.
- Maus, E. F. (1997), "Music as Drama" in J. Robinson (Ed.), *Music and Meaning* (pp. 105-130) New York: Cornell University Press.
- McClary, S. (1990), *Feminine Endings: Music, Gender and Sexuality* Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Merleau-Ponty, M. (1945), *Phénoménologie de la perception* Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1962), *The Phenomenology of Perception*, trans. C. Smith. London: Routledge & Kegan Paul

- Nicolet, A. (1996), "Le souffle de l'enseignement: Entretiens avec Marc Anger" in *Traversières: La Revue Officielle de L'Association Française de La Flute*, Printemps/Été 1996, N° double 19/53-20/54, pp. 31-68.
- Piaget, J. (1969), *The Child's conception of time*, London: Routledge & Kegan Paul (trans. A. J. Pomerans).
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1969), *The Psychology of the Child*, translated by H. Weaver. New York: Basic Books, Inc.
- Pierce, A. (1994), "Developing Schenkerian hearing and performing" in *Intégral*, 8, pp. 51-123.
- Polanyi, M. (1966), *The Tacit Dimension*, Garden City, New York: Doubleday & Co., Inc.
- Proust, Marcel, (2003), *In Search of Lost Time*, Modern Library
- Repp, B. H. (1993), "Music as motion: A synopsis of Alexander Truslit (1938) *Gestaltung und Bewegung in der Musik*", *Psychology of Music*, 21, pp. 48-72.
- Rink, J. (1995), *The Practice of Performance*. Cambridge: Cambridge University Press
- Rizzolatti, G. & Arbib, M. (1998), "Language within our grasp", in *Trends in Neuroscience*, 21, (5), pp. 188-194.
- Robinson, J. (1994), "The Expression and Arousal of Emotion in Music" in *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 52, (1): pp. 13-22.
- Robinson, J. (1997), "Introduction: New Ways of Thinking about Musical Meaning" in J. Robinson (Ed.) *Music and Meaning* (pp. 1-20) New York: Cornell University Press.
- Rosen, C. (1994), *The Frontiers of Meaning: Three informal Lectures on Music*, USA and Canada: Harper Collins Canada Ltd.
- Saussure, F. (1974), *Course in general linguistics*, translated by Wade Baskin (1916). Peter Owen (Ed.), London.
- Scruton, R. (1983), *The Aesthetic Understanding: Essays in the Philosophy of Art and Culture*. London: Methuen.
- Sheets-Johnstone, M. (1990), *The Roots of Thinking*, Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Small, C. (1998), *Musicking: the meanings of performing and listening*. Hanover and London: Wesleyan University Press, published by University Press of New England.
- Swanwick, K. (1999), *Teaching Music Musically* London: Routledge.
- Tarasti, E. (1997), "The Emancipation of the Sign: On the Corporeal and Gestural Meanings in Music", in *Applied Semiotics/Sémiotique appliquée, A Learned Journal of Literary Research on the World Wide Web*, Issue no. 4/1997.12 (pp. 176-265). University of Toronto: French Department.
- Tolbert, E. (2001), "Music and Meaning: An Evolutionary Story", in *Psychology of Music*, vol. 29, pp. 84-94.
- Trevarthen, C. (1999-2000), "Musicality and the intrinsic motiv pulse: Evidence from human psychobiology and infant communication", in *Musicae Scientiae*, Special Issue, pp. 155-215.
- Walton, Kendall L. (1990), *Mimesis as Make-Believe: On the Foundations of the Representational Arts*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts. London, England.
- Walton, K. L. (1997), "Listening with Imagination: Is Music representational?" in J. Robinson (Ed.), *Music*

and Meaning (pp. 57-82), New York: Cornell University Press.

Watt, R. J. and Ash, R. L. (1998), "A psychological investigation of meaning in music" in *Musicae Scientiae*, vol. II, Spring, pp. 33-53.

ⁱ Para consultar exemplos de tais relatos ver Davidson 1997 e Csikszentmihalyi 1990.

Rosa Soares Nunes

(Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto)

Citação: Rosa Soares Nunes, "Solar de Mateus, à conversa sobre educação e utopia", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Por definição a utopia nunca atinge o que se propõe atingir. Como qualquer objecto arremessado à distância, vai, por força da inércia, perdendo a energia do arranque, até à inacção. Porém, antes que as resistências da gravidade a imobilizem, outra se instala na onda dinâmica antecedente, como que a tomar o testemunho da primeira que apenas realizou parte do seu objectivo. Assim, sucessivamente, até ao fim da História

José Soares, *Poarte/Navegar Contra o Vento*

O percurso da humanidade é um encadeado de proposições utópicas. Até à última utopia a haver. Apesar de avisada de que a ideia de progresso que implicava que o depois era explicável em função do antes se afundou, de certo modo, nos recifes do século XX, como o fim das esperanças e ilusões que tinham acompanhado a travessia do séc. XIX (Augé, 1994: 31, 32), as utopias não acontecem à margem da História. Assim se compreende que a ideia de utopia, ainda que não nomeada, seja muito mais antiga do que a ficção de More. Sem recurso a grandes recuos, basta pensar na biografia de Licurgo feita por Plutarco, onde é feita uma descrição idealizada de Esparta, ou nas lendas gregas, nas medievais nórdicas, nas célticas e nas árabes, ou ainda na descrição de um paraíso terrestre no Oceano Ocidental – a Atlântida.

Tudo na procura da felicidade, ou seja, “do encontro do equilíbrio possível entre a dor de viver e o prazer de estar” (idem, 102).

A natureza prospectiva da educação, plasmada na imprevisibilidade e na incerteza do desenvolvimento, remetem-na para a condição utópica de um fazer com raiz de sonho (que é o entendimento que tenho de projecto), paradoxalmente antiprojectual, se tivermos por referência um quadro funcionalista. Daí que, a este respeito, me entenda com Boaventura de Sousa Santos no seu intento de articular o sentido teleológico que o remete para um certo pragmatismo (mais Deweyano do que Rortiano) com a sua auto-assumida condição utópica. Afinal, em todos os tempos a utopia é para dar conta do desacerto do mundo. Em todos os tempos.

Descrita a Alegoria da Caverna a um auditório tão atento e receptivo como o é Glauco, Platão explica que “a educação não é aquilo que muitos proclamam. Pretendem, com efeito, depositar o saber na alma, onde ele não existe, como se se introduzisse a visão em olhos cegos. (...) Assim como a vista não pode voltar-se da obscuridade para a luz, senão voltando todo o corpo ao mesmo tempo, também é com a alma toda que se deve desviar a visão das coisas percíveis até que ela seja capaz de suportar a vista do ser e da parte mais luminosa do ser a que se chama Bem” (Platão: 1970, p.16). E fazendo a analogia entre as faculdades do corpo e as da alma acrescenta:

Mas há uma, a faculdade de conhecer, que parece ter alguma coisa de divino e que não perde nunca o seu poder, e que, conforme a *orientação* que lhe damos, se torna útil e vantajosa, ou inútil e prejudicial. Não reparaste ainda, a propósito dos desonestos, mas espertalhões, como o seu miserável espírito é penetrante e distingue claramente as coisas para as quais se volta? Ele não tem pouca clarividência, mas põe-na ao serviço da sua desonestidade, de modo que, quanto maior é a penetração do seu olhar, pior mal causará. (idem: 16-17)

Ora é o sentido desta orientação que também vai diferenciar a utopia da megalomania: a primeira é um exercício saudável de inquietação que mobiliza a imaginação humana. É o sonho que se expande e se projecta para além das fronteiras do tempo e do espaço, enquanto o delírio megalómano é uma situação mórbida que infla o sonho até o pulverizar no ridículo ou o lançar nos abismos do esquecimento,

quando não mergulha nas lágrimas de inocentes a quem primeiro aliena, destruindo-lhe depois a vontade e o juízo. O primeiro projecta-se como impulsionador da vida; o outro, baseado em enganadoras fantasmagorias, age como retroactor, na ilusão de viajar para a frente.

Dar conta do desacerto do mundo.

Inquietação.

Em todos os tempos.

Sobretudo em consequência das descobertas, uma nova visão do mundo catapultou muito do valor utópico das lendas gregas ou medievais. Mas a ruptura com o senso comum mistificatório, corporizada num novo paradigma científico e societal, não entrava o encaço (antes é propulsora) de novas utopias. Tomás More, dando o nome à coisa, imaginou um mundo com o qual nós fazemos hoje utopia. Ele não propõe a utopia. Ele é a utopia.

O valor da orientação que, em Platão, engendra a bifurcação entre o conhecimento útil e vantajoso e o que é posto ao serviço do oportunismo e da desonestidade, renasce em Tomás More. Descrevendo o reconhecimento dos nativos encontrados pelo português Rafael e os que o acompanhavam, por estes lhes terem dado a conhecer a bússola com que passaram a enfrentar tempestades que antes os deixavam em terra, comenta: “às vezes mais confiantes que seguros; e assim, se se não acautelam, essa excelente invenção que parecia poder beneficiá-los tanto, converter-se-á, por sua imprudência, numa fonte de desgraças” (Morus: 1996, 27). E também aqui me entendo com Sousa Santos sobre os descaminhos de uma ciência que, inscrita no *iluminado* projecto da modernidade, se deixa aprisionar nas malhas de uma regulação mercantil que tudo avassala.

E haverá considerações mais produtivas para a imaginação utópica da educação do que as que nos informam, através de More, que “os utopistas abominam a guerra como coisa brutal e selvática que o homem, contudo, pratica mais frequentemente do que nenhuma outra espécie de animais ferozes”? (idem: 130). À distância de séculos, que orientação temos dado à “faculdade do conhecimento” que inebria Platão? Com que destino temos usado a bússola bem intencionada de Rafael?

“Os utopistas [esclarece More] choram amargamente sobre os louros de uma vitória sangrenta, chegam mesmo a envergonhar-se deles, considerando absurdo comprar as mais brilhantes honras pelo preço do sangue”. Mas é ao preço do sangue que More não se vende à submissão perante a autoridade do papa. Que outro destino podia ter o autor “da demanda por um ideal político que tenha um sistema de educação que seja comunista e que cultive a tolerância e a liberdade” (Blackburn: 289)?

Por este tempo, Tomaso Campanella e Bacon também pagavam caro o arrojo de pensarem para além das fronteiras do tempo e do espaço. E da ordem. E, porque “assim como a vista não pode voltar-se da obscuridade para a luz, senão voltando todo o corpo” (Platão, 1970:16), qualquer utopia educativa que aqui se convoque está inscrita no universo mais vasto de um projecto utópico de sociedade.

Mas em nenhum tempo os tiranos conviveram bem com a utopia. E, fazer valer que a existência de Deus deriva da própria existência humana, no que a ideia que formamos de Deus seria psicológica e não ontológica; defender o uso sábio da ciência e do desenvolvimento tecnológico, através do fim da propriedade privada e da educação para todos, só podiam resultar, em Campanella, em trinta anos de cárcere, nos vinte e seis últimos dos quais escreveu mais de quarenta obras na estreita cela em que permaneceu. Os tiranos são os mais lídimos guardiães da ordem.

Como “o pensamento utópico antecipa sempre muitas das soluções políticas futuras e os seus dilemas, logo no século XVII proliferaram as utopias onde a tradição hermética se combinava com as possibilidades exaltantes da revolução científica em curso” (Santos, 2000: 48). Campanella e Bacon estão no rol dos que “imaginaram sociedades que, por via do uso sábio da ciência, poderiam libertar-se da doença, da fome, da ignorância, da injustiça e do trabalho penoso” (Santos, 2000: 48). Imaginando as virtudes do que propunham a partir de uma conjunção de condições que nunca viriam a realizar-se, o pensamento utópico desta época, nas proposições de Andrea e Campanella, aclara que as novas técnicas científicas só poderiam conduzir à plenitude humana se articuladas com duas condições: a abolição da propriedade privada e a educação de todos os cidadãos (*idem*:49).

Transposto o cabo de muitas tormentas, sucessivamente enfrentadas na tarefa de pensar para além delas, Ivan Illich avisa-nos da infinidade dos possíveis. Nos anos 60/70 do século XX, propondo-se tratar os contornos das mutações que afectam a linguagem, o direito, os mitos e os ritos, no quadro do declínio do modo industrial de produção e da metamorfose das profissões que esse modo de produção engendrou e alimentou, ele tem sobretudo a preocupação de esclarecer que dois terços da humanidade poderiam evitar ainda essa travessia e o condicionamento e a sujeição que ela comportou das pessoas e dos produtos aos seus ditames (quantas vezes pela perversão do sentido primordial de orientação de algumas utopias), se desde então escolhessem outros caminhos fundados sobre um equilíbrio pós-industrial, para o qual as próprias nações sobreindustrializadas vão ser empurradas pela ameaça do

caos. É no âmbito de uma longa investigação sobre o monopólio do modo industrial de produção que começa por centrar a sua análise sobre a instrumentalização da educação, construindo a utopia da desescolarização da sociedade, no pressuposto de que os sistemas escolares modernos são poderosos e eficazes instrumentos de condicionamento que produzirão em série uma mão-de-obra especializada, consumidores dóceis, usuários resignados. Estes sistemas rentabilizam e generalizam os processos educativos à escala de toda a sociedade. Por um lado, eles têm com que seduzir; por outro, têm com que destruir, de forma subtil e implacável, valores fundamentais. Uma sociedade que quisesse repartir equitativamente o acesso ao saber entre os seus membros, como condição do seu reencontro real, deveria reconhecer os limites à manipulação pedagógica e terapêutica que pode ser exigida pelo crescimento industrial, obrigando-nos a manter este sob vigilância crítica (Illich, 1973).

Para Illich, o sistema escolar é o exemplo-tipo de um cenário repetido noutros domínios do complexo industrial: trata-se de reproduzir um serviço, dito de utilidade pública, para satisfazer uma necessidade, dita elementar. E lembra que “no estágio avançado da produção de massa uma sociedade produz a sua própria destruição. A natureza é desnaturalizada. O homem desenraizado, castrado na sua criatividade, encerrado na sua cápsula individual” (idem:11). Precisamos de reconhecer que a escravatura humana não foi abolida com a máquina, antes se reconfigurou. Porque, passada uma certa abertura, o instrumento, de servidor passou a déspota. Passada uma certa abertura, a sociedade tornou-se uma escola, um hospital, uma prisão. Então começa a grande clausura. E torna-se imperioso determinar cada componente do equilíbrio global, essa abertura crítica para ser possível articular, de maneira nova, a tríade milenar: o homem, o instrumento, a sociedade (idem:13).

Illich chama “sociedade convivial” a uma sociedade em que os instrumentos modernos estão ao serviço da pessoa integrada na colectividade e não ao serviço de um corpo de especialistas. *Convivial* é a sociedade em que o homem controla o instrumento e não o homem tornado um acessório da mega-máquina, uma peça da máquina burocrática.ⁱⁱ Só que a sociedade pós-industrial, chamada da informação ou sociedade cognitiva, apresenta todos os ingredientes maximizados de desenraizamento, castração, individualismo, repartição desigualitária das condições de acesso ao conhecimento, com acentuação da injustiça cognitiva, que Illich e outros quiseram nela superados.

Também nos anos 80 do sec. XX, Boaventura de Sousa Santos nos brinda com produção teórica em que deixa transparecer a esperança generosa no desenvolvimento da ciência e da técnica, rumo à idealização do “agir comunicacional”, em que a comunicação entre sujeitos dá sentido à imaginação de uma conseqüente “esfera pública”. A dupla ruptura epistemológica é um empreendimento de desobjectualização, requalificando a condição de sujeito comunicativo pela tendencial elevação da transacção intersubjectiva ao patamar da reciprocidade, horizonte de uma conversação (no sentido Gadameriano) universal.

Mas a repartição desigualitária das condições económicas e sociais que interferem decididamente na emergência de um paradigma comunicacional leva Bourdieu a considerar que a ocultação e recalçamento das condições económicas e sociais a serem preenchidas para a instauração de uma comunicação descentrada e igualitária dão espaço ao privilégio da condição escolástica de universalizar o particular com as conseqüências por ele extraídas: “Conceder a todos, mas de maneira puramente formal, a humanidade, é excluir dela, a coberto do humanismo aparente, todos os que se encontram desapossados dos meios de a realizar” (Bourdieu, 1998: 55).

Mais recentemente, no desenvolvimento dinâmico do seu pensamento, onde se inscreve uma sempre arguta análise da realidade em transformação, Boaventura de Sousa Santos, na crítica à Nova Retórica, vem a desenvolver um argumentário muito próximo desta crítica daquele autor, com o que, de certo modo, se descola da anterior “fé” Habermasiana que antes o distanciava mais de Bourdieu. Plasmando-se a educação no leito da comunicação, funcional ou disfuncional ao crescimento e bem-estar das pessoas e dos grupos, nada desta discussão lhe pode ser alheia. Sobretudo se, mais pragmaticamente, nos reconhecermos no jogo de incompletude que nos avassala, abrindo a janela mais relacional da *heterotopia*, e mesmo da *exotopia*, não deixando alternativa a convocar o conceito Bakhtiniano de *exterioridade*, já que é através do olhar dos outros que eu me construo enquanto imagem de mim própria. E quando olhamos para o espelho, é sempre falso o que vemos porque não vemos o que os outros vêem, quando nos vêem. O que remete para a determinação da nossa condição dialógica, à revelia da qual não vejo modo de pensar a heterotopia.

Então, vislumbrando Foucault,:

As utopias consolam porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso e liso: abrem cidades de vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico.

Ao passo que as heterotopias inquietam, sem dúvida porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque quebram os nomes

comuns ou os emaranham, porque de antemão arruinam a sintaxe, e não apenas a que constrói as frases mas também a que, embora menos manifesta, faz manter em conjunto as palavras e as coisas (Foucault, 1991: 50).

Daí que, por se situarem na própria linha da linguagem, na dimensão fundamental da fábula, as utopias permitam as fábulas e os discursos; enquanto “as heterotopias dissecam o assunto, detêm as palavras sobre si mesmas, contestam, desde a sua raiz, toda a possibilidade de gramática” (idem: 50).

Em *Boaventura* de Sousa Santos, o texto “Não disparem sobre o utopista”ⁱⁱⁱ é a utopia da heterotopia. Dizendo de outro modo, a heterotopia é, de algum modo, a utopia de S. Santos. Para ela mobiliza a “pulsão utópica” que já norteou outros textos. Tornou possível o seu aprofundamento, avança hoje mais na identificação de novos caminhos emancipatórios: “Não pretendo propor uma utopia propriamente dita, mas antes uma heterotopia. Em vez da invenção de um lugar situado algures ou nenhures, proponho uma deslocação radical dentro do mesmo lugar: o nosso” (Santos, 2000: 48).

Uma “sociologia das ausências”^{iv} é, por natureza, heterotópica. Ao contestar a confinação da realidade à realidade tal qual ela está constituída, S. Santos contesta a gramática estabelecida dessa realidade, tenta “dissecar o assunto” mas, em vez de contestar “toda a possibilidade de gramática”, apela a uma outra gramática: “Se não houver um princípio de estruturação e de organização, não há um enquadramento estratégico para a emancipação” (Santos, 2000:309). É nisto, quer parecer-nos Foucault muito mais pós-moderno do que *Boaventura*.

Mas é de dentro do nosso lugar, da intimidade da minha sala de aulas onde está contido o universo, que quero terminar, com um registo antigo, dos que aconteciam no vagar do entardecer de cada dia, e partilhado noutra ocasião.

As aulas começam às nove.

Mas eles chegam devagar.

Não vêm os quatro juntos. Vão chegando e distribuindo-se pelas turmas de pertença, esquecidos de um ritmo marcado ao som da campainha.

As noites são longas. Pela madrugada adentro, tudo no meio da rua, só lá fica a mãe para rebentar de pancada. O vinho? a droga?, dizem as mães de alguns.

O meu (o M.) está sob a mira de todo o corpo docente, de todo o corpo auxiliar, da associação de pais (dos seus bem comportados dirigentes) e, agora, por via de fazer peito a quem, na escola, do alto do seu poder, destratou o irmão mais pequenino, também da Junta de Freguesia, reclamada a (com a sua autoridade democrática) facilitar o processo da sua expulsão.

Hoje, à entrada, havia um gato no recreio.

Andavam à volta dele e o gato não fugia.

Por artes do M., quando cheguei à sala já o gato lá estava.

Os outros não tinham conseguido. Mas ele, ameigando-o ao colo, transfigurado numa grande ternura, conseguiu convencê-lo.

Quiseram retê-lo na sala. Expliquei que ele ficaria connosco se o tratássemos bem, lhe déssemos de comer e se, sobretudo, não o prendêssemos.

Indaguei da sua opinião quanto à coisa mais preciosa para as pessoas e para os animais: o M. disse que era o comer; o D. que era a liberdade.

Disse-lhes que se o deixassem livre de decidir quando queria estar connosco talvez ele acabasse por ficar.

O gato foi e veio.

Quando, depois do intervalo cheguei à sala, já lá estavam todos (o que não era habitual) e o silêncio era grande: no canto da biblioteca, o gato dormia na manta amontoada para ficar mais fofa.

O gato dorme a sono solto com um pão com manteiga aberto ao pé da boca.

O sol cobre o gato e desliza a manteiga.

De vez em quando vão visitá-lo e de cada vez reforçam o falar baixinho. Há uma harmonia especial na sala. Apesar da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Augé, Marc (1994), *Não Lugares*, Lisboa, Bertand.

Blackburn, S. (1997), *Dicionário de Filosofia*, Lisboa, Gradiva.

Bourdieu, Pierre (1998), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.

Foucault, M. (1991), *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Edições 70.

Illich, Ivan (1973), *La Convivialité*, Paris, Éditions du Seuil.

- Morus, Tomás (1996), *A Utopia*, Lisboa, Guimarães Editores.
Platão (1970), *A República*, Lisboa, Guimarães Editores.
Santos, Boaventura S. (1989), *Introdução a um Paradigma Pós-Moderno*, Porto, Edições Afrontamento.
Santos, Boaventura S. (2000), *a Crítica da Razão Indolente / Contra o Desperdício da Experiência*, Porto, Edições Afrontamento.
Soares, José (2001), *Poearte / Navegar Contra o Vento*, Leiria, Edições Magno.

NOTAS

ⁱ Itálico meu.

ⁱⁱ Rasgando o tempo, na actualidade do Capítulo VI Inédito de *O Capital*, Marx dá conta de que a propriedade privada transforma os meios de produção de simples instrumentos materiais da actividade produtiva humana em fins a que fica subordinado o próprio homem. Assim, não é o trabalhador que utiliza os meios de produção, mas os meios de produção que utilizam o próprio homem. Nesta inversão do sujeito em objecto e vice-versa, nesta subjectivação das coisas e coisificação das pessoas está o sentido da alienação do trabalho e, portanto, da natureza humana.

ⁱⁱⁱ Capítulo 6 de *A Crítica da Razão Indolente* (Santos, 2000)

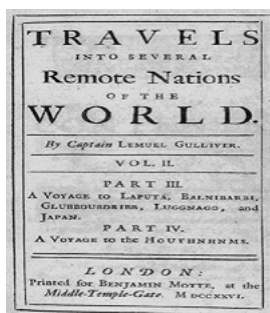
^{iv} Conceito proposto por Boaventura de Sousa Santos.

Carlos de Sousa e Maria Teresa Restivo

(CATIM - Centro de Apoio Tecnológico à Indústria Metalomecânica)

(Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto IDMEC – Pólo FEUP)

Citação: Carlos de Sousa e Maria Teresa Restivo, "Medição Ou Utopia? (parte I)", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.
<<http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>



Those to whom the king had entrusted me, observing how ill I was clad, ordered a tailor to come next morning, and take measure for a suit of clothes. This operator did his office after a different manner from those of his trade in Europe. He first took my altitude by a quadrant, and then, with a rule and compasses, described the dimensions and outlines of my whole body, all which he entered upon paper; and in six days brought my clothes very ill made, and quite out of shape, by happening to mistake a figure in the calculation. But my comfort was, that I observed such accidents very frequent, and little regarded.

Jonathan Swift, *Gulliver's Travels* - Part III: A VOYAGE TO LAPUTA

Medir um homem desmesuradamente grande como é Gulliver entre os Liliputianos, implica alterar o hábito de classificar uma dimensão humana à escala de quem mede. A altura desse humano anormalmente alto poderá passar a chamar-se altitude. Já não se recorre à tradicional fita métrica, mas sim a instrumentos de localização geográfica.

Se Gulliver descrevesse hoje estas medições, quem sabe se falaria da utilização de um sistema GPS?

Por outro lado, medir algo de cujo valor temos uma ideia preconcebida levará a que consideremos mais facilmente o valor que esperamos em vez do realmente medido.

Será então oportuno questionar – e de acordo com o Vocabulário Internacional de Metrologia, (VIM, 1996):

O que é a medição?

Medir, o que é? Será obter um valor tão exacto quanto possível?

Mas o que é “exacto”? E o que é o “possível”?

Para medir são necessários três intervenientes:

- O objecto a medir;
- O instrumento de medição (ou vários);
- O operador (que além de medir vai também calcular).

Ao efectuar uma medição há o recurso a uma experiência prévia, tanto quanto à destreza que o equipamento de medição exige, como aos valores esperados (ordem de grandeza) e às unidades utilizadas (quilómetros, metros, milímetros, micrómetros...).

Mas, além do objecto a medir, há que considerar o instrumento de medição. Ora, o instrumento de medição é por definição algo frágil, sujeito a alterações devidas a condições ambiente e dependente de uma avaliação que teria já sido feita por outro instrumento – o padrão – e esse instrumento é muito caprichoso! Parece dar resultados mais ou menos aceitáveis em função da sua “simpatia” para com o operador. É assim que acontece: o instrumento e o operador estabelecem uma relação de cumplicidade, podendo induzir um resultado função dessa relação.

Temos, portanto, vários binómios:

- Primeiro binómio: “instrumento – operador”;
- Segundo binómio: “objecto – instrumento”;
- Terceiro binómio: “operador – objecto”.

Se juntarmos tudo, mais as condições ambientais, mais os cálculos, então teremos um polinómio bastante complexo!

Quando se obtém o resultado de uma medição, sabemos que isso que obtivemos é somente uma estimativa, eventualmente passível de correcção, com um valor centrado num domínio de incerteza (GUM, 1995)!

Mas será sempre assim?

Não, por vezes é pior!

Por vezes (muito frequentemente) temos um valor e não sabemos a incerteza, o que significa que o valor medido tem pouco significado porque nem sequer sabemos se esse valor está de facto a representar uma boa estimativa.

Pior ainda, muitos bons e notáveis cientistas só conhecem a incerteza de *O princípio da incerteza* da trilogia de Agustina de Bessa Luís, do filme de Manuel de Oliveira ou da peça de teatro *Copenhagen*.

Podemos considerar que o resultado de uma medição nos dá um indicador de posição – o valor central, geralmente uma média aritmética – e um indicador de distribuição, de variabilidade ou de incerteza – geralmente um desvio padrão. Um desvio padrão não, vários! Como se um já não chegasse...

Por outro lado, uma medição raramente nos leva ao resultado imediato; o que é mais corrente é haver necessidade de utilizar os dados (a que chamaremos dados de entrada) para efectuar cálculos que nos levarão ao resultado que melhor representa a mensuranda – grandeza particular submetida à medição. Isto configura aquilo a que chamamos medição indirecta.

Revendo o que falámos, temos mensurandas, objectos a medir, instrumentos a que se recorre para obter a medição, operadores, grandezas de influência (por exemplo, condições ambientais), correcções, cálculos, etc.

Por certo que o leitor já sentiu que não é necessário recorrer a grandes lucubrações matemáticas para desorientar quem se preocupa com a medição: a própria linguagem utilizada na medição pode desorientar qualquer um (incerteza, mensuranda, medida e medição, método de medição e procedimento de medição, padrão, grandezas de influência, ...).

Notará o leitor que, até agora, não se falou de erros! À partida deveria ser o termo com que se deveria começar a falar da medição, pois “medir é errar” (RESTIVO & SOUSA, 2003). Mas falar de erros ou de correcções é a mesma coisa.

A correcção é, por definição, o simétrico do erro. E o erro o que é? É uma diferença algébrica entre um valor obtido por medição e o valor representado por um padrão, padrão esse já com um determinado erro e com uma incerteza associada...!

Se entrarmos aqui com o conceito termodinâmico de entropia, que por palavras simples se poderá dizer que é a tendência que todos os sistemas têm para se encaminharem para o caos, diremos que tantas contribuições convergem para a medição que, inevitavelmente, encaminham essa medição para a entropia!

Mas será que o “caos” e a “ordem” são assim tão diferentes? Será que o caos levado ao limite encaminha para a perfeita ordem? E será que o bom resultado de uma medição e o erro também são antagónicos?

No que respeita ao erro, ele parece ser fundamental para que possamos acreditar no resultado de uma medição – que sabemos já não ser um valor único mas sim um intervalo –, sendo este intervalo tanto maior quanto maior for a incerteza; sabemos também que esta incerteza será tanto maior quantas mais componentes tiver: do objecto a medir, do instrumento de medição, do operador, das condições ambientais, do próprio Murphy...!

É claro que se introduzirmos aqui o Senhor Murphy – o supra-cínico – a utopia para que nos encaminhávamos é imediatamente atingida e fica-nos a pergunta: poderemos medir sem utopia?

Ou será que a resposta é:

A MEDIÇÃO PERFEITA É PERFEITA UTOPIA?

Referências

GUM - Guide to the expression of uncertainty in measurement, BIPM, IEC, IFCC, ISO, IUPAC, IUPAP, OIML, 1995.

RESTIVO, Maria Teresa & Carlos Sousa (2003), "Medir é Errar. Na Indústria, nos Laboratórios de Ensino e de I&D", *Reflectir Bolonha: Reformar o Ensino Superior. Um arquivo documental sobre a construção do Espaço Europeu de Ensino Superior*, Edição Universidade do Porto.

SWIFT, Jonathan, *Travels into Several Remote Nations of the World by Captain Lemuel Gulliver*, <http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/> (texto acedido em Dezembro de 2005).

VIM - Vocabulário Internacional de Metrologia. Termos Fundamentais e Gerais, 2.^a edição, Instituto Português da Qualidade, ISBN 972-763-000-6, Junho 1996.

Marinela Freitas

(Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente “ Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Marinela Freitas, "Procurando O Azul – Entrevista a Ruth Levitas", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Ruth Levitas é hoje um nome incontornável no campo dos Estudos da Utopia. Doutorada pela Universidade de Sheffield e Professora de Sociologia na Universidade de Bristol, na Grã-Bretanha, Ruth Levitas tem dedicado a sua investigação a duas grandes áreas: a da teoria, definição e história do utopismo (com particular atenção à obra de William Morris), e a do pensamento político e social contemporâneo, centrando-se sobretudo nas implicações políticas da pobreza, da desigualdade e da exclusão social. É autora de livros que se tornaram já uma referência para estas áreas de estudo, como *The Concept of Utopia* (1990) ou *The Inclusive Society? Social Exclusion and New Labour* (1998), e é actualmente Presidente da Utopian Studies Society-Europe, Vice-Presidente da William Morris Society e membro da British Sociological Association e da Association of University Teachers.

Nesta entrevista, Ruth Levitas fala-nos do seu trabalho, da sua dedicação à busca de um mundo melhor, do seu desejo de lutar por um espaço de reflexão livre e transformador no mundo universitário, e do seu empenho em incluir a utopia nos gestos mais quotidianos – procurando o azul ... e todas as suas combinações possíveis.

Quando despertou o seu interesse pela utopia?

A escultora Barbara Hepworth escreveu uma vez que achava que aquilo que temos a dizer é formado na infância e que, depois, passamos o resto da vida a tentar dizê-lo. Suponho que tenho de culpar os meus pais, que, de maneira diferente, me mostraram persistentemente que o mundo não tem de ser assim, e que é nossa responsabilidade criá-lo de outro modo. Mais particularmente, quando eu tinha dezassete anos, a minha mãe sugeriu que eu lesse *News from Nowhere*, de William Morris – a mesma edição que ela tinha lido quando era nova, nos anos 30. Penso que este foi um momento decisivo. O texto de Morris começa em Hammersmith, precisamente a zona de Londres onde eu vivia, e onde a minha mãe também vivia quando o leu pela primeira vez. O livro oferecia pois uma visão do meu próprio quotidiano transformado social e espacialmente. *News from Nowhere* permite-nos experienciar quer os mundos sociais quer os mundos físicos tal como eles foram, são, poderão ser ou poderiam ter sido enquanto co-presenças imanentes. Escrevi sobre isto em *Morris, Hammersmith and Utopia* (2002). Na altura em que li o livro pela primeira vez, Hammersmith, como tantos outros locais, estava a ser destruído pelos planeadores. Refiro-me, em particular, a uma estrada principal que foi construída nas margens do rio, nos anos 50, a que se seguiu a construção de uma passagem elevada nos anos 60. A estrada divide o jardim da casa de Londres de William Morris, Kelmscott House; é aqui que hoje se encontra o quartel-general da Sociedade William Morris, da qual tenho actualmente a honra de ser Vice-Presidente. Mas o poder da escrita de Morris reside nessa capacidade de descrever uma sociedade em que gostaríamos de viver e, ao mesmo tempo, de demonstrar a *relação* entre os processos sociais, espaciais, ambientais e económicos.

A Sociologia e o Utopismo têm sido duas áreas de investigação privilegiadas no seu trabalho. Em que medida é que a associação entre elas tem sido produtiva?

Há imensas semelhanças entre a sociologia e a utopia – não apenas a insistência no holismo ou o olhar sobre as interligações entre processos, em que Morris era tão bom. Também há uma tensão, uma vez que a sociologia sempre apregoou a sua objectividade, a sua preocupação com o que é, em vez de com o que poderia ser. A utopia, por outro lado, é precisamente sobre o que deveria ser. Claro que a teoria social, num sentido mais alargado, e por oposição à sociologia enquanto disciplina institucionalizada, tem

sido menos hostil à normatividade. Grande parte do meu trabalho tem realmente seguido duas tendências: a utópica, na qual apenas alguns sociólogos têm mostrado interesse; e a da análise das políticas contemporâneas como a Nova Direita [New Right] nos anos 80 e o Novo Trabalhismo [New Labour] nos anos 90. Para mim, elas sempre estiveram ligadas: a dimensão utópica informa uma leitura crítica distópica do presente e o debate político em prol da mudança. Portanto, é uma tensão criativa, espero eu.

Mas durante algum tempo, nos anos 70 e 80, era muitas vezes difícil para um sociólogo sustentar a ideia de que a utopia era uma área legítima de trabalho. Como muita gente, eu tenho uma grande dívida para com Lyman Sargent por me ter encorajado a persistir, e duvido que tivesse conseguido acabar de escrever *The Concept of Utopia* sem esse encorajamento. Nesse livro, tento estabelecer os diferentes modos como o conceito de utopia tem sido usado, e sugerir uma definição analítica mais alargada, que não esteja limitada pela forma, função e conteúdo. O que estou a tentar fazer agora é demonstrar a relação profunda entre sociologia e utopia em termos de método. H. G. Wells dizia, em 1909, que o próprio método da sociologia é a criação e a crítica exaustiva de utopias. Antes disso, escritores pré-disciplinares como Edward Bellamy, William Morris, Charlotte Perkins Gilman (que se apelidava de socióloga) e o próprio Wells não teriam reconhecido a diferença. Espero que numa era cada vez mais pós-disciplinar seja possível reverter a exclusão por parte da sociologia do seu conteúdo utópico necessário. Não prevejo qualquer problema em convencer os utopistas disto, mas se poderei convencer os sociólogos ou não, isso é outra questão.

A segunda edição do seu livro *The Inclusive Society? Social Inclusion and New Labour* (1998) foi publicada recentemente (com um novo capítulo avaliando os dados do Trabalhismo até 2004). Acredita que a ideia de inclusão social poderá ter um potencial transformativo (e utópico) ou será apenas mera retórica para legitimar as políticas existentes?

A primeira edição de *The Inclusive Society* é extremamente crítica relativamente ao Trabalhismo embora de facto acabe com a esperança de que a retórica da inclusão possa ser redireccionada para um sentido mais sócio-democrático. Nunca acreditei que isto pudesse acontecer com o partido Trabalhista, cuja política foi recentemente descrita como “Balinice” [Blatcherite]. E parte do argumento da segunda edição é que as políticas para combater a versão de “exclusão social” do governo são elas mesmo repressivas e excludentes nos seus efeitos – especialmente, mas não só, a abordagem ridícula ao “comportamento anti-social”. Obviamente na Grã-Bretanha, a inclusão é parte de uma retórica política abrangente, entorpecedora e orwelliana. Quando ouço declarações de Blair ou dos “apparatchiks” que formam o governo, apetece-me gritar. Ao nível europeu, há também uma predisposição para pensar a inclusão em termos de mercado de trabalho. Eu acho que isto é errado, ainda que, se pensarmos na exclusão de outro modo, especialmente na exclusão no âmbito das relações sociais, possamos ver que a pobreza é causal, de tal modo que uma direcção dominante da política deva ser a redução da pobreza e da desigualdade. A desigualdade na Grã-Bretanha piorou com Blair, em vez de melhorar. Não estou certa, no entanto, de que o problema da Grã-Bretanha seja universal. Pondo a questão de outro modo, eu diria que o significado de inclusão social é um produto, assim como um constituinte, da cultura política, havendo portanto espaço para a acção positiva se o governo assim o quiser.

Estive recentemente numa sessão de trabalho no Canadá, onde o governo está a trabalhar no sentido de criar um programa de investigação sobre a inclusão social. Fiquei impressionada com o grau de empenho e debate. Fora dos confins da política da União Europeia, e fora da hegemonia britânica neo-liberal, é perfeitamente possível ter-se uma discussão séria sobre o que a inclusão pode significar em diferentes contextos políticos e sociais. Por outro lado, nós estamos todos tão sujeitos à hegemonia do crescimento económico e do capitalismo global que a inclusão é sempre limitada por ela. A linguagem da inclusão por si só não vai mudar isto. A questão é sempre quem está incluído em quê, e em que termos. Mas se houver outras forças transformativas em jogo, a inclusão poderá ser articulada com uma agenda mais igualitária e democrática.

Sugeri recentemente que a necessidade da utopia está relacionada com uma demanda particular, que condensou nas expressões “procurar o azul” [“looking for the blue”] e “procurar o verde” [“looking for the green”]. Pode falar-nos um pouco mais sobre a natureza dessa demanda?

O termo “procurar o azul” é retirado de uma peça televisiva de Dennis Potter, de 1977, chamada *Pennies from Heaven* [Cêntimos do Céu]. O protagonista central, Arthur Parker, é um vendedor ambulante que vende pautas de canções populares dos anos 30:

Meses e meses tenho trazido estas coisas comigo – estas canções – todas estas lindas canções – eu sempre acreditei nelas. Mas eu não sabia realmente como ou por que é que eu acreditava no que lá estava. Há coisas que são grandes demais ou importantes demais e simples demais para pôr nessa poesia snob, pretenciosa e assim, nos livros e tal – Mas toda a gente as sente... É procurar o azul e o dourado. O padrão do céu azul. O dourado da madrugada, ou da luz nos olhos de alguém – Cêntimos do Céu, é o que é.

[Months and months I've been carrying this stuff around - these songs – all these lovely songs – I've always believed in 'em. But I didn't really know how it was or why it was that I believe in what's in here. There's things that are too big and important and too bleedn simple to put into all that lah-di-dah, toffee-nosed poetry and stuff, books and that – but everybody feels 'em. ... It's looking for the blue, ennit, and the gold. The patch of blue sky. The gold of the bleedin' dawn, or the light in someone's eyes - Pennies from Heaven, that's what it is.]

(Humphrey Carpenter, *Dennis Potter: the Authorized Biography*)

Sirvo-me deste termo para encapsular o tema de Ernst Bloch da falta e do desejo, da origem do impulso utópico, e da busca existencial de uma maneira melhor de ser, assim como a insistência de Bloch na natureza demótica da orientação utópica. Neste sentido, o utopismo está difundido ao longo da nossa cultura declaradamente anti-utópica – mas ele é muitas vezes fragmentário e está geralmente confinado ao que podemos chamar “esfera cultural” da arte, da música, da literatura e da religião. “Procurar o azul” está relacionado com as perguntas com que Bloch inicia o *The Principle of Hope* [*O Princípio da Esperança*]: ‘Quem somos nós? De onde vimos? Para onde vamos? De que estamos à espera? O que espera por nós? Ou, se quisermos, é uma demanda (por vezes secularizada) para compreendermos quem somos nós, por que é que estamos aqui, como nos relacionamos uns com os outros, e o que nos faz genuinamente felizes.

“Procurar o verde” é um termo que usei para assinalar a passagem desta demanda do campo da expressão cultural para o campo da organização social e da luta política – portanto, não é bem o mesmo que a passagem da “esperança desejante” [“wishful thinking”] à “acção plena de desejo” [wish-full action”], embora envolva de facto isso. É antes a passagem do existencial para a questão do tipo de estrutura social que poderá reforçar uma demanda mais bem sucedida e talvez mais inclusiva. E, conseqüentemente, é também a passagem de uma expressão fragmentária para um holismo social. Claro que isto não é apenas sobre literatura utópica. Na verdade, é sobre os modelos implícitos e explícitos da boa sociedade que permeiam e informam a política contemporânea. Disse “procurar o verde” porque a concepção de um modo de vida compatível com a sustentabilidade ambiental é o desafio político crucial com o qual nos confrontamos neste momento. E não vai ser resolvido exortando as pessoas a reciclar garrafas vazias: serão necessárias grandes mudanças na organização da produção e do consumo, ou no que Marx chamou forças e relações de produção.

Em *The Concept of Utopia* (1990), já havia chamado a atenção para a dificuldade em se separar o estudo da utopia da demanda da utopia. Neste sentido, como descreveria o seu próprio trabalho? Encara-o como pertencendo mais ao domínio do “estudo desejante” [“wishful study”] ou ao da “acção plena de desejo” [“wish-full action”]?

Embora esta distinção entre a demanda e o estudo da utopia coloque algumas dificuldades, não estou certa de que a queira ultrapassar. Estudar a utopia sem o empenho da procura de um mundo melhor é capaz de levar, primeiro, a maus livros (o *Faber Book of Utopia*, do John Carey, é um deles), e, em segundo lugar – e mais importante ainda – à falência espiritual. “Estudo desejante” ou “acção plena de desejo”? Não sei... Suponho que o ímpeto de passar da “procura do azul” para a “procura do verde” seja precisamente o processo da *docta spes* ou esperança educada que Bloch identificou com a passagem da utopia abstracta para a concreta.

Mas os actos de escrita e de ensino são um tipo de “acção plena de desejo”. Como o é também a tentativa de influenciar a Direcção da política do Governo, mesmo que de pequenas formas. Por outro lado, devemos ser realistas relativamente ao impacto do trabalho académico, quer na política, quer na cultura política. Muito poucos intelectuais realmente conseguiram mudar alguma coisa, e a maioria dos académicos, incluindo eu própria, não é sequer um intelectual com visibilidade pública. De certo modo, penso que o nosso papel mais importante é o de defender as Universidades como um espaço privilegiado de *reflexão*, para resistirmos ao utilitarismo do conhecimento ou à ideia de que a investigação precisa de comportar benefícios sociais óbvios e imediatos. Na Grã-Bretanha, pelo menos, a cultura actual é tão anti-intelectual – muitas vezes mesmo dentro das universidades. Portanto, a insistência no facto de *isto*

ser importante também se torna um acto político – ainda que bastante pequeno.

Neste momento é presidente da Utopian Studies Society – Europe, da qual foi também um dos membros fundadores. Como é que surgiu a ideia de criar a USS?

Se bem me lembro, The Utopian Studies Society foi fundada em 1988 num congresso sobre a Utopia organizado pela International Communal Studies Association (penso eu), através do Dennis Hardy, e que teve lugar em Edinburg e New Lanark (que, na altura, estava menos restaurado do que agora e não providenciava alojamento). The Society for Utopian Studies existia já desde 1975, e organizava um congresso anual na América do Norte. Mas isto foi antes da era (ecologicamente catastrófica) das tarifas aéreas baratas e da comunicação electrónica. Muitos académicos europeus não podiam custear viagens transatlânticas – e parecia absurdo que não tivéssemos uma rede de comunicação que não fosse através da ida à América do Norte. Houve então uma espécie de decisão colectiva, no bar, no sentido de montarmos uma rede. Penso que estava mais embriagada do que os outros, pois concordei com isso. Sei que o Vince Geoghegan estava lá, por isso a culpa foi provavelmente dele.

Olhando para esse momento inicial, 17 anos atrás, considera que a Utopian Studies Society atingiu os seus objectivos?

Estou muito satisfeita com o facto de a USS ter sobrevivido e se ter tornado, em última análise, numa organização genuinamente europeia, embora eu não tenha muita responsabilidade nisso. Não foi um processo perfeito. Durante alguns anos, no final da década de 80 e inícios da década de 90, a USS foi-se arrastando com uma cota pequena e uma newsletter ocasional enviada por mim pelo correio, enfiada em envelopes por adolescentes subornados, porque eu não tinha apoio a nível de secretariado. Organizámos um ou outro congresso, pequeno, com a duração de um dia. E ela foi relançada no final dos anos 90, quando a Lucy Sargisson organizou um congresso mais apropriado em Nottingham, e que se tornou o primeiro dos congressos anuais que actualmente promovemos. Foi formado um comité formal com a Lucy como Secretária, o Jim Arnold (de New Lanark) como Tesoureiro, e a Lorna Davidson (por vezes também Secretária) a fazer a maioria do trabalho a partir de New Lanark (que também já acolheu o congresso anual duas vezes). Fomos ajudados pela evidente emergência de um interesse pela utopia em volta do milénio – a Barbara Goodwin e o Lyman Sargent organizaram um congresso na Universidade de East Anglia, independentemente da USS, precisamente para assinalar este facto. E muitos centros foram criados pela Europa com um enorme trabalho a desenvolver-se em Itália, Portugal e Espanha, e Irlanda, por pessoas como Vita Fortunati, Raffaella Baccolini, Fátima Vieira e Tom Moylan. O marco desta europeização definitiva foi quando em 2003 o Alex-Alban Gómez Coutouly organizou o congresso anual em Madrid, e em 2004 a Fátima e tu, também, organizaram-no no Porto – e, como sabes, vamos agora para Tarragona em 2006, graças ao Pere Gallardo.

Como é que vê o futuro dos estudos da utopia? Haverá ainda outras “cores” (para além do verde e do azul) que valham a pena?

Eu tenho algum receio quanto à direcção dos estudos da utopia. Em todo o caso, talvez eu me preocupe mais com o futuro da Utopia do que com o futuro dos Estudos da Utopia. Mas preocupa-me o facto de, apesar de o campo ser relativamente forte em termos de estudos de ficção utópica, não o ser tanto em termos de teoria política e social. Pessoalmente, gostaria de ver ser posta mais ênfase no pensamento político e um maior empenho na actividade política. Caso contrário, há o perigo de os estudos da utopia se tornarem mais uma área de academismo, em vez de ser um questionamento e um compromisso intelectual arriscado, criativo e transformador. Há alguma pressão junto dos mais novos para desenvolverem um trabalho académico sem controvérsia, e as pessoas têm carreiras a construir. Por isso também penso que temos de defender as Universidades como espaços de debate intelectual, e não apenas académico. E, mais uma vez, penso que o estudo da utopia sem dedicação à utopia (ou pelo menos à crítica e à transformação que ela pressupõe) é estéril.

A questão das outras cores está relacionada com esta. Continuo uma socialista empenhada, por isso o verde tem de ser acompanhado com o vermelho, e por muito que esteja empenhada em procurar o azul,

oponho-me a ela enquanto cor política. O que o socialismo pode significar, como pode ser possível, e como se relaciona com o verde, é uma questão complicada. Pode ser até que o termo socialismo seja em si de pouca ajuda. Mas, como William Morris dizia,

Os Homens lutam e perdem a batalha, e aquilo por que lutaram acaba por despontar, apesar da derrota deles, e quando surge já não é o que eles pretendiam, e outros homens têm de lutar pelo que eles pretendiam sob um nome diferente.

[Men fight and lose the battle, and what they fought for comes about in spite of their defeat, and when it comes turns out to be not what they meant, and other men have to fight for what they meant under a different name.]

(William Morris, *A Dream of John Ball*)

Manoel Camilo dos Santos

Citação: Manoel Camilo dos Santos, "Viagem ao País de São Saruê", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Este folheto acha-se registado de acordo com o artigo 153, parágrafo 25 sob n.ºs 7989 a 7993, os quais não admitem plágio nem publicação sem a devida autorização do autor e proprietário, Código Penal Brasileiro prescreve multa, processo ou prisão de 2 a 6 anos ao infrator ou infratores.)

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredos
a viração docilmente

afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revoltado banhando
as dumas [sic] da beira mar.

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a [sic] vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de "rubim"
as telhas folhas de ouro
e o piso de sitim [sic].

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto

montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim per diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despoldado
perú nasce de escôva
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo o dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem [sic] pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Maniva lá não se planta
nasce e invés de mandioca
bota cachos de beijú
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos [sic] de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.

Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
de naycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
proprias para o pessoal.

Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados

os de sapatos da moda
têm cada cachos “aloprados”
os pés de meias de sêda
chega vive “escangalhados”.

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil
carregam chega encapota
pode tirar-se a [sic] vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota.

Lá quando nasce menino
não dar [sic] trabalho a criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
saltaa, corre, canta e faz
tudo quanto se mandar.

Lá não se ver [sic] mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a [sic] vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa [sic]
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia

amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de "rubim"
no qual um leteiro diz assim:
- é feliz quem visita este país.

Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quizer [sic] ir para lá
posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

FIM

Sofia de Melo Araújo

(Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente” Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Sofia de Melo Araújo, "Nota Explicativa a «Viagem a São Saruê», de Manoel Camilo dos Santos", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

“A imaginação social, além de factor regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas.”

Bronislaw Baczko, *Les Imaginaires Sociaux Mémoire et espoirs collectifs*

Espaço, tempo e cultura moldam – mas não toldam – a emoção humana perante uma mesma situação; na verdade, o imaginário da vida sensual sem pecado, competição ou esforço que encontra um espaço literário nas narrativas medievais do País da Cocanha viaja através do tempo e do espaço, ressurgindo em cada alma oprimida pela miséria. O folheto de cordel *Viagem a São Saruê*ⁱ, de Manoel Camilo dos Santos é uma reformulaçãoⁱⁱ desta mesma história no Nordeste brasileiro de 1947. Não estamos perante uma excursão cultural consciente, mas sim fiapos de uma narrativa oral cuja epidérmica naturalidade impede a consciencialização do real percurso histórico experimentado. De facto, o próprio Manoel Camilo dos Santos estranha o interesse gerado por este seu texto, uma “bobagem”ⁱⁱⁱ assente em contos populares da sua infância que redundam na imprecação “Só em São Saruê onde feijão brota sem chovê.”, dito recorrente na expressão quotidiana nordestina. Um pouco à guisa do também folhetista Leandro Gomes de Barros, Camilo assume-se como o libretista das rimas de uma história há muito contada^{iv}.

Esta utopia^v do País da Cocanha, na qual a trindade do corpo social é substituída pela unidade do corpo humano, terreno, físico, pleno de pulsões, desejos e instintos, inspirou não apenas leituras marxistas da Idade Média, mas também uma plêiade de manifestações artísticas: musicais, como “Cockaigne” do britânico Edward Elgar; pictóricas, como a série de quadros de Pieter Brueghel, o Velho; literárias, como o conto “Hansel e Gretel”, dos irmãos Grimm^{vi}, dramáticas, como a apropriação tudo menos abusiva da denominação para o país de doces da animação infantil alemã “Bettina na Cocanha”, para o país da saúde desesperadamente ambicionada para o seu filho pelo personagem de James Byron Dean no filme televisivo de 1951 “The Bells of Cockaigne” ou para o centro comercial das aventuras nocturnas do grupo jovem de “Schlaraffenland”^{vii}, longa-metragem alemã de 2003. A sua chegada ao Brasil assenta numa panóplia de factores cuja pertinência está directamente vinculada à posição intelectual que ocupamos no espectro entre a recusa da leitura histórico-social da literatura de Orlando Fedeli^{viii}, para quem esta redundaria numa “observação superficial do problema utópico” e a sua priorização por autores como Karl Mannheim^{ix}. Pela nossa parte, cremos que, sempre mais além de uma redutora explicação de causa-efeito, extrair artificialmente todo e qualquer texto ao seu contexto de criação constitui a falha suprema de, em nome de uma estética esterilizada, sacrificar o conhecimento real, completo, pleno de matizes, cambiantes e opções. Como tal, é impossível menosprezar os modelos sociais comuns ao feudalismo medieval e ao nordeste brasileiro^x. Mesmo na ausência de uma consciência política estruturada, o espírito humano não fica alheio ao sentimento de injustiça e ao

desejo de alternativa perante a opressão ideológica, económica e cultural^{xi}. O Nordeste brasileiro, terra de “coronéis” e grandes senhores agrícolas, viveu num misto de independência de um poder central incapaz de penetrar a rede feudal das ligações regionais e de forte dependência da terra, ficando, assim, sujeito às vicissitudes do clima.^{xii} É importante notar que falamos de um espaço que em pleno século XXI é ainda objecto de campanhas contra a fome, tais como o Programa Fome Zero do Governo Federal de Luís Inácio Lula da Silva e, como lembra Fátima Vieira, o pensamento utópico “(...) sempre se manifestou de forma particularmente intensa em períodos de crise (...)”^{xiii}. Assim, alinhamos totalmente com Hilário Franco Júnior em que, para compreender São Saruê,

“(...) o ponto de partida deve ser as condições do Nordeste brasileiro, de natureza pouco pródiga, suscetível a prolongadas secas, de riqueza e poder concentrados nas mãos de poucas famílias, dos coronéis da época republicana aos seus antecessores, os sehores do engenho do período colonial. Situação de pobreza e dependência da maioria (...)”^{xiv}

Ora, a compreensão da motivação para a retoma do texto a 800 anos e um continente de distância parecem-nos bem mais frutuosa que o estudo da sua entrada no horizonte brasileiro^{xv}, até porque a idealização de uma terra sensualmente perfeita está longe de ser apanágio do texto medieval^{xvi}, sendo, afinal, uma verbalização instintiva, que surge da carência e do desejo, e que é comum até, no Brasil, à terra encantada dos índios tupinambás, refúgio sem trabalho, violência ou velhice. É, enfim, o sonho da eternidade sem pecado nem castigo, sem dor nem ódio, sem fome nem exaustão. A versão animada do Paraíso Celeste Cristão^{xvii}.

Este folheto de oito a dez páginas (consoante se trate ou não da versão ilustrada), criado em Campina Grande (Pernambuco), constituído por trinta e uma sextilhas e editado pelo próprio autor, na sua Estrela da Poesia, vai beber ao País da Cocanha, não apenas o culto do conforto, do repouso e da saciedade, mas também alguns dispositivos narrativos, tais como a justificação da partida por conselho^{xviii}, de um frade no original francês, do “doutor mestre pensamento” no folheto de cordel, o relato no regresso, que nos traz imediatamente à memória a iluminação de um mundo novo, real, que sempre esteve presente, descrito na tentativa de arrancar os demais à opressão das sombras e dos grilhões do medo (do pecado? do desconhecido? da verdade?), numa espécie de resgatada caverna platónica, e, finalmente, a disposição em verso simples, popular, memorizável, por forma a levar a utopia, o bom lugar, e com eles, a revolta^{xix}, aos iletrados oprimidos que nele reconheceram a possibilidade de vidas alternativas, tudo porque, nas palavras de Ruth Levitas,

“Utopia also entails refusal, the refusal to accept that what is given is enough, the refusal to accept that living beyond the present is delusional, the refusal to take at face value current judgements of the good, or claims that there is no alternative.”^{xx}

No entanto, cumpre realçar uma série de diferenças claras entre o folheto de cordel e o seu texto primordial – para além das adaptações gastronómicas, pois, como nos diz Rosalyn Schorr,

“Perhaps one of the utopian traditions that went through the most changes was the story of ‘Cockaigne’. Cockaigne was an oral tradition passed around the lower classes about a city made of food. (...) The story was evolved into something more fitting for every culture, seeing as people in France were not as excited about fish as they were about cheeses.”^{xxi}

- desde logo a própria classificação dos países, pois, enquanto os autores das diferentes versões da narrativa da Cocanha a denominam como um vulgar topónimo, Camilo recorre sempre à colocação do nome São Saruê entre aspas, como que enfatizando o seu carácter ficcional. Paralelamente, podemos referir que de São Saruê não é indicada qualquer orientação geográfica, ao contrário de o que acontece com algumas versões da Cocanha. A

sexualidade é a área onde as diferenças estão mais marcadas, demonstrando o peso da matriz cristã à qual os resquícios pagãos da Cocanha tentavam resistir^{xxii}. Se na Cocanha “Os jovens monges, ao verem isso,/Levantam-se, alçam vôo/ E logo chegam perto delas./ Cada monge escolhe uma,/ E rapidamente leva a sua presa/ Para a grande abadia cinza/ Onde ensinam às monjas uma oração/ Com pernas para cima e para baixo”^{xxiii} e “ As mulheres dali, tão belas,/ Maduras e jovens,/ Cada qual pega a que lhe convém,/ Sem descontentar ninguém./ Cada um satisfaz seu prazer/ Como quer e por lazer,/ Elas não serão por isso censuradas,/ Serão mesmo muito mais honradas./ E se acontece porventura/ De uma mulher se interessar/ Por um homem,/ Ela o pega no meio da rua/ E ali satisfaz seu desejo/ Assim uns fazem a felicidade dos outros.”^{xxiv} em São Saruê “não se ver [sic] mulher feia/e toda moça é formosa/bem educada e decente/bem trajada e amistosa” (itálicos nossos), e por aqui fica o pudor descritivo do folhetista. A recusa de valores apriorísticos na Cocanha estende-se à recusa da identificação de sabedoria com idade, dado que está ausente de *Viagem a São Saruê*. O texto francês da Cocanha é retombante ao afirmar o erro de associar longas barbas a saber, pois que assim também bodes e cabras deteriam suprema sapiência. O texto de Camilo surge, uma vez mais, no meio termo entre o contestar do modelo social vigente e a obediência a um discurso civilmente aceite. Nesta linha vem igualmente a ausência de referências à consonância ou não deste mundo apresentado com os dítames morais do Cristianismo^{xxv} naquele que era já então o país com o maior número de crentes católicos. Estamos muito longe já dos monges e freiras libertinos da versão inglesa da Cocanha, mas, sobretudo do confronto directo e superação do Paraíso declarado na mesma versão: “Mesmo o Paraíso risonho e atraente,/ Não é tão maravilhoso quanto a Cocanha./ O que existe no Paraíso/ Além de grama, flores e ramos?”^{xxvi}, duma terra abençoada por Deus^{xxvii}, mas não pela religião instituída entre os humanos. O prazer não é mais fonte de vício, mas de virtude: todos são bons, generosos e sinceros. Finalmente, os conselhos insistentes da voz da Cocanha que urge a que quem está bem, não mude, como o fez erroneamente o próprio, não reconhecendo já o caminho de volta, é substituído por um jogo que terá bem mais de subversão literária do que de mero marketing pregoeiro: Camilo promete indicar o caminho para São Saruê aquele que lhe comprar o próprio folheto.

E assim chegamos a um aspecto fundamental na viagem entre Cocanha e São Saruê: o desencanto de séculos de opressão que leva o nordestino a olhar com um sorriso amargo de desistência, ironia e desprezo as fantasias de um destino pleno de prazer, liberdade e vida.

Sugerimos, paralelamente, a leitura dos folhetos de cordel brasileiros:

- “Viagem de um Trovador”, de Manoel Camilo dos Santos^{xxviii}
- “Uma Viagem ao Céu”, de Leandro Gomes Barros^{xxix}
- “O Marco Brasileiro”, de Leandro Gomes de Barros
- “No País de Tudo Grande”, de Francisco de Souza Campos^{xxx}
- “O Marco do Meio Mundo”, de João Martins de Athayde

ⁱ In LOPES, José de Ribamar, *Literatura de Cordel – Antologia*, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982

ⁱⁱ Note-se que esta ligação do folheto de cordel à cultura e, nomeadamente, à cultura oral não é de todo um factor novo. Aliás, o cordel está longe de viver isolado da chamada alta cultura: “(...) importa menos sublinhar a distinção entre cultura erudita e cultura popular do que referir que folhetos de cordel são delas um interessantíssimo lugar de encontro, que eles se situam com frequência na intersecção dessas duas dimensões da cultura. Porque, na verdade o que é essencialmente popular nos folhetos de cordel é o objecto físico para que remete a designação. Quanto ao conteúdo, poderá dizer-se que nada estava, à partida, arredado(...)” in SILVA, Jorge Miguel Bastos da, *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 32

ⁱⁱⁱ Qualificativo atribuído pelo próprio autor. cf. LESSA, Orígenes, *A voz dos poetas*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. (Literatura Popular em Verso - Estudos - Nova Série, 06)

^{iv} Urge, no entanto, ressaltar a importância deste texto, apesar do seu carácter de literatura menor, popular, pobre, "(...) mas não de leitores(...) mas não de interesse sociopsicológico ou cultural e estético (...)", in SARAIVA, Arnaldo, *Literatura Marginalizada*, Porto:Rocha/Artes Gráfica, 1975, pp. 105-106

^v cf. MORTON, A. L., *The English Utopia*, Lawrence & Wishart, 1978, o primeiro texto a reivindicar o carácter utópico das narrativas do País da Cocanha

^{vi} Com uma perspectiva, no entanto, já rendida à leitura do prazer sensual como tentação pelo mal.

^{vii} Termo alemão para Cocanha.

^{viii} In FEDELI, Orlando, "Conceituação, Causas e Classificação das Utopias", in <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=utopia&lang=bra>

^{ix} cf. MANNHEIM, K., *Ideology and Utopia*, Florida:Harvest Books, 1985

^x "(...) le sentiment qu'éprouvent les individus et les groupes de leur position respective, et les conduits que dicte ce sentiment, ne sont pas immédiatement déterminés par la réalité de leur condition économique, mais par l'image qu'ils s'en font (...)", in DUBY, Georges, *Des Sociétés Médiévales*, Gallimard, 1971, p. 10

^{xi} José Eduardo Reis apresenta como uma das definições possíveis de utopia " the embodiment (...) of a human volition to sublimate the ill-favoured aspects of the given reality (...)", in REIS, José Eduardo, "The Gender of Utopia and the Mode of Utopianism", in Vieira, Fátima e Jorge Miguel Bastos da Silva (org.), *Cadernos de Literatura Comparada 6/7*, Porto: Granito, 2002, p. 10

^{xii} "No Nordeste brasileiro a incidência de uma seca vem sempre acompanhada de graves consequências para as populações residentes nas áreas afetadas. Fome, sede e miséria estão irremediavelmente atreladas à escassez de chuvas no semi-árido nordestino.", in GALVÃO, Ana Catarina, "Seca, tragédia surrealista previsível", in <http://amhost.amcham.com.br/nordeste/ago98/tragedia.html>

^{xiii} VIEIRA, Fátima, "O Utopismo e a Crise da Contemporaneidade", in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 35

^{xiv} In FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 222

^{xv} Possivelmente via francesa, ou, mais provavelmente, holandesa, uma vez que a Cocanha conhece versões nos Países Baixos desde o século XV e em Portugal apenas no século XIX, possibilidade fortalecida pela ocupação holandesa do Nordeste brasileiro durante o século XVII. Para aprofundar esta problemática, cf FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998

^{xvi} "A utopia está ancorada no coração da Humanidade. Vive no homem comum e habita a massas deserdadas de tudo, salvo da esperança, tal como fascina o homem que tudo tem excepto o inatingível ideal(...) a convicção, não provada, de que há mais mundos para lá daquele acessível e mundos melhores para a felicidade do homem.", in BESSA, António Marques Bessa, *Utopia, Uma Visão da Engenharia De Sonhos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998, p. 11

^{xvii} De notar que à época da escrita original deste texto, o trabalho, castigo atribuído em função do pecado original, ainda não é totalmente associado à noção de virtude: "Não se deve esquecer, no entanto, que nos mosteiros o trabalho continua a ser consirado, em parte, como penitência (...) Portanto, naquela época, não podia considerar-se o trabalho como uma tarefa que enobrecesse a vida.", in HAUSER, Arnold, *História Social da Arte e da Cultura Volume II A Idade Média*, Estarreja:Editorial Vega e Estante Editora, 1989, pp. 85/86

^{xviii} Poderemos assinalar aqui alguma cedência à necessidade de justificação da juventude da voz autoral, mas mais marcante será, na nossa opinião, o recurso a uma figura clerical num texto de passagens claramente contrárias à moral de abnegação pregada então pelo Cristianismo. Não há, assim, um corte com a mensagem religiosa de Jesus Cristo, mas sim com leituras dela feitas.

^{xix} "The relation between the illusory and the real is extremely intimate in utopia as well as in the accounts of the voyages of discovery. The imaginary organizes the real experience, while this later serves as a base for nner elaborations: the boundaries between real and illusory are, thus, indefinite.", in BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, "Brief Notes on Utopia, Dystopia and History", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, p. 102

^{xx} in LEVITAS, Ruth, "Utopia Matters?", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, p. 42

^{xxi} in SCHORR, Rosalyn, "The Story of Evolution as a Utopia and the Evolution of the Story of Utopia", in http://serendip.brynmawr.edu/sci_cult/evolit/s04/web2/rschorr.html

^{xxii} "O impulso folclórico marcou o século XII como uma reacção da cultura laica contra a hegemonia dos padrões clericais. De certo modo, ainda marcada por elementos pagãos, a cultura folclórica teria feito reviver ou dado novo ânimo a materiais pré-cristãos.", in DEUS, Paulo Soares, "Paraísos Medievais – esboço para uma tipologia dos lugares de recompensa dos justos no final da Idade Média", in *Mirabilia 4*, dezembro 2004, ISSN 1676-5818, www.revistamirabilia.com

^{xxiii} “The yung monkes, that hi seeth./ Hi doth ham up, and forh hi fleeth/ And commith to the nunnes anon, And ech onke him taketh on/ And snellich berrith forth har prei/ To the mochil grei abbei/ And tehith the nunnes an oreisun/ With jamblevé up and dun.” Versão inglesa, “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 171

^{xxiv} “Les fames i par sont tant beles./ Les dames et les damoiseles/ Prent chascuns qui afere en a./ Ja nus ne ne s'en coroucera, et si en fet a son plesir/ Tant comme il veut et par loisir / Ja por ce n'en seront blasmees/ Ainz en sont mout plus honorees./ Et s'il avient par aventure/ C'une dame mete sa cure/ A.j. homme que ele voie./ Ele le pent en mi la voie/ Et si en fait sa volonté./ Ainsi fet l'uns l'autre bonté.” Versão francesa, “De Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, pp. 31-2

^{xxv} Afinal, muito há em comum entre o Éden bíblico, o País da Cocanha e outras utopias da falicidade, tais como a Idade do Ouro, de Hesíodo: “A Idade do Ouro e o pensamento utópico mais não são do que o sonho de um mundo e de uma vida melhor, mais humana, onde imperem a felicidade, a saúde, a calma, a ausência de rivalidades, os alimentos que brotam sem cultura, a harmonia entre animais e homens e entre estes e a divindade.”, in FERREIRA, Ana Maria, “Breves Reflexões sobre a Idade do Ouro em Hesíodo”, in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 184

^{xxvi} “Thogh paradis be miri and bright./ Cokaygn is of fairir sight./ What is ther in paradis/ Boot grass and flure and grene ris?” Versão inglesa, “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 166

^{xxvii} “God it wote” (Deus sabe), “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 167; “Man mai ther-of et inough./ At with right and noght with wogh” (Ali todos podem se saciar/ Sem pecar.), idem, p. 168; “That ye mote that lond i-se/And never more turne awé./ Prey we God, so mote hit be./Amem, pur Seit Charité.”, idem, p. 172; “Li granz sens que Diex m'a done”, Versão francesa, “De Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 28; “Je cuit que Diex et tuit si saint/ L'ont miex beneie et sacree/ Que il n'ont une autre contree.”, idem; “Menjue [on] ce qu Diex li done”, idem, p.31.

^{xxviii} Disponível na Biblioteca Central Blanche Knopf da Fundação Joaquim Nabuco, cota FC- 888

^{xxix} Idem, cota FC-889

^{xxx} Ibidem, cota FC-591

Referências Bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw, *Les imaginaires sociaux.Mémoire et espoirs Collectifs*, Paris:Payot, 1984
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, “Brief Notes on Utopia, Dystopia and History”, in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, pp. 101-105
- BESSA, António Marques Bessa, *Utopia, Uma Visão da Engenharia De Sonhos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998
- DEUS, Paulo Soares, “Paraísos Medievais – esboço para uma tipologia dos lugares de recompensa dos justos no final da Idade Média”, in *Mirabilia* 4, dezembro 2004, ISSN 1676-5818, www.revistamirabilia.com
- DUBY, Georges, *Des Sociétés Médiévales*, Gallimard, 1971
- FEDELI, Orlando, “Conceituação, Causas e Classificação das Utopias”, in <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=utopia&lang=bra>
- FERREIRA, Ana Maria, “Breves Reflexões sobre a Idade do Ouro em Hesíodo”, in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, pp. 172-186
- FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998
- GALVÃO, Ana Catarina, “Seca, tragédia surrealista previsível”, in <http://amhost.amcham.com.br/nordeste/ago98/tragedia.html>
- HAUSER, Arnold, *História Social da Arte e da Cultura Volume II A Idade Média*, Estarreja:Editorial Vega e Estante Editora, 1989
- LESSA, Orígenes, *A Voz dos Poetas*, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1984

-
- LEVITAS, Ruth, "Utopia Matters?", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto: Editora UP, 2005, pp. 41-45
- LOPES, José de Ribamar, *Literatura de Cordel – Antologia*, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982
- MANNHEIM, Karl, *Ideology and Utopia*, Florida: Harvest Books, 1985
- MORTON, A. L., *The English Utopia*, Lawrence & Wishart, 1978
- REIS, José Eduardo, "The Gender of Utopia and the Mode of Utopianism", in Vieira, Fátima e Jorge Miguel Bastos da Silva (org.), *Cadernos de Literatura Comparada 6/7*, Porto: Granito, 2002, pp. 9-30
- SARAIVA, Arnaldo, *Literatura Marginalizada*, Porto: Rocha/Artes Gráfica, 1975
- SCHORR, Rosalyn, "The Story of Evolution as a Utopia and the Evolution of the Story of Utopia", in http://serendip.brynmawr.edu/sci_cult/evolit/s04/web2/rschorr.html
- SILVA, Jorge Miguel Bastos da, *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004
- VIEIRA, Fátima, "O Utopismo e a Crise da Contemporaneidade", in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, pp. 32-47

Rita Félix

(1º Prémio Categoria A Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Rita Félix, "Onde Vais Sebastião", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

Sebastião foi e não mais voltou. Aonde ele ia, ninguém perguntou, isto também porque já toda a gente o sabia. Foi para lá, para aquelas terras desnordeadas do norte. Não teve sorte, nem vitória, valeu-lhe a morte e a glória, ainda que póstuma a segunda e messiânica a primeira. Do que ninguém duvida é que tombou, naquele chão excessivamente perto para ser África, exageradamente longe para se cair.

E caiu, como qualquer maníaco-depressivo com imprevistas variações de humor cairia numa terra de natureza tão acre e tão doce, tão quente e tão distante. Caiu, como qualquer tolo de pretensões exageradamente patriotas cairia numa terra que não lhe pertencesse e que tivesse, ao mesmo tempo, um amor e entusiasmo tão convergentes em seu próprio âmago, como África tem.

Sebastião foi e não mais voltou, pelo menos até agora, e se o tal nevoeiro não nos confundiu, impedindo-nos de o ver claramente...

...foi, e não mais voltou, pelo menos até agora, para mal deste conto sem qualquer tipo de utilidade que teria com certeza um desfecho bastante mais interessante se D. Sebastião tivesse voltado.

Tantas vezes Sebastião pensa nesta história, se é que lhe podemos chamar "história". Acorda de noite, sobressaltado, a pensar nela. Viaja, de cacilheiro, nas manhãs ruidosas dos dias de trabalho, a pensar nela. E quando lê o jornal ou o suplemento desportivo que com ele vem, afortunadamente, às segundas-feiras, quem passa só pode ficar a pensar que ali, naquele instante, Sebastião está a pensar nela.

Então, num gesto caído e moribundo, encarta o jornal em quatro partes e olha para a frente, para Lisboa, depois para trás, para a "margem dormitório", como gosta de lhe chamar. Descansa finalmente os olhos no soalho daquele barco e pensa: quantas vezes terá ele passado por ali em todos os seus já muito longos anos de funcionário público? Por ali, exactamente por ali, onde agora os seus sapatos de pala castanhos estão pousados. Milhares, talvez centenas de milhar de vezes e, no entanto, nunca aquelas três ou quatro tábuas lhe saltaram tanto à vista como hoje. Poderá ser do sol, que hoje está incrivelmente pálido, como que envergonhado, ou talvez lhe tenha passado despercebida ao Sebastião a demão de cera acastanhada que as senhoras de bata azul deram a todo o soalho do barco. O que é certo é que hoje o chão está diferente, o sol está diferente, até Lisboa parece diferente.

Sebastião está prestes a descobrir que, a partir de hoje, tudo será diferente. Ele ainda não o sabe, porque o sol, claro está, continua a ser amarelo e o chão, embora esteja realmente menos poeirento, ainda é um chão de barco de "margem a margem" que transporta, por dia, centenas de passageiros.

Mas não demora muito, e no embalo das horas, no ruído das máquinas da sala de baixo e, mais tarde, no escritório, naquele que se faz com as pontas dos dedos quando estas batem vigorosamente contra os teclados, este poeta sebastianista vai descobrir que, afinal, não é só em batalhas que morrem guerreiros de pretensões fantasistas, de desejos quiméricos. Às vezes também morrem em gabinetes do fundo do corredor atulhados de processos judiciais que em nada se relacionam com os ideais utópicos que os fazem mover.

Sebastião pode facilmente incluir-se na categoria dos Homens que, juntamente com o seu trabalho monótono, triste e enfadonho atrás de uma secretária e de uma máquina de escrever, mais tarde substituída por um computador, constroem um trabalho paralelo, geralmente ligado à poesia, à pintura ou à fundação de herdades em montes alentejanos, e fingem que aí, pelo menos aí, são mentes iluminadas, donas de um intelecto e de uma inspiração acima da média que lhes permite sonhar em nunca mais acordar de manhã cedo para ir apanhar o barco à margem sul para chegarem à margem norte. Essa classe de Homens não tem, normalmente família ou, se a tem, dispensam-lhe pouco afecto e ainda menos tempo.

São de estatura média, com pouco cabelo e barba impecavelmente feita. Vestem-se com roupas modernas e elegantes, mas nada demasiado vistoso ou colorido. Sabem estar, comportar-se em ocasiões especiais; mantêm, quase sempre, uma conversa agradável e interessante sobre decisões políticas, escândalos policiais, novos encantos nas áreas da ciência e da medicina, embora não deixem, claro está, de ler o seu “A Bola” de vez em quando, sobretudo quando no departamento de finanças ou no gabinete de atendimento ao público de um banco qualquer o ambiente se encontra mais repousante e o ar condicionado mais ensurdecedor.

Mesmo não sendo poetas, poetas; ou pintores, pintores, querem poetizar-se ao mais alto nível, pintado, ou melhor, rabiscando cada pedaço do seu tempo com pincéis de arte e cultura trazidos à pressão e com visível afogo pelas dezenas de exemplares de revistas informativas com que forram as casas todos os meses.

Mas são artistas, isso são!, e como qualquer artista, sonham em “mudar o mundo” – expressão “mais que gasta” que significa fazer com todos à nossa volta passem a pensar como nós, ou a agir como nós, ou a trabalhar como nós, ou, como nós, a nada fazer.

Esta aspiração era a mesma que a do Sebastião.

Posso até dizer que Sebastião era Sebastião contemporâneo, uma cópia, uma moldagem, indo mais longe: o realizar de uma promessa, o concretizar de um sonho, o materializar de um mito.

Mas seria ir longe de mais: Sebastião não queria um Quinto Império com origem em Portugal e prolongamento pelo resto de África a cargo do rei de Portugal e de seus seguidores; ele queria um sopro de talento e intelecto a todos os cantos do mundo, sendo ele, Sebastião, o porta-estandarte dessa batalha.

O barco parou faltavam vinte minutos para as nove horas da manhã. Ainda tinha que andar um pedaço, mais ou menos mil e quinhentos metros até chegar à porta do prédio onde trabalhava.

Era um edifício velho, de quatro andares, sem elevador interior. Ficava no fundo de uma ruela estreita e sem o mínimo de harmonia arquitectónica. Aliás, quase todas as ruas da cidade, à excepção das da baixa, sofriam do mesmo mal. Sebastião pensou no mesmo enquanto passava por ali. Ai!, como ele desejou voltar às páginas dos seus manuais de História, mais precisamente àquelas que falavam do Renascimento, na altura em que o sentido estético da arquitectura se encontrava apurado ao máximo. Em que os edifícios eram castamente construídos, com recorrência aos brancos, às abóbadas, às colunas, a novas formas e a novos volumes, sem nunca deixar de parte a proporção, a coerência e a simetria entre os edifícios de uma praça ou de uma rua.

Era precisamente isto que faltava à cidade de Lisboa naquele instante.

E foi precisamente isto o bastante para que Sebastião empurrasse a porta do seu prédio miserável com o sobrolho carregado, a praguejar interiormente contra todos os presidentes de câmara que permitiram uma crueldade daquelas.

Lá dentro esperava-o o mesmo silêncio ensurdecedor do ventilador do ar condicionado, os mesmos colegas mal dispostos, o mesmo café insípido, o mesmo computador que não iniciava à primeira e que exigia uma leva pancada de lado para começar a funcionar. Sebastião olhou para aquilo tudo, primeiro, meio atordoado. De seguida, a expressão de incómodo da sua cara foi sendo substituída por um esgar de nojo e de repugnância. Só depois estes deram lugar ao medo: começou a sentir uma terrível sensação de frio mesmo no meio das plantas dos pés; os joelhos começaram a dobrar-se, a desfazer-se em pó cor de marfim; as unhas ganharam um tom ligeiramente esverdeado.

Não nos é merecido dizer se a cara de D. Sebastião a 4 de Agosto de 1578 era igual à de Sebastião neste dia. Ou se a sua vontade e o seu entusiasmo bélicos eram tão grandes que não lhe permitiram sentir medo sequer de um campo de batalha no início da mesma.

No entanto, vamos imaginá-lo a ele, D. Sebastião, em frente ao seu exército medíocre e mal preparado de jovens combatentes, lá, naquela terra demasiado perto para ser África, em Alcácer Quibir.

O que terá pensado? O que terá sentido? Certamente que sentiu, tal como Sebastião, um soco imundo mesmo no meio do seu peito protegido pela armadura. E com certeza que sentiu também todo o seu exacerbado patriotismo subir-lhe às goelas, como que a querer ser despejado pela boca e manchar a tão importante tentativa de construção do *Quinto Império*.

Sebastião ganhou coragem e entrou. Sentou-se pacatamente na cadeira de encosto alto do seu departamento. Pálido, como um fuso, olhou à sua volta e deu um bom dia em surdina a todos os seus colegas.

_ 'Tá tudo bem, pá? 'Tás com uma cara!

Respondeu com um sorriso amarelo, como se todo o seu ideal quase sebastianista, e digo quase porque, como já referi, não tinha como propósito a edificação de qualquer Império, tivesse sido destruído, como um vômito, pela confusão arquitectónica e laboral daquele edifício.

Perguntou-se se alguém daria conta, se alguém se aperceberia dessa sua náusea transbordante, que não era, ao fim e ao cabo, mais que uma tristeza profunda, um abatimento geral, uma penetrante desilusão.

Sebastião teve, talvez, a mesma sensação. Nem sempre a realidade se assemelha àquilo que tantas vezes sonhamos ou desejamos. Aliás, quase nunca isto acontece. Talvez também a ele a realidade o tivesse amedrontado, o tivesse amiudado. E o pensamento do não cumprimento das suas ambições e promessas fosse, tal como a Sebastião, o de agora, a razão de tal desalento e fraqueza.

É que África era muito quente, muito grande, muito coesa. Ao contrário de Portugal, que era, e continua a ser, no tempo do mais recente Sebastião, muito pequenino, fracturado e desligado.

Levantou-se a custo. Sem qualquer tipo de justificação, a provar bem o seu carácter temperamental, pegou no sobretudo que havia, minutos antes, pendurado na parede, e saiu, num gesto brusco e determinado, em direcção à manhã de nevoeiro que espreitava pela janela. O dia estava frio e só agora reparava nisso. Durante a viagem de barco, vá lá saber-se porquê, pareceu-lhe estar uma manhã soalheira de Inverno, e nem chegou a reparar na grande névoa que cobria a cidade. Por isso, abotoou o casaco, puxou a gola em torno do seu pescoço e calçou as luvas de cabedal preto que tinha guardado no bolso instantes antes de ter saído de casa.

Começou a andar em direcção a nenhures. As pessoas, com o passo estugado, passavam por ele com mal disfarçada indiferença. Por duas ou três vezes se irritou contra quem aparecia, barafustando a bom som a enorme decepção que sentia com o mundo e que não conseguia esconder. O pior é que não se lembrava de como este sentimento louco e inconsciente tinha nascido. Não sabia se nesse dia, se no dia anterior a esse. E se tivesse sido nesse dia, não sabia dizer se no barco, na rua ou no escritório.

Estugou também ele o passo até ouvir uma voz familiar pronunciar o seu nome:

_ Sebastião... Sebastião! Espera aí, homem...

Virou-se e não viu ninguém que conhecesse. Pelo menos a principio. Depois, viu um vulto cor de tijolo a mover-se no sentido contrário ao da multidão e a dirigir-se a si. Por dois segundos ponderou ir-se embora. Mas então pensou que quem o tivesse chamado já teria dado conta que ele o ouvira. Permaneceu, à espera, sem reconhecer quem vinha ao seu encontro.

_ Então, homem, não me conheces? Estás cego, ou quê?

Aí, Sebastião reconheceu a voz, e, no meio da imensidão de gente, viu surgir, vindo do outro lado da rua, o seu amigo Pires Costa. O encontro não foi muito efusivo, embora já não se vissem há quase dois meses. Começaram pelos habituais cumprimentos, as perguntas sobre as esposas, os filhos e os netos, as referências à saúde, que isto agora andava muito mal, que tinha ido a Espanha, a um médico conceituado e especialista em reumatismo e que os medicamentos que agora tomava eram tantos que até se confundia, que as reformas eram cada vez mais absurdas, mas que a vida não estava fácil para ninguém, que até o Magalhães Lemos, o do banco, estava endividado até aos ossos. Sebastião ouvia e respondia, quando tinha mesmo que responder:

_ Sim, sim... É verdade... Tens razão...

É sempre no mesmo tom lamuriante e sebo, com bafo a medicamento e a café acabado de tomar, característico daqueles reformados recentes que nada encontram para fazer se não passear vezes sem conta em frente ao escritório onde trabalhavam a invejar a sua antiga cadeira e o seu novo ocupante, lá ia desfiando desgraças, peripécias da sua tão interessante vida de aposentado, dos seus irritantes netinhos de três anos, do seu Benfica, que não tinha espírito de equipa, é pá, que este ano vamos levar com todos em cima, que já não há árbitros que nos valham, e que sim, que era mesmo assim como ele dizia.

Já estava o Sebastião preparado para dar um valente e alívioso aperto de mão ao seu muito amigo Pires Costa, quando a conversa recomeçou. Desta vez, e mais uma vez, eram as reformas, que isto assim não nos leva a nada nenhum, que o país está na miséria, que já nem na escola ensinam o que deve ser aos miúdos, que a geração de hoje em dia não quer saber de nada, que nos vão deixar entregues aos espanhóis, sem pedir muito em troca e que vamos ser uma província espanhola, e que vai ser bonito, vai, eu, espanhol, nem morto!...

Sebastião quis gritar, dizer que não se preocupasse, que não íris ser o primeiro português a tornar-se espanhol, que talvez isso até nem fosse muito mal, dependendo do ponto de visto... Mas não

conseguiu.

A cavaqueira tinha chegado ao fim, finalmente. Com um sorriso forçado, apertou a mão do seu muito amigo Pires Costa, mandou cumprimentos à esposa, aos filhos e aos netos e afastou-se, sem embaraço.

Então era isto. Então era esta a razão da sua desmesurada decepção, do seu geral abatimento, da sua triste loucura.

Nada do seu projecto quimérico, do seu ideal artístico, do seu sonho cultural, ao fim e ao cabo, da sua utopia, se pode, pelo menos por agora, realizar.

Pensou, então, que o Mundo ainda não estava preparado para a mudança que ele já ansiava na sua consciência. O mundo, mas principalmente Portugal, pensou ele. Egoísta, concluiu que éramos excessivamente pequenos, que enquanto falássemos em reformas, médicos espanhóis, caixas de medicamentos ou irreais invasões por parte de *nuestros hermanos* nunca conseguiríamos atingir aquilo que ele, Sebastião, já tinha atingido: a forma mais superior de intelecto, arte e cultura.

Mais louco foi Sebastião, Dom. *Louco, sim, louco...*, diz Pessoa, porque não se conteve, não se reservou, não parou para pensar, como Sebastião, e para concluir que ainda não era a altura, ainda não estávamos prontos, ainda éramos muito pequenos. Não esperou, não, mas quis fazer a sua utopia, quis que ela chegasse depressa, quis vê-la com os seus próprios olhos, e, louco, vencido, estagnado, morreu, numa terra demasiado perto para ser África, exageradamente longe para se morrer.

Sebastião também morreu. Morreu para o mundo tal como o conhecia. E não morreu aqui, no final da conversa com o seu muito amigo Pires Costa. Veio a morrer um bocadinho em todos os lugares por onde passou neste dia: no barco, nas ruas, no escritório... Morreu porque com ele morreu também, tal como a D. Sebastião, a sua utopia, a sua loucura, mas sem a qual não conseguiria viver.

Em pleno Século XXI ainda se fazem mitos como os que se fizeram há quatrocentos anos atrás. Ainda há quem morra em nome de um ideal e cujo cadáver vagueie sem rumo pelas ruas movimentadas de uma cidade em manhãs de nevoeiro. Aonde ele vai, ninguém pergunta, mas também ninguém quer saber; é que, depois, ficamos a saber com certeza onde fica a *Utopia*.

Sara F. Costa

(Menção Honrosa Categoria B Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Sara F. Costa, "E A Existência Individual", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

O actual texto é puramente fictício assim como a existência do país "Gronos". As eventuais referências a figuras públicas, produtos, ou serviços não pretendem desacreditar qualquer companhia ou entidade.

*"Em Portugal nada acontece, «não há drama, tudo é intriga e trama»,
escreveu alguém num graffiti ao longo da parede de uma escadaria de Santa
Catarina que desce para o elevador da Bica."*

José Gil em *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*

Só ao quarto abraço consecutivo é que Ana reparou nas pontas espigadas do comprido cabelo pintado da mãe. Esteve quase para comunicar esse reparo, mas depois pensou que talvez não fosse muito importante. Ela iria dar por ela de qualquer maneira. No limite da situação, viu a irmã como refúgio. A irmã iria alertar a mãe quanto aos cabelos espigados.

Foi com este reconfortante pensamento que disse o último «Eu telefono!» e entrou no táxi que a levaria ao aeroporto.

Pelo caminho reparou numa publicidade muito gira que dizia que pessoas com personalidade forte compravam *BMW Z3*. Ela gostou de ler porque era essa precisamente a marca do carro dela. E ela gostava que lhe dissessem que possuía uma personalidade forte.

Mais à frente, um enorme placar publicitário apelava à mudança de vida - "Mude a sua vida para melhor!" aparecia em letras garrafais - e um homem com bom aspecto, de fato e gravata, ostentava uma garrafa de champanhe *Christine Van Der Hard* numa limusina entre duas mulheres vestidas com um *glamour* exagerado, enfiadas em vestidos possivelmente *Gucci* (por causa do corte).

A vida de Ana sempre correu dentro da normalidade - dentro dos trilhos que ela definia como normalidade - e isso deixava-a satisfeita. Tirou a licenciatura de gestão nos quatro anos previstos e tem já um cargo administrativo numa empresa (a do pai). Trata-se de uma empresa de produções audiovisuais. Receberam uma encomenda de uma estação televisiva privada que pretende a realização de uma série semelhante a uma que passa num país chamado *Gronos*, onde alcança um sucesso extraordinário. 78% de share. Algo mítico, utópico para um país como o de Ana. Assim, Ana dirige-se a *Gronos* a fim de estabelecer contacto com os autores da aclamada série e tratar das negociações referentes aos direitos de reprodução.

Não conhecia de lado nenhum o país para onde iria passar o próximo ano em trabalho. Sabia apenas que era um país pequeniníssimo situado numa ilha. Era uma espécie de *país-cidade*. Quando lhe falaram pela primeira vez em viajar para Gronos lembrou-se de ter visto há uns tempos uma notícia na televisão sobre tal país. O jornalista relatava uma nova forma de manifestação artística provinda de lá que consistia numa exteriorização interventiva na paisagem, uma espécie de *Land Art* mas sem a obrigatoriedade do carácter ecológico e conseqüentemente efémero. Os artistas faziam propostas para determinado espaço e caso fossem aprovadas tinham a ajuda do estado para a execução. Um jornalista entrevistou o ministro da cultura desse país e questionou-o acerca daquela prioridade dada ao plano artístico, ao que este respondeu "A arte sempre foi isto - interrogação pura, questão retórica sem a

retórica - embora se diga que aparece pela realidade social”. Claro que esta notícia só passou depois das 21h, depois do homem que matou o vizinho a tiro, dos mortos no Iraque e dos conflitos inter e intra partidários.

O avião em que seguia não era dos melhores. Tratava-se de uma companhia classificada como média em termos da qualidade do serviço. Contudo, era a única que disponibilizava aviões para Gronos naquele dia e àquela hora. Ana não teve outra hipótese. O avião era pequeno e inestético. Amarelo berrante com azul-escuro. As empregadas também eram ligeiramente antipáticas apesar de que uma delas, a brasileira, até estava bem apresentada com blusa e saia *Animale*, sandálias *Corello*, um anel *Luiz Carlos Okubo*, brincos *Natan*, colar *Renner*, cabelo com tintura da *Cats Hair* e nitidamente maquilhada com produtos da *VenVert*. Contudo, era visível que não executavam limpezas entre voos. Havia guardanapos e pacotes de sumo debaixo dos bancos. Mas o mais inaceitável eram os bancos todos riscados na parte de trás. Alguns com canetas de feltro, outros simplesmente com chaves ou moedas. Nas costas do banco imediatamente à sua frente, Ana conseguia ler nitidamente “O homem é a criatura que, para afirmar o seu ser e a sua diferença, nega”. Absolutamente asqueroso, pensou. Entretanto abstraiu-se da imundice do avião e recostou-se no seu lugar a ouvir o último álbum dos *U2* no novo telemóvel *Nokia N90 Imaging Smartphone* com um adaptador leitor de mp3 *IRIVER PMP120* de 30 Gb. O livro da *Margarida Rebelo Pinto* também ajudou a passar o tempo.

Estava Ana a ler a descrição da saia *Miguel Vieira* de uma personagem que acabava de surgir na trama quando o avião se preparava para aterrar.

Apanhado um táxi para o apartamento que lhe tinha destinado a empresa, a acomodação foi fácil e o apartamento alugado continha um refinamento muito próprio, exótico, delicado. Contudo, Ana não conseguiu saber de quantas estrelas era o hotel, visto que em Gronos não fazem esse tipo de diferenciação. Assim que se viu instalada, telefonou ao namorado, Marco. Ele está a tirar um mestrado em ciências económicas. Frequenta o ensino universitário há cerca de doze anos. O pai é dono de uma grande empresa de equipamento. “O Marco é riquíssimo e giríssimo”, pensa Ana para si com frequente regozijo. Não o diz às amigas como seria sua vontade, prefere conter-se porque sabe que isso iria fazê-la parecer uma pessoa excessivamente frívola. Recorda-se perfeitamente da noite em que o conheceu naquela distinta discoteca com o seu Smoking, € 673.86. Camisa, € 373.00. Laço, € 235.00. Botões de punho, € 470.00. Tudo *Rosa & Teixeira*. Botins, *D&G* na *My God* € 629.00. Tudo perfeitamente impecável e ele falava acerca dos seus pequenos projectos.

Ana telefona-lhe.

- Olá ‘mor!

Olá Aninha!

- Era só para te dizer que cheguei bem, já estou instalada...

- Ah, ótimo!

- E tu, como estás?

- Estou bom...

- Que estavas a fazer?

- Oh, nada de especial... Estava a ver um catálogo de centros de bronzeamento com vista panorâmica... então e o hotel aí, é bom?

- O ambiente é agradável... mas não sei como serão os serviços... não me parece um hotel muito convencional...

- Também não é muito tempo, pois não?

- Não...

- Olha, querida, agora vou ter de desligar que o Carlos vem-me buscar para irmos ao ginásio... beijinhos!

- Está bem, ‘mor. Telefona-me!

Quando desligou o telefone, Ana apercebeu-se da falta de algo no quarto. Uma falta causadora de um vazio inefável. Durante uns minutos moveu-se dentro daquela sensação desguarnecida sem conseguir identificar o motivo gerador daquele abafo. Até que se apercebeu: não havia espelhos naquele quarto.

Foi com um pequenino espelho existente no kit de maquilhagem que Ana conseguiu ornamentar os olhos com o *eye liner Carolina Herrera* e sombra *Giorgio Armani* assim como o rímel *Lancôme*. Dessa

forma pôde dirigir-se tranquila e segura para o jantar com os produtores da tal série. O restaurante não ficava longe do hotel. O recepcionista, um homem com feições orientais e voz áspera mas muito solícito, tinha-lhe dado as instruções claras para encontrar o restaurante sem equívocos.

Foi ao caminhar ao longo das pacatas ruas de Gronos que Ana começou a antever indícios de uma ambiência cultural absolutamente distinta daquela de onde veio. As filas de casas pelas quais passou possuíam uma arquitectura peculiar e tinham todo um toque de singularidade apesar da nítida preocupação urbanística que as tornava harmoniosas na sua concepção unitária. Pelo caminho passou por um homem que apesar do aspecto normal, remexia num caixote do lixo. Ana considerou aquela situação asquerosa e dirigiu-se ao homem:

- Do que é que você anda aí à procura? – Perguntou Ana com um polvilho de indignação na voz.

Ao que o homem respondeu:

- Ando à procura do sentido da vida menina...

Aquela gente não era normal, pensava Ana com a sua Camisa em *chiffon* com fitas de seda, € 495.00, *Alessandro Dell Acqua* e Calças de smoking, € 432.00, *Gianfranco Ferré*. Tudo na *Loja das Meias*. Anéis em topázio e pérolas, € 2244.00, *Mimi*. Quase tudo presentes do Marco. Ignorando o homem, prosseguiu até encontrar o restaurante.

Ficou bastante vacilante em entrar. Mas as cortinas de palha aparentemente suspeitas, escondiam uma ambiência cujo primor era inegável. A decoração era extravagante mas apelava à depuração, à mansidão. Quase tudo vidros que tapavam pinturas abstractas. Vidro a cobrir pinturas abstractas no chão. Vidro a cobrir pinturas abstractas nas paredes. Vidro a cobrir pinturas abstractas no tecto. Mas tudo conjugado numa harmonia envolvente. E Ana, que até nem gostava nada de arte abstracta, não desgostou. Contudo, estavam poucas mesas ocupadas àquela hora e não lhe pareceu ver ninguém que correspondesse à descrição que trazia dos produtores com quem iria estabelecer contacto. Assim, aproveitou para ir à casa de banho.

A casa de banho não destoava do resto do restaurante em termos decorativos. E, pela primeira vez em Gronos, um espelho! Ana pôde assim colocar-se em várias posições e apreciar a sua figura. Era de perfil que ela conseguia verificar melhor a forma como a roupa estava assente no corpo. Algumas peças precisavam de ser reajustadas com deslocações suaves. Entretanto, dirigiu-se a um cubículo possuidor de sanita a fim de satisfazer necessidades fisiológicas. Dentro do cubículo apercebeu-se da entrada de duas raparigas na casa de banho e inevitavelmente ouviu a conversa que mantinham entre si.

- Que estás a fazer? – Pergunta uma voz de timbre áspero.

- Estou a ver-me ao espelho. - Responde uma voz aguda e melódica.

- Até que ponto achas que ele retribui a tua imagem?

- Não entres em problematizações grotescas. É óbvio que retribui a minha imagem porque existe luz e o espelho se trata de uma superfície reflectora.

- Ah, não, mas a questão é... Será que a imagem que tu vês de ti é a que os outros vêem? No sentido em que perante um espelho geras uma situação dominada pelo articialismo, uma situação de isolamento... Tu não te vês inserida em determinado contexto, vês-te com a ânsia de te veres e não espontaneamente. Até que ponto a visão de ti que ele te dá pode ser fiel?

Ouve-se a porta a abrir. Entra um terceiro elemento. Ana puxa as calças, sai do cubículo e dirige-se para o lavatório no intuito de lavar as mãos. O terceiro elemento é uma senhora gorducha com o cabelo laranja e a roupa verde alface. Dirige-se para o cubículo. As raparigas são elegantes, usam roupas suaves, têm compridas *rastas* aloiradas e Ana procura perceber se estarão pedradas. Mas não consegue. A conversa entre as duas prossegue. A rapariga de voz melódica é a mais baixa.

- Estou a ver o teu ponto de vista... No fundo o que queres dizer é que a imagem se altera em função de um encadeamento. A imagem insere-se em ocasiões. As ocasiões são-nos exteriores e consequentemente incontrolláveis. O espelho reflecte uma porção daquilo que somos ou viremos a ser, dá-nos um indício, uma impressão... mas nunca a verdade.

A mulher de verde alface sai da casa de banho. Dirige-se às raparigas enquanto carrega num botão de onde extrai sabonete líquido. Aparentemente não se conhecem.

- Então, mas vamos lá ver, uma só imagem não pode sofrer variações assim tão acentuadas mesmo estando inscrita em contextos diversos...

- Pois não – responde a rapariga de voz monocórdica – contudo, não é só esse o factor das intercorrências. Há uma margem de autonomia dada à subjectividade do sujeito.

- Sempre a subjectividade! – Lamenta-se a senhora.

- É verdade, minha senhora, é verdade! – Assina a voz áspera.

A senhora sai da casa de banho. Ana faz o mesmo com a sensação de que o entendimento de alguma coisa lhe escapou. Ao sair da casa de banho Ana conseguiu discernir dois homens no canto superior esquerdo do restaurante que se enquadravam no registo mental que possuía do que lhe tinham descrito. Um homem com os seus setenta e tais, careca no centro da cabeça, uma barba descuidada a

cair por todos os limites da cara fumava um cachimbo que parecia ter sido trabalhado artesanalmente. Estava descontraidamente a observar a estranha pintura abstracta (com muitos riscos, manchas e assim) que se encontrava imediatamente à sua frente. O outro rapaz era mais jovem, nos seus trinta e poucos. Não tinha barba, não tinha careca. Um corte corriqueiro adornava-lhe a face enxurrada de uma jovialidade enjoativa. A camisa azul clara com riscas ligeiramente mais claras, ficava-lhe minimamente decente apesar de se perceber nitidamente que a roupa não era de nenhum estilista.

Ana aproximou-se da mesa daquelas duas personagens.

- Boa noite! Encontro-me na presença do senhor T. e do senhor K. ?

- Com certeza, menina! Sente-se! – Disse calorosamente o mais novo.

Ana sentou-se ao lado de T. (o mais novo) situando-se na diagonal de K. (o mais velho).

- Então... Diga lá... *Portuguesa*, não é assim? – Inquire com uma voz arrastada e descontraída (a tocar o 'apática') o senhor K.

- É verdade. – Mas este 'é verdade' ficou abafado quando os dois pareceram desaguar num diálogo privado.

- Que achas de Portugal, T.?

- Não é mau...

- *O Manual dos Inquisidores*, lembra-te?

- Ah! Esse manual dos inquisidores... - Havia uma divergência de atitude, de energia, dir-se-ia, entre os dois. O jovem G, todo ateadado, falava à medida do pensamento, como se tivesse aberto a cabeça e lhe estivessemos a ouvir os pensamentos à medida que eles circulavam naturalmente pela elasticidade da sua eloquência, enquanto que K. era mais reservado, escolhia as palavras. De qualquer forma, para Ana, ambos surgiam como lunáticos, psicopatas destrambelhados, sim porque destrambelhado é um daqueles adjectivos que não são adaptáveis a qualquer pessoa, não! É preciso ter-se um aspecto especialmente sádico e uma veemência expurgada a dirigir-se para um recanto obscuro, desconhecido, para se conseguir ser simultaneamente encantador e repulsivo como aqueles dois

- Ah! Esse manual dos inquisidores...

e depois não era só esse invólucro de destempero sinistro, era a impassibilidade inerente aos dois homens que...

- Nesse livro, a aglomeração caótica é o molde do excesso. – Continua K.

...a desprezavam?

- Podem só dizer-me do que é que estão a falar? – Arriscou Ana, num tom de retraimento.

Mas era inútil, o diálogo continuava, restrito e efusivo, "a queda em vez da ascensão, qual epopeia ao contrário" ouvia Ana, "o questionamento da capacidade de determinação colectiva ontológica", ecoava-lhe algures nos subúrbios da consciência. Entretanto lembrou-se de um cartaz publicitário que viu uma vez numa paragem de metro em Barcelona com a imagem de Jesus Cristo a segurar um preservativo e uma frase em baixo que traduzida, significaria "É divino e chega-se na mesma ao céu". Mas pior que isso - tinha-lhe contado um amigo - era a existência de expressões no calão espanhol de índole sacro-santa como *Putá Madre!*

- A aglomeração caótica desse livro é o molde do excesso.

Uma pausa.

- Não acha, menina? – K. dirige-se a Ana, que parece acordar do fundo de um filme expressionista alemão.

- O que vai ser o jantar? – Pergunta Ana.

Depois explicaram-lhe que tinham feito uma aplicação cinematográfica do livro de Lobo Antunes. Ana não sabia o que fazer ou dizer, não sabia que livro era, embora já tivesse ouvido falar do sujeito que era médio ou não sei quê. Ela só queria tratar de um contrato de uma forma *normal*. Que é chegar ali, até se pode falar um pouco do tempo, tudo bem, mas depois há que perguntar em que consiste a série, esboçar um *storyline*, avaliar a propensão que terá para uma eventual aplicação com êxito ao universo médio português.

Pediram uma tal '*grizé*' para o jantar. Ana ficou muito apreensiva, não sabia o que era aquela porcaria. E sim, parecia efectivamente uma porcaria. Pedacos de vegetais com um molho vermelho por cima com cheiro a arroz queimado. Pelo sim, pelo não, o prudente «Eu não estou com muita fome.» fora aplicado.

- E então... de que trata a série? – Aventurou Ana.

T. comia com imensa vontade e com um sorriso que parecia enterrado bruscamente na face mesmo enquanto mastigava ou abria a boca para inserir um pedaço de papa encarnada lá dentro. K. fumava cachimbo e olhava para as paredes. Agora para a lateral. O silêncio pousara-se por ali.

- Hummm... A série?

- A série, menina, a série trata de uma jovem...

Pausa.

- Sim, uma jovem?... – Tentou arrancar Ana. – Uma jovem bonita que está apaixonada por um rapaz possuidor de músculos perfeitos que também gosta muito dela mas que namora com uma manipuladora asquerosa que impede a felicidade da protagonista?

T. e K. olharam um para o outro, em silêncio.

- Não. - Retorquiu K.

- Antes de mais deve saber uma coisa a respeito da nossa série... - Começou T. – Nós procuramos conjugar de forma inteligente as exigências do universo cultural *mainstream* com tendências artísticas experimentais. Sabe que o paraíso ainda não é possível para uma empresa que, como todas as outras, lida com números.

Sim, ok, Ana estava declaradamente aborrecida. Mas que raio de paleio era aquele? Há protagonista ou não há protagonista? Há praia ou não há praia? Há gajos bons ou não há gajos bons? Perguntas *simples*.

- Sim, claro, compreendo perfeitamente. – Respondeu Ana, erguendo o peito acreditando que assim ninguém repararia na sua falta de capital cultural.

- Nós temos poucas informações acerca do vosso país, menina... Lidámos com aquele livro do senhor Antunes, mais nada! Repare, nós tentamos ser bons... - Continuou K.

- Pois, nós tentamos ser bons... - Reafirma T.

-... E conciliar popularidade com isso. – Concluiu K.

K. não demorou muito a desmarcar-se com motivos de compromissos urgentes em outros lugares com outras pessoas. Ficaria, então, a conversa sobre a série para amanhã ao almoço. T. concordou.

Ana decidiu ir conhecer um pouco da vida nocturna do país. Procurou por alguma discoteca interessante mas a única coisa que encontrou foram umas escadas que davam para um bar enfiado numa cave com aspecto lúgubre, ou pelo menos estranho. Sentia-se ligeiramente desconfortável pelo facto de ser uma desconhecida naquela espécie de *cidade-país*. Eram todos muito diferentes dela. Não identificou nenhuma marca de nenhum estilista em peça de roupa nenhuma. Todos extravagantes, todos estranhos. Drogar-se-iam? Se não se drogavam pelo menos era esquisito que não reparassem minimamente na sua presença. Afinal ela trazia uma Camisa em *chiffon* com fitas de seda, *Alessandro Dell Acqua* e Calças de smoking *Gianfranco Ferré*. “Bando de anormais, estes *Gronenses*”, pensou consigo mesma. “Pelo menos um gajo a olhar-me para o rabo, era pedir muito?”

Entretanto naquele bar todos se pareciam conhecer, ou se não se conheciam havia uma espécie de falta de complexo colectivo, não havia anormalidade nenhuma em trocar ideias com alguém mesmo antes de lhe saber o nome, senão não debatiam coisas tão estranhas e tão...

- Estamos de acordo até certo ponto. – Diz a personagem A. - Ao esboçar criticamente a completa ausência de união e empatia entre os representantes de uma classe marginalizada, constatando friamente a improvável formação de uma "classe por si" que possa fazer frente ao poder do Capital, chamou a atenção da crítica especializada, deu que falar, e isso é que importa.

Falavam de uma peça de teatro brasileira.

- Pronto, mas o que ele deixa patente são apenas possíveis discussões ou acepções sobre as questões sócio-culturais em que vive, repete o que fazem todos os outros dramaturgos da sua época. Nada de novo! – Responde a personagem B.

- Seja como for, a peça foi importante para delinear o mal-estar que se fazia presente nas relações autoritárias entre indivíduos que, de certa forma, sofriam dos mesmos males. – Comenta a personagem C., lá ao fundo.

- Sim, o gajo tem jeito para foder Os Senhores Lá De Cima, tem! – Afirma, já com alguns sinais de inebriamento, a personagem D.

- Não, não julgo que se repita como tu disseste, B. - prossegue A. – a peça consegue ir mais além, infiltrar a realidade humana, reflectir acerca das repercussões do Sonho Americano do ponto de vista dos distúrbios não só sociais como emocionais. Vê-se que o autor quer contornar o estereótipo reproduzido pelos intelectuais do seu tempo que insistem em retratar – neste momento A. simula uma voz fininha, satírica – o-ingénuo-sujeito-cuja-alienação-advém-unicamente-dos-mecanismos-intrínsecos-à-sociedade-capitalista, oh, coitadinho!

- Estão a falar do quê? – Inquire a personagem E., acabada de chegar.

- A peça Dois Perdidos Numa Noite Suja. – Responde B.

- Ah, sim, aquela em que dois homens dividem um desolado quarto de pensão e vivem um intenso conflito de valores, etc...

- Isso. – Confirma C.

- Quem é que a escreveu, mesmo? – Interroga E.

- Não faço ideia. – Responde A.

- Também não me lembro... - Admite B.

- Ai, eu sabia, espera aí... Ai... Não me recordo... - Declara C.

Ainda não era meia-noite quando Ana saiu do bar. Sentia mesmo uma indisposição vinda do abdómen. Talvez devido à papa vermelha, ou talvez porque esta existência individual que parecia brotar a cada expiração dos habitantes de Gronos era deveras perturbadora. Todos com opiniões tão próprias sobre coisas em que ninguém pensa. Na verdade pensar, naquele momento, era algo que lhe custava. Dirigiu-se para o hotel com alguma dificuldade.

No dia seguinte acordou alguns minutos antes do almoço marcado com T. e K. Produziu-se, claro. Mas não se produziu muito. Chegou à conclusão que gastar cosmético com Gronenses não era algo muito inteligente.

Novamente no restaurante já seu conhecido, Ana sentou-se na mesa, ainda vazia, onde estivera na noite passada com T. e K. Não demoraram muito a chegar. Ana não reparou na roupa deles a não ser no estranho relógio que T. trazia e que possuía a forma de um porquinho prateado. Para o almoço, mandaram vir *Grozo* que se assemelhava ao *Grizé* mas desta vez era verde. Ana foi directa ao assunto. Precisava mesmo de compreender do que tratava a série para poder comunicar à empresa, para avaliar probabilidades de sucesso, para se consumir (ou não) a compra dos direitos para readaptação.

- Bom, como já tínhamos indicado, a série é protagonizada por uma personagem feminina. – Começou T. - Todo o universo interior dessa personagem é relatada ao público numa sucessão e alternância de analepses e prolepses que de certa forma ajudam a fragmentar a narrativa comum, criando focos de pressão específicos na leitura do enredo. Compreende?

- A particularidade e o interesse do universo da personagem residem no questionamento que ela faz ininterruptamente da realidade... - Continuou K.

- Muitos dos intervenientes da acção surgem de uma forma efémera, mas cumprem o seu objectivo... Por exemplo, um episódio que fez muito sucesso foi aquele, lembra-se K.?, em que a protagonista descobre que o cheiro a alfazema e incensos que provém da casa do vizinho de cima são uma forma de amenizar o estado de putrefacção do seu corpo, porque ele no fundo estava morto. Depois de algumas conjunturas conclui-se que é a Vontade que o mantém vivo para lá das limitações humanas. Há ainda uns rasgos do mundo da doutrina *Thelema* e um cheirinho a hedonismo de *Crowley*. Tudo explorado como bisbilhotice intelectual. Não andamos a impingir teorias a ninguém, eh eh!

- É, enfim, tentámos explorar assuntos polémicos pelos quais toda a gente sente uma certa curiosidade...

Ana, nitidamente perturbada, interrompe K. e solta alguns desabafos.

- Não é isso que eu considero propriamente uma série para entreter e para se passar o tempo! *Passar o tempo! Diversão!* Isso que vocês descrevem tem mais ares daquelas séries de culto que ajudam a formar psicopatas do que de uma coisa para divertir! Vocês neste país são completamente doidos! Falam todos de coisas esquisitas, em que nenhuma pessoa normal perde tempo a pensar! Falam de espectáculos ou de livros, como se isso realmente vos afectasse a vida! É ridículo! As pessoas normais não são assim! E depois são capazes de estar a debater ideias sem saber quem as criou, como se elas se tivessem desatado do criador! Que estupidez! Olhem, sabem que mais? Deixem lá o contrato... não é preciso grandes estudos analíticos para perceber que uma série dessas no meu país, para ter algum sucesso, seria necessário começarmos a viver uma realidade utópica! Com licença!

Ana pega na sua mala *Alexander McQueen* e sai disparada do restaurante. Lá dentro, K. dirige-se a T. quando diz:

- Coitado do Senhor Antunes...

Ta Mery

(1º Prémio Categoria B Prémio Utopia para Concurso Literário)

Citação: Ta Mery, "Pangea", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

"Nascida numa era de pânico" caminho por entre as brumas da Cidade que me esmagam a cada passo. Há já seis meses que os meus olhos não contemplam o sol: dizem que o combate imperecível entre *Rá* e *Shiva* terminou. A humanidade está perdida: FUJAM! Mas, partir para onde? As famílias destroçadas vivem como tempestades unidas pela mesma cola lascada e a *ayahuasca* ocidental acalenta as esperanças alienadas de todos nós. Ainda ninguém percebeu que o mundo não é redondo, é plano como as ruas desta Cidade onde me fragmento. Caminho...sem sentido...sem saber para onde vou. Os jardins há muito que se multiplicaram no meu cérebro e a minha mente revela-me segredos por dizer. As pessoas passam por mim também sem saber. Os seus rostos acusam confissões mundanas de angústia. Rostos cinzentos...madrepérola...que me atingem em todo o meu ser. Chego ao centro da Cidade da minha consciência. Procuo alguém com quem conversar. Alguém a quem possa confiar os Grandes Mistérios...esse peso que me atormenta e me suga todas as forças. Consigo, finalmente, um monólogo com *Saknik* que me diz: " Está tudo nas mãos dos Oráculos Supremos. Somos apenas grãos de areia no relógio do tempo que o vento um dia levará!". A sua resposta atinge-me como um dardo envenenado. "Então", replico " e as abduções da Verdade? A imobilidade é a solução? Não creio... não espero...desespero!". As lágrimas escorrem-me pelos olhos da mente e sou atingida por um sopro que faz *Saknik* desaparecer. Os Oráculos sempre viveram numa redoma de vidro demasiado espesso para ouvirem e os Obedientes ainda não compreendem todo o seu poder interior. Retorno ao meu caminho em direcção ao Refúgio Sagrado. Como é possível que aquilo que nos separa do mundo nos faça sentir tanta protecção? Ligo o rádio. "Previsões de tornados para o final da tarde. Aconselhamos toda a gente a manter-se na concha dos seus pensamentos". Desligo o som e fico-me a admirar aquele pequeno aparelho. O cinzento da sua estrutura torna-se o cinzento da minha alma e vejo para além da realidade. Imagens difusas emergem no meu cérebro onde o neo-cortex batalha pela hegemonia imperial. O delírio da Verdade foi mais forte desta vez e sinto o frio do chão a percorrer a minha carcaça orgânica. Tremo...temo que surja alguém e me leve até à Entidade Suprema que controla os nossos corpos e dita quem é obediente ou louco. "Sem a loucura que é o homem, mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria?"ⁱⁱⁱ Sei que a Liberdade tornar-se-ia minha inimiga e nunca mais veria a sua frágil face. Levanto-me percorrida por suores frios que não são mais do que a constatação de um facto. Flutuando aproximamo-me da janela e puxo a cortina até ao meu peito. Lá fora, *Guernica* dilacerante, coroado com o sangue escarlate de quem se esqueceu de viver: todos nós. As pessoas passam sem desperdiçar um segundo da sua essência na minha pobre janela. Como marionetas, deixam-se seduzir por comportamentos piramidais que as transformam em meros números. Lá fora, todo um outro mundo submerso à procura de partilha. Estendo a mão e quase nos tocámos! Sinto o quase prazer da descoberta de não estar só! Voltam as imagens da alucinação: velozes, vorazes, arco-íris de alimento para a alma que revelam a possibilidade da Utopia e que embriagam a anestesia da realidade. De repente...um Grito.

Acordo. O Controlador do Tempo diz-me que é hora de entrar na vida. A mecânica há muito conhecida torna as coisas quase automáticas. Como se o meu cérebro estivesse ainda adormecido, preparo o meu organismo para mais um dia. Especialistas afirmam que o sol estará em greve durante os próximos meses e o hábito toma conta dos meus sentimentos. A minha gémea numérica emerge de um turbilhão de papel e eu saio à rua. Cubro a minha face com a máscara de sobrevivência pois desde a segunda Hiroshima que o ar foi promovido a Puro Veneno. No exterior os escombros da Vida representam o espectro da Morte que tudo abarca no seu abraço. Clones do Oráculo Supremo circulam pela Cidade e resquícios da última Visão emergem luminescentes no profundo do meu inconsciente: *Guernica* destruído! Circulo pelo lado certo e alcanço o meu destino: o Centro do (Des)Conhecimento . Novamente os números invadem todas as presenças e a amargura permanece sob a cobertura de chocolate lunar que ilude as consciências como se *Munch* nunca tivesse pisado o solo. Tema de hoje: a evolução humana. Obra de Deus ou do Pó das Estrelas? Se ainda houvesse outros seres vivos talvez estes nos pudessem transmitir a Razão. Para não quebrar com a sua tradição de Imitação-das-Fúrias os

Oráculos decretaram a extinção das espécies sem qualquer possibilidade de as suas *atmas* terem uma segunda oportunidade. Agora as Visões da Natureza despontam da Outra Realidade- a das Mak'inas- tal como uma assombração que nos surge a meio da noite e que nos faz crer ser real. Tudo perdido! Apresento um quadro pintado pela mente sobre a Teoria do Ser e reprovo no ritual de integração. Não sabem! Olho pela janela da sala e o cinzento no meu pensamento torna-se no cinzento dos outros. Anseio pelo regresso a Mim mas não me é permitido por enquanto. Aproximam-se curiosos e perguntam-me “ Se continuas assim corres o risco de te tornares uma Dissidente. Sabes o que acontece a essas pessoas.” Sim, sei-o muito bem: o Refúgio Eterno. As suas palavras misturam-se com as minhas até deixarem de fazer sentido. Afasto-me com uma desculpa qualquer e procuro o calor da Terra sobre o meu corpo. Fecho os olhos e busco no profundo das minhas entranhas a Resposta.

“ *Estuans interius ira vehementi in amaritudine, loquor mee menti*”ⁱⁱⁱ: somos como marionetas robóticas impedidos de qualquer impulso de vida. Nem *Orion*, nem *Kilimanjaro*, *Ukko* ou *Alá* virão em nosso amparo agora. Areias movediças que secaram cimentam as nossas comunicações e os meus pensamentos circulam num transe hipnótico. Flashes de dor invadem o meu invólucro e o Ser que habita a minha Consciência chama por mim. “Miserável. Tu tens o Poder mas não o usas. Transformaste-te num vegetal apodrecido, inútil!”. Voltam as alucinações. Desta vez mostram-me um caminho sinuoso que percorro de olhos fechados. Sons distintos alastram em meu redor e vislumbro rasgos do Passado. Paro! Em frente olhos radiosos dizem-me ser das espécies que foram um dia. O meu corpo todo Verde, contrastando com o cinzento da minha Realidade. Amplio os meus membros para lhes poder tocar mas parecem cada vez mais longe...longe...longe. Falam-me numa linguagem que não conheço mas entendo. Todos os seres juntos comunicam entre si: Paz. Aproxima-se a hora do Retorno.

Abro os olhos e a confusão torna-se progressivamente mais imperceptível. Loucura é uma palavra demasiado breve para caracterizar o infinito que me atravessa. Lá no alto o Céu carregado de ciprestes nublosos anuncia uma tempestade. Volto ao meu posto na colmeia tentando não transparecer demasiado Eu. Tópico de conversa: dinheiro. O que seria de nós sem ele? Mesmo que agora só ressuscite em forma de cartão- mais um contacto perdido- é o Deus Nosso de Cada Dia. Antes do seu nascimento eram os objectos que reinavam, mas que nunca chegaram a constituir um verdadeiro império mundial. Responsável pela Derradeira Idade das Trevas em que estamos submersos, anseia por novos mundos para subjugar. O Absoluto Desconhecido é bombardeado com utensílios de metal ao serviço dos Oráculos que, a partir das suas bolas de cristal electrizadas, interpretam modos de aumentar o seu Domínio sempre distante. Talvez hoje vá até Saturno. As conversas não passavam disso: palavras tão fracas que nem chegavam a atingir o Ser interior. Regras. Agir de acordo com o estabelecido oprimindo a imaginação e convertendo cada um em percentagem. O Valor passa a ser Número. Ditadura não lá mas cá. E os pobres? Pobres de quê? Matéria. Pobres de nós, ciclopes de Espírito que não vemos a Solução mesmo que ela esbarre e nos faça tropeçar. Ninguém percebeu. Não basta palavras para se obter o significado. Novamente o sentimento de fuga face à incompreensão. Sorrio- as regras obrigam-nos a revelar a Felicidade do nosso âmago mesmo que estejamos prestes a tornar-nos pó (e quem realmente se importa?)- e procuro retirar-me de cena. A minha personagem está cansada-desesperada deste tipo de papel. Anseio pelo conforto apaziguador da minha Protecção. Chego e, como todos os dias e toda a gente, os mecanismos registam todos os meus movimentos e, como zombies, transmitem toda as intimidades ao Grande Cérebro Mecânico. Liberdade? Conceito estranho! Dispo-me dos preceitos e preconceitos acumulados durante o dia e procuro quem procurou por mim. Dizem-me que chegou a hora de contribuir para a sobrevivência da espécie, e que esse é o sonho de infância de cada um. Desde a Quase Extinção do Ser que os ciclos reprodutivos se tornaram mais militares. Não poderei permanecer no Centro eternamente porque os números conquistaram todos os Elementos do Conhecimento e passaram a orientar os nossos desejos e qualidades. Uma explosão de vórtices atinge o meu cérebro. Não poderei fazer algo que implique cada átomo do meu ser porque o objectivo é ganhar dinheiro e não ser feliz. Procuro calma mas os Especialistas dizem que tenho de aceitar a Essência das coisas. Ninguém entende. Ninguém se mexe. Anestesia.

Saknik visita-me e traz uma mensagem dos Antepassados. Não estou só. Mas tenho dificuldade em aceitar. Vejo a realidade todos os dias, o cinzento que cobre toda a superfície da Terra plana. Precipícios de angústia e temor, suspendem noutra dimensão todas as possibilidades. Não. Pode ser que tenha razão. Talvez o sol decida resplandecer novamente aos meus olhos. Nessa noite os sonhos conquistaram o seu direito de visões. Envolto numa mandala em véu rostos diversos apresentavam as suas condolências. Lágrimas escorriam das faces de crianças crescidas numa nuvem de poeira que cegava os não crentes. No centro, um globo já não cinzento mas azul e verde. Asas de pombas brancas boiavam entre os presentes incrédulos por todas as maravilhas ofuscadas pelo Grande Cinzento. Esperança. O Especialista do Corpo havia-me dito que esta já tinha atrofiado no interior do meu inconsciente. Levanto-me encharcada na minha descoberta e inicio um longo período de insónias. “Não posso parar!” Envolver-me num prelúdio de exploração e as Visões do Paraíso^v não me deixam desistir.

Chove, não água mas Destruição que carrega consigo túmulos de eras de extinção. Nunca soubemos lidar com a mudança “porque o Homem tem tendência para a autodestruição!”^v Amor-Ódio à vida! Imaginação maldita! Os corredores de segurança afligem-se com todo o calor daqueles corpos acelerados, como se a vida fosse um assunto inadiável. Fingem preocupação, fingem aceitação. Vejo agora que seus olhos não estão muito longe da Verdade. O que nos aconteceu? Como o permitimos? Foi tudo tão rápido, como um flash fotográfico que suspende o Sopro Primordial. Chove. A corrosão cresce em todos. Chaminés de fumo substituem as pirâmides naturais e o cinzento material qualquer flor que ouse despertar para a vida. O cinzento lá fora torna-se o cinzento cá dentro. Ninguém fala a tristeza que habita nos seus corações. Os Clones estão presentes. Não sonham com o futuro, apenas com o agora. Seres que se controlam a si mesmos. Parto em busca daqueles que partilham a Verdade. Choques atingem o meu peito. “Agora não” penso, mas as Visões não aceitam ordens. Alucinação...loucura. Já os consigo ouvir se perceberem que sou diferente-dissidente. As Grandes Regras existem para ser cumpridas e a tolerância é uma palavra que foi retirada do dicionário. Procuo um local liberto de organismos mas as paredes não o permitem. Saio. A chuva e o pó. Revolta em espasmos entro por uma nova dimensão. Devastação. No centro da confusão uma luz bruxuleante quase extinta escreve branco e dispara setas que atingem pessoas distintas. Vejo as suas faces como uma corrente oceânica disforme que chega à costa e desaparece. Esperança. Abro os olhos e as minhas pernas já não me obedecem. Obedecer. Vestida pela chuva estendo o meu olhar até ao pôr do horizonte. O mapa dos descobrimentos acabou de ser traçado e um novo ciclo aproximava-se após a dolorosa fase da catástrofe. União. Retomo o meu lugar nos corredores de segurança e sei o meu destino: Submundo. Local místico que sempre pensei ser como uma fábula para crianças, acolhia todas as almas crentes, dissidentes. Pessoas que as Fúrias permitiam viver de acordo com as suas Visões e que se tornavam ameaças para os Integrados. Lá fora a chuva parou mas não as explosões. Estremeço a cada reacção química. Cruzadas de conquista como se ainda houvesse alguma coisa para conquistar! E quem aprende com milénios de erros históricos? Aves metálicas tolhem a atmosfera com os seus gritos estridentes. Sei que tenho de agir rapidamente. Os Prazos são sempre para se cumprir! A imaginação deve obedecer.

Ainda vestida pela chuva coloco o mapa entre os meus pensamentos e anseio pelos átomos dos meus objectivos. Não sei onde começar. Como se encontra alguém que não quer ser encontrado? Chego ao centro da Cidade onde permanece como cal desgastada pelo tempo uma cópia esfíngica do Oráculo com sua postura horripilante. Se ela não está feliz porque o há-de permitir aos outros? Rodopiam para mim relances de desconcerto. Por onde começar? Tudo igual! Onde estão as figuras da minha Visão? Começo a andar por caminhos imortais. A travessia surge agora como impossível, uma alucinação. Aquilo chamado Esperança define lentamente no meu Ser. Passam-se eternidades de horas e não encontro aqueles que trarão a Revolução. A minha carcassa cansada arrasta-se serpenteante pela neblina dos Grandes Mistérios. Imploro a todos os Entes Incontestáveis por um abraço de consolo mas suas vozes mantêm-se caladas. Regresso à minha concha protectora acompanhada pela nuvem da desilusão. O Controlador do Tempo já dançou demasiadas e até ele está exausto. No radio anunciam-se novas tendências de narizes para a estação Outono/Inverno, como se ainda houvesse diferenças entre a distância à Estrela Mãe. É importante estar sempre na vanguarda das mutações corporais criadas pelo Invisível que se impõe em todas as consciências. Atrocidade. Outra palavra que foi banida do dicionário e encontra-se actualmente a cumprir pena perpétua por difamação. “Querem-se grandes e cinzentos para condizer com o ambiente circundante. Os lábios devem ser minúsculos, quase inexistentes porque não se pretende salientar as funções imundas da boca”. Quem cala consente. Ser igual a normal e carregar a cruz da frustração. Não és o que pensas mas o que aparentas porque o exterior tornou-se a cúpula da evolução. Sarcófagos voadores passam pela minha janela. Dirigem-se a destinos que não compreendo nem os que estão ao seu comando. Notas surdas chegam aos meus ouvidos do rádio ainda ligado. Desde que descobriram os efeitos das ondas sonoras nos nossos estímulos que somos tratados como átomos perdidos num buraco negro. Um tom para cada momento e os eléctrodos na minha cabeça^{vi} começam a surtir efeitos. *U bah ti way*^{vii}. Adormeço em busca da Solução. Esta fala-me nos sonhos e diz “Em breve estarei contigo. Em breve *Rá* deslumbrará com seus olhos de luz. Amanhã.” Meus olhos fitam o tecto na penumbra e formas começam a emergir. Sorrisos numa lua brilhante envolta pela Natureza. Um arco-íris de flores e colibris num oásis de música. O sol purificado pelo nevoeiro matinal onde a vida começa. A Compreensão abraçando a União.

Chega uma visita: *Saknik*. Diz-me que temos de partir. Diz-me que chegou a Hora. Flutuando pela Cidade a nossa luz contrasta com o cinzento dos terrestres. Aproximamo-nos de uma espécie de bolha sónica- o Submundo- e as paredes abraçam-me como a pele abraça o corpo. Lá dentro o Mundo como se nada tivesse mudado desde a Era do Antes. Começo a passear pelo verde das planícies e não encontro nenhum objecto familiar. Nada de Oráculos Supremos, apenas colectividades. Nada de Clones nem de Refúgios Eternos porque o Outro reflecte-se no Eu. As chaminés de fumo foram substituídas pelas pirâmides naturais e a greve do Sol nunca aconteceu. Páginas de memórias e pensamentos

circulam pelo ar liberto de astros venenosos. Simbiose. Borboletas e flores aladas tocam-me a face. Vejo os rostos e reconheço as pessoas. São as Essências de quem habita o Exterior e que nem os eléctrodos conseguiram exterminar. A Vida subjuga a materialidade e terminam as hierarquias no seu interior. Um breve aroma a jasmim invade os meus sentidos e sinto-me presa à verdadeira realidade. Perfeita? O que é a perfeição senão *aenigma*? Nada é perfeito mas pode ser sempre melhor.

Acordo. Tudo parece diferente. Levanto-me com as pálpebras ainda no mundo dos sonhos e a Lucidez atinge-me o entendimento. Fragmentos do sonho real trespassam-me como pulsares poéticas que vão além da métrica. Os braços do Sol fazem o meu corpo renascer e a angústia do conhecimento emerge. Percebo agora a necessidade urgente de um *Big Bang* do pensamento. A capacidade sempre se manteve activa mas o Medo detêm a hegemonia. Risco. Insegurança. Ditadura dos Oráculos que ignoram o poder da Renovação. Percebo também que os Dissidentes estão dentro de todos nós. Cada um cria a sua bolha sónica, concha de protecção de um organismo não liberto mas livre. Seres duplos como a duplicidade da nossa matéria- *Ronín*. Por vezes a bolha grita muito alto e toda ou estilhaços conseguem ultrapassar a barreira e chamar a Acção. E o amanhã? Fragmentos do vento solar sopram pelas malhas da escuridão. A teia que obscurece a Verdade rende-se à evidência da Consciência. A mobilização torna-se eminente. Não mais a destruição mas a criação. Não mais a subjugação mas a aceitação. Não mais o número mas a pessoa. Por fim a descoberta de que é possível. A mudança. O ciclo de *Ouruboros* esfuma-se perante a nossa realidade...

Saio com o peso da minha descoberta sobre os ombros. Percorro os trilhos do caminho a seguir e as opções encontram obstáculos a ultrapassar. Como fazer? O Poder não admite contradições e o Óbvio gira em todos os meus sentidos. Claro! O Controlador Cerebral! A resposta sempre tão perto e tão longe! O meu corpo atinge a velocidade luminosa em direcção à casa dos eléctrodos que adormecem a Liberdade. O edifício surge imponente em toda a sua majestade vidraçal. Transparência ao serviço da manipulação. Arrepios gelados servem de prelúdio ao sacrifício carnal. Olhos mecânicos envolvem-me em toda a minha dimensão à medida ultrapasso os limites do exterior. De imediato imagens de transgressão invadem a minha mente e a punição inicia o seu círculo gracioso. Suores de dor imploram pelo retrocesso e lágrimas de sal arrefecem o calor da expiação. Segundos transformam-se em impressões de décadas mas os Grandes Mistérios não se deixam derrubar. Os Clones acorrem em socorro da máquina que já não funciona em mim. Contingência que exige alguém superior: os próprios Oráculos. Na sala obscurecida de universo falam-me de união. A dissidência significa desorientação, rachas na tinta que cobre a coesão dos indivíduos. O que aconteceria se cada um dos biliões presentes revelasse o seu âmago? Absurdos há já muito ostracizados. Os números permitem a igualdade. Laivos de lucidez flutuam em meu redor. Percebo agora que mesmo estes seres são vítimas inconscientes da sua própria ilusão. As janelas percorridas por véus espessos não autorizam o olhar sobre a realidade. A penumbra lá fora omite-se à Visão dos seus olhos demasiado concentrados na perfeição do seu mapa de extermínio. Procuro a paz de um diálogo enquanto me aproximo da ligação com o exterior e arranco os véus autoritários. Subitamente, todo o sofrimento e desespero cobrem-nos como um manto: Nós, pobres personagens de um teatro vivo. As imagens percorrem serpenteantes as vísceras de um futuro terminável. Sentimentos de perda antiga reclamam o seu devido lugar electrizando as energias vitais. O irrecuperável torna-se na urgência da acção e estes seres onnipotentes revelam a sua fragilidade humana. Depressa. A pressa. Como fazer o que fazer? As suas almas saem vertiginosas pelas ligações electrónicas. O contacto atinge todos os Oráculos do Mundo e o desfecho institui a morte da Subordinação. Não mais eléctrodos. Não mais números. Apenas seres vivos envoltos na sobrevivência de cada partícula da Grande Gaia.

ⁱ "Hand full of nothing" Blasted Mechanism.

ⁱⁱ "D. Sebastião, Rei de Portugal" Fernando Pessoa.

ⁱⁱⁱ "Burning inside with violent anger, bitterly, I speak to my heart" *Carmina Burana*, Carl Off.

^{iv} Pablo Amaringo.

^v "Veronika decide morrer" Paulo Coelho.

^{vi} "O Cientista" John C. Lilly.

^{vii} "Ela foi dormir" língua maia.

Marta Jangrinha

(Menção Honrosa Categoria B Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Marta Jangrinha, "Amarelo Alasca=10", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

Cem metros bastaram para chegar lá. Exactamente onde lhe tinham dito – do segundo portão à direita. Olhou para trás, antes de entrar a medo e ainda com esperanças de ver o homem sombrio que lhe tinha indicado o caminho. Já não estava lá. Também não precisava que ninguém esperasse por ele. Nunca precisou. Empurrou o portão de ferro gasto, de vermelho lascado, e esperou que terminasse o ranger para finalmente o transpor. Nada. Tinham-lhe dito que aqui havia uma data deles. Escondidos. Nada, nem tecto sequer. Uns bocados de parede persistiam ainda, equilibrados como podiam seguindo a velha ideia de pedra sobre pedra. Havia umas ervas secas no chão mas nada indicava que o sítio era aquele. Tinha sido levado. Enganado mas de uma forma estranha. Desde há muito compreendera que não lhe era útil, de maneira alguma, pagar a estranhos por informações. Era da forma que o enganavam com mais gosto. Este, no entanto, nem tinha falado nisso. Tinha-o visto no café mais velho e mais central da aldeia e como não é difícil detectar estrangeiros dirigiu-se a ele. Também não é de cá – começou por dizer. E em menos de pouca coisa, que é como quem diz, dois copos de traçado, já estavam lançados na conversa. Se do álcool, se do calor, não soube, mas nunca tinha estado tão à vontade a falar deles com mais ninguém. Ao terceiro copo em conjunto, o estrangeiro da aldeia levantou-se e disse – «venha que eu levo-o lá». Não queria acreditar e agora, parvo, a olhar para ervas secas, achou que teria sido melhor não ter acreditado. Além do mais, aquela despedida assustada – «não vou consigo mais longe. É já daqui a cem metros, vai bem sozinho. Tenho que ir para casa que me esperam lá.» – e sem mais, começou a andar em sentido contrário, lenta e magoadamente. Olhou ainda várias vezes para trás, como que a confirmar que ele ía. Ele foi, parvo. Pensou no gozo que não deviam estar a ter às custas dele no café mais velho da aldeia. Deviam estar todos mais que habituados a brincar com a curiosidade dos turistas desde que a história se começou a espalhar pelo país. Ele não tinha sido o primeiro a lá chegar e, provavelmente, não teria sido o único a ser gozado. Esse pensamento tranquilizou-o um pouco. Passeou-se pelo terreno da casa, daqueles restos de casa, passeando também estas ideias. A fazer compasso de espera até arranjar uma boa desculpa, com que voltar ao café sem parecer tão desnordeado. Riu-se. Riu-se alto da sua própria estupidez. E, nessa altura, mais um pouco da parede ruiu. A pedra que saltou pareceu-lhe brilhar à luz daquele sol de fim de tarde. Baixou-se para lhe pegar. Ao segurar, na palma aberta, o pequeno pedaço de xisto percebeu que era impossível aquela coisa terrosa e cinza ter brilhado. Nessa altura, voltou-se ansioso para a entrada, porque não percebia agora outras coisas, por exemplo, como que raio é que paredes de xisto rude podem ter uma fachada imaculada, pálida e lisa. A resposta estava na ponta da sua língua e a sua língua estava completamente à mostra, naquela boca escancarada de pasmo. A resposta é que não pode. E não tinha. À sua frente nada de portão vermelho ferrugem, debaixo dos pés nada de ervas secas e nada de fachada desfeita sem tecto. Bonito serviço. Não só o gozaram no indicar do caminho como ainda lhe meteram qualquer coisa naquele vinho manhoso traçado. De certeza. Não era possível ser outra coisa, que uma pessoa não fica louca de um momento para outro. Ou fica? Ou já estava assim há mais tempo e só agora tinha reparado? Fechou os olhos e esfregou a cara. Não é possível. Baixou-se, e de cócoras meteu a mão na água fria que corria no riacho vindo dos lados do portão. Mas se já nem havia portão nenhum! Riacho? Resolveu, nesse ponto, assumir tudo como natural e contestar depois, quando conseguisse sair dali. Há um riacho que corre aos meus pés, há pedaços de xisto que formam os restos de uma parede que já não existe. Há um espaço aberto à minha volta onde a relva cresce alta. Não há ervas secas, nem casa, nem portão, nem aldeia. Estou aqui. E, se vim à procura deles, devo estar preparado para assumir que podem existir, apesar de não ser essa a minha intuição. Vim para os desacreditar, mas permito agora que me aconteça o contrário. Vim para negar a hipótese de poderem viver aqui e de serem como os descrevem. Olhou em volta e não viu nada, além dos montes de verde alto. Não sabia se tinha coragem de transpor aquilo, que achava que eram os limites da casa em que entrara ainda não havia uma hora. Ou já tinha passado mais tempo? O relógio de pulso estava parado. Cinco e quarenta da tarde. Mas não podia ser mais tarde, porque o verde dos montes continuava claro e o céu estendia-se azul luminoso abrindo todo o espaço à sua volta. Ao olhar na direcção do Sol viu o que lhe pareceu então um monte, como todos os outros, mas branco.

Apesar do receio de se afastar do lugar onde devia estar a porta, ele achou que o melhor seria agir

como se ali não estivesse, como se ainda achasse que não estava a ficar louco. E foi com esta cara, pesada de preocupação sobre a sua loucura, que meteu pés a caminho até que, um pouco longe e disfarçada pela luz branca e directa do Sol, vislumbrou o que pareciam ser um emaranhado de muros brancos e baixos. Ao aproximar-se, ia compreendendo as formas daquela cidade de luz e, até, vendo algumas sombras que se desenhavam entre as frechas, que se abriam a separar casas. Cada casa, viu ele, tinha quantos muros queria, umas normais, com quatro, outras com mais e algumas até ímpares, com sete ou nove muros de parede. Todas elas pareciam acertar os seus lados com os das casas mais próximas e, apesar do sol e da luz, esta proximidade entre as casas criava ruas, estreitas de sombras frescas. Ao entrar pelas ruas foi encontrando pessoas, muito iguais a ele, vestidas de forma simples, extraordinariamente colorida, mas normal e todas diferentes. As roupas das pessoas davam festa à paisagem branca e o contraste agradou-lhe muito. Não se notavam grandes diferenças nos modos de vestir, que indicassem alguma espécie de distanciação económica. E ele estranhou isto, porque não conseguia, com base no aspecto, decidir com quem havia de falar. As pessoas, por quem ele foi passando, pareciam estar todas muito divertidas, envolvidas em conversas bem engraçadas sem por isso deixarem de lhe sorrir quando ele passava. Ele retribuía o sorriso, mas mantinha aquela cara de temor preocupado, de quem não está a compreender nada. E achou, que era também por isso, que os habitantes riam tanto, estavam divertidos com o pânico do estrangeiro. Intimidou-se ao pensar nesta hipótese.

Foi passando pelas ruas e lembrando as casas de aldeias algarvias, o plano arquitectónico era mesmo muito semelhante e assim, com este conhecimento de proximidade em mente, sentiu-se menos alienado. Parcos passos à frente, encontrou ruas cheias de lojas, onde se vendiam as roupas que já tinha visto vestidas e alguns acessórios coloridos também. Viu cafés e esplanadas e venda de música e livros, viu espalhadas pelos labirintos de casas baixas uma imensidão de portas largas que se viravam para a rua, a oferecer tudo o que podia pensar. Viu grandes tapetes estendidos no chão das ruas mais largas e jovens cheios de cabelos que, sentados e deitados em cima deles, gritavam piadas aos que paravam para os ouvir. E ouvia música de trompete e violino e ouvia riso. Muitos risos e todos diferentes e genuínos. Risos e gargalhadas, em sons que pareciam vir do chão das ruas, atravessar as sombras e erguer-se em som de coisa boa até ao céu do sol. Nesta altura, já não se preocupou mais com a possibilidade de estar a enlouquecer. Ele sabia bem que o riso pode ser uma arma do terror que se aproxima de nós, como quem ameaça a loucura. Mas acreditou que não era esse riso malvado de vilão de filme que o envolvia. Acreditou e viu que era o riso despreocupado e alegre dos habitantes da cidade. Riu também. Com o à vontade que o local lhe inspirava agora. Entrou num café, passando a grande arcada que o dividia da rua. O espaço abria-se em losango onde um dos lados, inteiro, tinha sido derrubado para construir a arcada. Como se tivessem escavado o abaular de um losango de ar dentro de um losango de muro. Lá dentro, o espaço caído e amplo, cheio de mesas de verga, com cheiro de Verão, pouco altas e bancos que combinavam. Um balcão à sua frente, onde um homem de meia-idade lhe sorriu enquanto secava uns copos muito simples, com um pano branco muito simples. Passou os olhos pelos outros clientes e viu que bebiam cafés gelados e cervejas, ou semelhante. E que todos, mas todos, se riam divertidos, ora em conversas privadas, ora olhando para os transeuntes na rua. Um homem, sentado no canto direito bem junto à grande arcada, olhava para a rua e sorria em frente ao seu simples copo de cerveja. Julgou reconhecê-lo e, enquanto pedia o seu café gelado ao balcão, foi olhando para o tipo. De alto a baixo. As roupas eram do local e os cabelos, compridos e atados atrás com um nó, mostravam que estava a agir com o mesmo espírito simples dos outros habitantes. Mas algo na sua fisionomia indicava que não era um deles. Era um estrangeiro, como ele. O segundo estrangeiro do dia, num novo café. Depois de agradecer, com um sorriso, ao senhor do balcão e ser retribuído, dirigiu-se à mesa do estrangeiro e perguntou se se podia sentar. O outro elevou os olhos até aos dele, e, satisfeito, disse que sim.

– Peço desculpa por me intrometer, mas pareceu-me reconhece-lo de algum lado.

O homem riu:

– É bem provável. Aposto que, depois de eu ter vindo, eles se fartaram de fabricar mais lendas e de meter a minha foto no jornal. – Exclamou com um sorriso.

Aquele sorriso, e a ideia de uma foto no jornal, avivaram-lhe a memória. Sim. Tinha-o reconhecido de uma foto do jornal local da aldeia que deixou para trás. Ainda na tarde desse dia, tinha estado com esse jornal na mão e reconheceu, naquele outro pesquisador de mundos desaparecido, a sua própria história. O homem do jornal, como ele próprio, perseguia a mesma coisa, a mesma lenda que ele agora compreendia. Tinha chegado lá! Tinha-se proposto encontrar o sítio exacto da sociedade estranha e distante que as lendas da aldeia tinham proclamado existir. Tinha chegado à origem daquilo que tinha querido provar ser lenda ou boato, criado apenas para promoção turística por alguma agência de viagens. Mas afinal, a existência de tal sítio, explicava o facto de ele ter visto uma casa em ruínas desaparecer à sua frente e explicava os terrenos verdes que se abriram, então, ao seu redor e ainda a

cidade branca de luz, onde ele ousou entrar e onde se encontrava agora. Mas, as semelhanças com o mundo que conhecia era muitas, não podia tratar-se de uma forma perfeita de viver. Era tudo muito igual e, nesta cidade, como no mundo fora daqui, esse igual era feito de injustiças, violências e cinzentos de más ações. Porém, este era um igual muito à pele das coisas. O ambiente deste igual trazia em si um ar que se respirava de fresco e de energia. E era contagiante. Mesmo agora, olhando à sua volta, percebia que não havia ali ninguém enterrado na bebida para consolo, ou debruçado sobre a mesa com ombros rebaixados ao peso de contas para pagar ou arreliações caseiras. Não havia, naquele bar, ninguém que não parecesse não estar a viver o melhor dia da sua vida. E ele mesmo, estava delirante. Apesar da confusão que sofria, pelo longo emaranhado de informações que ia cruzando em *puzzle* de ideias e factos. Sentia todos os músculos descomprimidos e a pele do rosto elástica, solta num sorriso que se formava também nos olhos, sem qualquer esforço. O seu anfitrião pareceu compreender o que lhe ia na mente:

– Foi exactamente assim que me senti. Neste lugar não há problemas. Quer dizer, haver há, mas eles descobriram o maior segredo do mundo: o da felicidade. E é tão simples. A questão não se sublinha na existência de problemas, sublinha-se na maneira como se lida com eles.

– Sim. Estou a sentir isso, mas é informação de mais para mim. Como é que uma cidade inteira consegue estar bem disposta? Como é que tanta gente está feliz ao mesmo tempo? Não pode ser só por saber lidar com os problemas! Que tipo de problemas são esses com os quais se lida tão bem? Não são grandes ou importantes? Ou toda esta gente é tão egoísta que não se preocupa por não sentir?

– Os problemas daqui são exactamente os mesmos que os de lá fora. Se bem que já começaram a cair em declínio e são cada vez menos. A primeira coisa que deves apreender é que Nada continua a ser urgente daqui a três meses.

Ele parou, para digerir a frase, e achou que estava muito longe de servir de resposta a todas as perguntas que tinha feito e a todas as que ainda vinham invadir-lhe a mente. O outro pareceu ler-lhe o pensamento, uma outra vez. Disse-lhe:

– Tudo o que vais ver aqui vai causar-te ainda mais espanto a cada passo que dês. Sugiro-te que encares este como o teu primeiro problema, a resolver à moda do Riso.

– À moda de quem?

– Riso. O Riso é onde estás. É o nome desta cidade.

Não pôde deixar de achar que fazia realmente muito sentido e, ao mesmo tempo, era tão evidente que deu uma pequena risada. Estava em casa. Sentia-se em casa.

O outro continuou:

– Como tudo o que vais saber te vai causar dúvida e perplexidade, vais ficar recheado de perguntas. E, a cada nova informação, vão surgir-te outras. Isto faz parte do processo de aprender. Deixa que todas as novas interrogações sejam satisfeitas ao longo do caminho. Esta é a moda do Riso, é este entender do que é aprender sem ansiedade, ou nervosismo, ou preocupação. As coisas vão chegar a ti. E nenhuma questão, que acredites imperativa e urgente colocar agora, o vai continuar a ser daqui a vinte minutos. Não há urgência que dure sempre. Percebes agora?

Achou que sim. Fazia realmente sentido. Com esta revelação, de paz tranquila, a envolver-lhe os pensamentos, recostou-se na cadeira de palha e deu o primeiro golo no seu café gelado. Soube-lhe como um passeio nas nuvens. Parecia que aquele café, com aquela agradável cor creme e escura, disseminava pelos músculos a energia e a força da terra, ao mesmo tempo que tinha um cheiro de encher pulmões e um sabor que nunca antes tinha experimentado. Satisfeito, soltou um suspiro e olhando o estrangeiro que lhe sorria do outro lado da mesa, disse:

– Vi, no jornal da aldeia velha, que tinhas desaparecido há mais de três meses. Tens estado sempre aqui?

– Pois claro. Não há melhor sítio para se estar sempre. Esta cidade é o que eu procurei toda a vida.

Como o estrangeiro aparentava ser mais ou menos da sua idade, nunca mais de trinta anos, ele acreditou que havia ali algo de mentira ou hipérbole. Perguntou-lhe:

– O que descobriste já, sobre esta gente e este modo de ver o mundo, que os faça assim tão diferente de nós e que os faça dignos da lenda que os diz habitantes do melhor dos mundos?

Esta questão era, realmente, a mais importante e o estrangeiro lembrou-se como tinha percorrido todo o tempo que ali estava, a infiltrar-se nas vidas e nos sistemas da cidade sempre de forma bem vinda e divertida.

Descobriu, nessa altura, que tinha chegado a sua vez de dar as boas vindas a este jovem que, como ele, tinha vindo em busca de um sonho que encontrou.

O estrangeiro fechou os olhos e reclinou-se na sua cadeira de palha, começando a falar numa voz grave e apelativa. Com um sorriso nos lábios, contou como tudo se tinha passado de maneira simples e progressiva, sem que os grandes poderes se dessem conta das investidas do Movimento Riso (Movimento Revolucionário para o Implementar da Satisfação Oficial). Os membros do Riso começaram

por colaborar com hospitais, sobretudo os pediátricos, e escolas. Desta forma, não só afastavam a atenção dos seus propósitos de domínio, como começavam a estabelecer os laços com aqueles que viriam a ser os donos do mundo, as crianças. Aos poucos, foram lançando panfletos informativos sobre o poder terapêutico do riso, a sua função apaziguadora, a sensação de paz que ele transmite e até sobre o poder transformador da gargalhada. Estes pequenos passos foram sendo dados até se instalar a terapia do riso, cujos resultados foram aceites pela comunidade científica internacional. Foi nesta altura que se deu um dos passos mais importantes para o movimento. Daí até que os comediantes comessem a ser tão respeitados e conceituados quanto os cientistas no início do século XX, ou os modelos e actores no início do século XXI, foi um pulo. Os governantes começaram a recorrer ao riso, que tanto agradava às populações, para terem efeitos mais positivos e imediatos na época das eleições. Os anunciantes perceberam que a mensagem que queriam passar funcionava melhor se fosse construída em torno de uma piada, ou envolvendo algum humor. Aos poucos, com os chorudos ordenados que pagavam aos seus construtores de humor, governantes e comerciantes, começaram a depender, num nível muito elevado, de um grupo relativamente pequeno de comediantes. Esses tornaram-se muito ricos, tanto que começaram o novo sistema de câmbio que ainda hoje vigora. Neste sistema, tanto se pode pagar com dinheiro, como com anedotas ou ditos engraçados. O humor é moeda. E isto permite que ninguém passe privações, desde que consiga produzir riso. O que nunca é difícil. Toda a criatividade é premiada, desde muito cedo as crianças aprendem que já não lhes vale de muito responder sempre que $7+3$ é igual a 10 mas que podem ser recompensadas se responderem qualquer coisa como “Amarelo Alasca” desde que o justifiquem. “Amarelo é um, porque é a primeira cor em que pensei. E Alasca não é nada, porque é branco, longe e frio. É um zero. Um com zero é dez.” Assim se conseguem vinte valores na disciplina de “Despropósitos Matemáticos”.

As capacidades de relacionar os vários sentidos humanos é ainda mais premiada e, aqueles que conseguem sentir sinestésias, enveredam normalmente pela carreira de professor. Alguns dos artistas também se pautam por esta característica, mas são mais os criadores artísticos que têm por base o recurso ao absurdo. O absurdo tornou-se imagem de uma certa classe, mais erudita, e na qual se forma cerca de metade dos membros do governo. A outra metade da assembleia é chamada de ala corrosiva ou ácida, um tipo de humor também reservado às classes mais poderosas. A mediação dos dois pólos é gerida por um só homem, o comediante, e este é eleito na praça central da cidade através do som das gargalhadas e palmas dos votantes. O escolhido tem, depois, a possibilidade de apresentar todos os problemas e as suas soluções com recurso a hipóteses hilariantes, que também são submetidas a votação sonora. Se há excesso de pessoas internadas no hospital ele pode sugerir que se feche o hospital, ou que se espalhem as pessoas internadas pelas casas da cidade, ou que se curem rápido ou que se faça voluntariado. E como nada aqui é definitivo nem urgente, faz-se tudo e a coisa vai. Algumas pessoas vão ser albergadas em casas particulares, os médicos e os voluntários trabalham para arranjar soluções que retirem as pessoas do hospital mais rapidamente e curam-nas e, por último, chegam mesmo a fechar o hospital a novos internamentos, se estes puderem permanecer em casas particulares onde os voluntários os vão ver.

A grande função dos dois grupos, absurdos e corrosivos, é arranjar estas hipóteses de trabalho para os problemas do quotidiano. A cidade chegou à conclusão que estes tipos de humor são os mais construtivos e aposta nas soluções que eles apresentam.

Advogados, médicos, polícias e enfermeiros têm por base estas hipóteses da assembleia do humor, mas, para alguma autonomia de decisão, aplicam-lhe a variante negro, que também ajuda a satisfazer as necessidades profissionais. Contam-se histórias de um médico que conheceu a fama ao registar a sua própria doença. Um dia descobriu que sofria de alto-hipocondríase, sendo o principal sintoma uma insistência em reconhecer nos seus pacientes doenças que nem existiam, incluindo angústias capilares. Fala-se ainda do doente que se queixava de nada, que não se sentia normal por não ter doença absolutamente nenhuma, nem sequer umas borbulhas na cara ou uma unha encravada. Mais tarde, deambulando no meio da sua angústia de salubridade, o homem descobriu que era masoquista e, feliz, foi procurar curar-se. Outro homem ainda, insistia que tinha um credo na boca, mesmo preso entre os molares, o doutor é que não o via.

Noutro ramo de negócio, havia ainda a história de um advogado que, ao ir defender um acusado de homicídio fora da cidade, tentou safar-se recorrendo ao humor absurdo-sádico, muito apreciado nos tribunais de Riso. Usou a cara mais solene que conseguiu e, sem se desmanchar, gritou com assombro que o seu cliente tinha suicidado a criminoso vítima num acesso de raiva pré-paga. Nenhuma reacção. Afirmou ainda que ele era um mãos largas enquanto o obrigava a erguer o braço e expor a mão em pleno ar. Nada. Declarou que o seu cliente não tinha as costas quentes e nesta altura obrigou o desgraçado do homem a percorrer, despido de camisa, toda a sala de audiências, após o que ainda conseguiu forçar o juiz a meter-lhe a mão no ombro. Para isto teve que levar a cabo uma birra de bater com o pé e morder a língua e acabou por ameaçar suster a respiração até ao roxo. O juiz lá acedeu e ficou registado em acta

que o acusado não tinha, na verdade, as costas quentes. Mas reacções de aplauso, a que estava habituado, nada. Por último, viu-se forçado a levantar a voz e a passar um bisturi na testa do pobre arguido que começou a sangrar, provando assim, e sem sombra de dúvida, que ele não era nenhum testa de ferro. A argumentação não colheu, consideraram que o advogado tinha metido os pés pelas mãos, coisa que ele facilmente provou ser errada ao desenvolver uma arriscada performance acrobática, mas acabou mesmo por ser afastado das suas diligências com o escárnio de toda a mesa de magistrados. Foram precisos alguns episódios destes para que se fossem desfazendo, cada vez mais, os laços entre Riso e o mundo exterior. Simplesmente não se compreendiam.

Depois há o lado das profissões menos letradas, ladrilhadores ou pasteleiros, há de tudo na cidade, como há lá fora. Uma vez que não há diferenças económicas, a distinção das classes é encontrada nos jeitos de rir, no estilo e na produção de chacota. No meio da população comum impera o sentido de humor que ainda implica tropeções, muitas asneiras e bigornas em queda livre, é o traço brejeiro e simplista que se mantém dos primeiros tempos de escola onde o humor era imediato. São, normalmente, as classes dos trabalhadores, quem constrói os ditos mais ordinários e as ofensas da modalidade Chacota e Gozo Alarve. Estas modalidades são usadas em sessões de riso públicas, que acontecem na praça ou em ruas largas, e que nascem espontâneas, sem ser preciso mais que um Ah para soltar o chorrilho. Estes estilos não muito apreciados pela classe letrada, que prefere a destruição humorística de ideias com recurso a sarcasmo e ironias sagazes.

Quando há descontrolo de gargalhadas, o que ocasionalmente acontece nos eventos de Chacota e Gozo Alarve, a polícia é chamada a intervir. Todos aqueles que não conseguem responder com ditos espirituosos, durante o interrogatório, são levados para as câmaras de riso. Isto acontece porque não se pode correr o risco de ter cidadãos intimidados pela polícia ou a transpirar horrores durante um interrogatório. Nestas câmaras, os habitantes soltam toda a energia em excesso, saindo de lá com sorrisos calmos no rosto. De resto, os crimes são raros, e passam sobretudo pelo controlo dos anti-sociais, facilmente detectáveis pelo aspecto sisudo. Provocar o desconforto da seriedade nos habitantes é considerado muito grave e aqueles que o fazem são levados para autênticas salas de tortura de cócegas, onde estas chegam a acontecer com recurso a maquinaria elaborada. As sessões não podem durar mais de quinze minutos, dada a violência das gargalhadas. Todos os movimentos convulsivos, que o riso-de-gargalhada provoca no corpo, são analisados por especialistas, que concluem sobre a possibilidade de cura. Quando não há, o culpado é vítima do pior tratamento, torna-se motivo de gozo, não perdendo assim a sua utilidade pública, e sendo social e moralmente castigado.

Houve muito poucos casos de gente que tenha acabado por ser expulsa. Mas já aconteceu. Desde que aqui estou aconteceu uma vez, um estrangeiro também, foi deixado no espaço de uma casa em ruínas que tinha um portão vermelho. Dizem que, agora, nunca mais vai poder rir nem conseguir voltar. Dizem que quando se é obrigado a sair daqui tudo magoa e, mais ainda, porque nunca esqueçamos o bom deste lugar. Dizem que todo o expulso tem vontade de voltar ou, pelo menos, ter notícias. Mas, aqui dentro não há interesses escondidos, até os sorrisos amarelos são treinados, como forma de fazer rir, e não existem com outro propósito. Ninguém apresenta um sorriso amarelo por se sentir com pouca vontade de rir. Nesses casos, muitíssimo raros, a pessoa é levada para uma sessão de terapia.

Descobriu também que os palhaços, como os entendemos, não tinham lugar ali. Viviam uns poucos nos confins da cidade e eram companhia apenas para jovens rebeldes, sem outra ocupação que não provocar e gozar os mais velhos. Era comum voltarem depois, arrependidos, e a terem perfeita noção do vazio que há em pontapés nas flores ou tombos sobre narizes vermelhos. Os animais viviam por toda a parte, soltos, nas suas comunidades e nunca eram utilizados. Não serviam para comer, nem para vestir, nem para calçar. Alguns vinham, de tão habituados à presença humana de outros tempos, pedir umas festas no lombo. Uma vaca ou um gato. Mas pouco depois estavam de regresso aos seus. Apesar de não muito unidos, os dois mundos chegavam-se quando uns ou outros, queriam conviver e os habitantes da aldeia sabiam que poucas coisas faziam o riso crescer doce na barriga como ver um cachorro perseguir a própria cauda ou o cambalear das cabeças dos pombos quando andam. Como todas as espécies estavam soltas e livres, não havia crescimento descontrolado, os *habitats* estavam perfeitos. Mesmo para os animais que haviam sido chamados domésticos, num tempo passado. Nas escolas, as crianças começam por ter risoterapia a partir dos cinco anos de idade, toda a educação é gratuita e aí aprendem as linguagens do homem. Todas as linguagens. Porque, aqui, comunicar é o mais importante. Aprendem matemática e música e letras e humor. Nada é tão sério que não possa ser risível. Tudo é convertido na grande língua universal do riso. Até a morte, que aqui, como todos os outros problemas, termina no momento em que se sabe que existe. Morrer é chegar ao fim do ciclo, é fechar a existência e tudo o que foi nela é tratado em poemas cheios de humor pelos melhores comediantes. As famílias guardam esses poemas e é a eles que visitam quando sentem saudades. É àquele retrato escrito, e não a um bocado de terra comum, sem propriedade, que regressam.

A sociedade literária da cidade promove concursos de gargalhadas e há ainda um compêndio de frases humorísticas e respostas prontas, que é editado todos os semestres com as novidades que foram criadas. Ele e o estrangeiro decidiram que o melhor seria mesmo levá-lo a ver a cidade e os habitantes, ficaria assim mais fácil compreender todo aquele mundo novo. Levantaram-se e dirigiram-se ao balcão para pagar, o estrangeiro começou a tirar umas moedas do bolso, mas ele segurou-lhe o braço e disse: – Deixa. Fica por minha conta – e, olhando para o homem atrás do balcão, exclamou com ar sério: – São dois de ida e volta para Estocolmo e tenho um botão-de-punho avariado a declarar.– Riram-se todos. A conta estava paga.

Ele soube que nada é imune à boa disposição. E como se diz que o riso é contagiante, como os bocejos, ninguém consegue ficar muito tempo debruçado sobre si mesmo se houver piadas a fazer. Nessa altura ele compreendeu, todos os risos eram ali entendidos como forma de expiação e eram positivos, mesmo que fossem risos de desespero ou, como aquele que ele tinha solto, de auto comiseração. E lembrou-se de que, quando deu por si no terreno vazio do interior daquela casa em ruína, se tinha rido com a figura de parvo que julgou estar a fazer. Foi depois desse riso que o mundo à sua volta se transformara. Fora esse riso triste mas aliviado de quem diz “que estupidez”, que abriu as portas para a entrada naquilo a que alguns podiam chamar de universo futuro paralelo ou nova dimensão. Mas, depois daquilo que ia descobrindo sobre a cidade, ele começava a acreditar que vivia mesmo, naquele momento, uma espécie de futuro. Porque notava que algumas das coisas, descritas como fazendo parte do início da expansão do movimento RISO, estavam mesmo a acontecer no seu mundo. A melhor ameaça de sempre, pensou.

E sorriu.

Miette

(Menção Honrosa – Categoria B Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Miette, "Uma Galáxia De Utopias", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

"Quem sabe faz a hora, não espera acontecer" Fernando Pessoa

Viver.

Não envelhecer. Não adoecer. Nem sofrer. São desejos válidos de se ter.

Desejos soluçados pela trepidação do autocarro sobre o asfalto: um mesmo percurso gasto e repetido nos dias todos os dias todos os autocarros mas nem todos os passageiros, de cabeça encostada ao vidro, a pensar – não envelhecer, não adoecer, não sofrer. Um mundo mais equilibrado. Menos disparidades. Menos violência – paz. O fim da fome, o fim da guerra. Nem todos os passageiros de cabeça contra o vidro, só querendo chegar a casa, mais descanso, mais companhia, o fim de mais um dia de trabalho. Mas a cabeça ainda contra o vidro e o autocarro ainda soluçante e ainda pensamentos como não adoecer, não sofrer, o fim da fome, o fim da guerra, o fim da carreira – menina, menina! Acorde – é o fim da carreira, tem de sair! O autocarro pernoita aqui. Apanhe um táxi. Seria o fim das minhas poupanças.

Tudo o que faz um táxi fazem os meus pés.

Pensa, como quem resolve caminhar. Nomeia o pé direito "TA" e o esquerdo "XI" e segue no escuro entoando *ta-xi-ta-xi-ta...* como um tantra tibetano que ressoa no espírito e faz a terra rolar mais rápido por debaixo dos pés. Valia-lhe a Lua como plateia, iluminando-a cheia, por entre o descampado vazio. Pensa, táxi, lua, tempo, carreira, vidro, menos disparidades – como quem resolve caminhar.

Um descampado.

Ou, como se diz por vezes, esta terra de ninguém. Mas toda a terra de ninguém há-de ser terra de alguém. Todo o lugar há-de ter lugar para conter um não-lugar.

Do seio do silêncio surge o mamilo da criminalidade.

Pneus a derrapar no asfalto, holofotes dançantes como batutas de luz no breu da noite, chapa que fecha, portas violentas, aspirações ofegantes e palavras entrecortadas. Ela interrompe o trajecto, medo, e esconde-se como pode. No meio do nada há um muro, pouco mais alto do que ela, mas com largura suficiente para se estirar no topo. Afaga o cimento húmido da noite. Recupera o compasso da respiração. Centra o olhar na Lua, como se para se equilibrar, num ponto fixo. Só com a espera e o tempo e o medo de descer se aborrece da Lua e repara então nas estrelas, tantas naquela noite. Há muito tempo atrás, em certa noite de luar enamorado, um qualquer grande amor de quem já nem sabia o nome explicara-lhe que olhar uma estrela é como viajar no tempo. Era como estar perante o passado, no presente. Perante uma luz que já brilhara faz milhares de anos. Ela nunca entendera bem essa ideia, apesar de a considerar bela: sempre que olhava o céu estrelado, era incapaz de ver nele o passado – era tão obviamente o futuro. O futuro era para ela, do âmago da sua energia adolescente e inspirada, tão luminoso quanto a Lua naquela noite. Para ela, o futuro é luz a brilhar a milhares de anos de distância, mas de forma tão intensa e tão veloz que brilha até ao momento presente.

Ela diz

que é dona de uma “*natureza utópica*”.

Mas as pessoas em sua volta dizem somente que ela vive na terra do trá-lá-lá.

- BUU!

- AH!

Caiu redonda no chão, um par de metros até ao chão, uma queda tão violenta em tudo nela menos o chão. A ele, como ao chão, não lhe doeu. Até disse

- Não devias andar por aqui a estas horas.

- E você não devia assustar assim as pessoas!

- Mesmo quando elas adormecem no meu muro?

- Este muro é seu?

- Este muro é de muita gente. Pode até ser teu. Quere-lo?

Ela fitou o muro cinzento de cimento, como se a ponderar. Mas estava sobretudo surpreendida com a questão.

- Não, obrigada.

Já erecta, meio atordoada, reuniu as suas coisas espalhadas pelo chão e apressou-se a seguir caminho. Dispensou cordialidade com aquele estranho tão estranho...

- Hei! Não queres levar o teu livro?

Gritou ele quando ela já ia longe e pequena no campo de visão. Percebeu a sua silhueta a revirar a mochila. Vociferar merda! mas não faz mal, de longe nem se ouviu. Caminhou de volta a ele

- “*Introdução à Astrologia*”...

- Sim. Obrigada.

- Gostas de Astrologia?

- Não sei. Ando a tentar perceber.

- Acreditas na Astrologia?

- É uma questão de fé?

Ele ficou silencioso. Ela despediu-se, mas novamente, não foi amável. Quando já ia distante, ele exclamou

- E este, não o queres?

Ela levou a mão à mochila. Chegou ao pé dele furiosa.

- Não deve haver muito que fazer aqui para além de construir murinhos a separar o nada do coisa-nenhuma, e fazer pouco de quem passa...!

- “*Utopias do século XXI*”...

- Sim. Já vi que sabe ler. Por favor, devolva-mo.

- O que buscas tu nestas leituras?

- Não sei. Ando a tentar percebê-lo.

- Acreditas em alguma destas utopias?

- É uma questão de fé?

Ele permaneceu silencioso.

Ela virou costas, furibunda pela situação, e duplamente furibunda por estar tão intrigada. Já lá longe, parou. O luar, a sinfonia delicada dos ruídos dos bichos e do roçar do vento nas folhagens e, fora disso, o silêncio. Aguardou mais um pouco e vasculhou na mochila – de que poderia ela ter-se esquecido mais?

O universo no meio do nada.

Acordou sem que a acordassem, alertada apenas pela sobeja curiosidade de ali estar, alertada para a evidência de já haver luz, e de poder ir perceber que lugar era aquele, com um muro ao centro, e pessoas a toda à volta. Levantou-se e saiu da tenda que haviam amavelmente improvisado para si. Mas, de facto, toda a gente dormia em tendas. Apenas que algumas eram tão grandes que se assemelhavam a casas. O mais invulgar era a forma como todos saíam e entravam sem aparente senso na tenda uns dos outros. Ela, por seu lado, não se atreveu, mas passeou contornando-as, espantada pela sua extensão e variedade. As pessoas pareciam não estranhá-la, se bem que também não passasse despercebida. Toda a gente lhe reagia com um vigoroso *Bom dia* e um sorriso aberto. Apenas as crianças pareciam perspicazes o suficiente para reparar na novidade da sua presença.

Reparou que as tendas tinham muitas vezes nomes assinalados à entrada. Começou a notar também que eram na sua maioria nomenclaturas de planetas: Sol, Urano, Quíron...

- BUU!

- AH!

Ele sorriu e deu-lhe um abraço. Um abraço que ela não esperava e que a deixou mais assustada que o Buu.

- Vá lá – disse-lhe, divertida – desta não estou em cima de nenhum muro!

Ele levou-a pelo braço até ao pequeno-almoço, luxuoso em frutas frescas, pão escuro, e sumos vários. Rico, sobretudo, na companhia.

(...)

Comunidades, tribos modernas, biótopos de cura, ecoaldeias...– nomenclaturas variantes para uma semelhante lógica laboratorial. Isto é, agregados de gente relativamente pequenos que acabam por metaforizar uma pipeta de ensaio num laboratório, um teste de vida, uma possibilidade alternativa, uma aspiração utópica de organização da vida humana.

- Porque é que as tendas têm nomes de planetas na entrada?

- Nem todas, só algumas.

- Sim, nem todas. Mas as que os têm – porquê?

- Essas são, justamente, as tendas das utopias.

- As tendas das utopias?...

- Sim, as tendas onde pessoas se dedicam a trabalhar as diferentes utopias. Ou julgas que te convidei a ficar só pelos teus lindos olhos...? Tinhas aqueles livros e...

- Mas...que utopias? Sociais? E trabalhar como?

- Todo o tipo de utopias. As utopias que iluminam a sociedade contemporânea, isto é, que brotam no espírito daqueles que serão num futuro muito breve os iluminados. É esse o trabalho que fazemos aqui, geramos condições para que esses iluminados se multipliquem.

Ele disse estas palavras atento aos cereais multicolor que tinha na malga à sua frente, e depois de as proferir, atento a eles permaneceu. Ela desviou o olhar da mesa, e da comida, e olhou em volta, pensando se não estaria talvez a cometer um grande erro, se não estava completamente deslocada e até incomodada. Receou ter vindo parar a uma daquelas tantas concentrações que surgem cada vez mais e por todo o lado, em que se confunde *zen* com amor livre, espiritualidade com *tofu* e incenso de várias proveniências. Reparou no ar tranquilo e pacífico das pessoas, e em como todas ostentavam uma postura direita e serena, sorrindo-se mutuamente; mas todos precisamente focados nas diferentes actividades que ali desenvolviam. Onde acaba a harmonia e começa a alienação?

- Não vais acabar a tua meloa?

- Hã?...

- A tua meloa, mal lhe tocaste. Se não te apetece, deixa-a aí. Vamos dar um mergulho na cascata!

- Não, não. Tenho fome. Fiquei só a pensar nas coisas que disseste...

- Ora, não penses nisso agora. Vamos dar um mergulho, e mais tarde já exploramos as tendas todas.

Assim podes ver por ti mesma. Boa?

- Boa!

Assim o fizeram.

Havia uma tenda para cada planeta – Sol, Lua, Mercúrio, Marte, Vénus, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno, Plutão, Quíron. Em cada tenda se trabalhava uma utopia diferente, e cada uma delas de forma diferente. Foram escolhidas as consideradas mais pertinentes à construção da nossa modernidade ou, mais justamente, à reconstrução da nossa modernidade. À partida, fez-se um esforço para se relacionar a energia de cada pensamento utópico com a energia do planeta correspondente. Mas cedo se descobriu que existem energias transversais. Cedo se constatou que existem aspirações humanas a serem trabalhadas simultaneamente em tendas diferentes. Que, assim como na Astrologia não é possível uma leitura estanque e descontextualizada de cada planeta, assim também não o é para cada uma das diferentes utopias que ali se esforçaram para distinguir.

Ainda assim, era possível passear de tenda em tenda. Foi o que eles fizeram, de cabelos a pingar sobre o algodão orgânico das suas roupas simples.

Até o Cosmos satura.

Não chegaram a caminhar por todas as tendas, pois tornava-se cansativo. Acontecia também que os trabalhos em alguma tenda podiam estar parados para uma refeição. A ela, pareceu-lhe óbvio que a urgência não marcava aqueles trabalhos, que as soluções propostas não eram pensadas para serem imediatas. Ficou com a nítida sensação de que as pessoas gostavam, sobretudo, de especular. De utopizar. É próprio da natureza humana usar dos recursos imaginativos e criativos do seu aparelho mental e cognitivo, deste modo encenando mundos alternativos, idílicos – para uns, dificilmente para todos. Mas *natural* é também a tendência inevitável para a desarmonia, para a tensão, para o conflito, para a discórdia. Era o que invariavelmente falhava em cada tenda. Ou, evitando a ideia menos encorajadora do falhanço, é o ponto onde os trabalhos deixam de ser construtivos e se tornam lutas de ego. É uma questão de tempo até que chegue o ponto em que alguém não concorda.

A tenda do Sol.

O Sol é considerado pela esmagadora maioria das culturas humanas como o Astro-Rei. É a luz que ilumina a Terra, a sua Identidade. É também o brilho natural e único de cada ser.

Na tenda do Sol fazia-se, simplesmente, meditação. Tinha sido a forma que aquele grupo de pessoas tinha encontrado para melhor trabalhar a Utopia do Eu superior, a Utopia da Iluminação Universal. Ela ficou sem saber como agir ou o que considerar de tudo aquilo. Pareceu-lhe uma forma demasiado passiva, demasiado autista de se tratar um tema universal. Mas também, ela sabia muito pouco acerca de meditação. Com a visita às próximas tendas percebeu que tudo o que se pudesse trabalhar literalmente neste espaço estaria redundantemente a ser trabalhado noutros. Onde se irá falar do fim da violência ou do aumento da longevidade, falar-se-á de um ser humano mais consciente, mais tolerante, mais em paz. E, nesse sentido, ela virá a concordar com esta decisão de, aqui na maior tenda de todas, *apenas se meditar*.

O Sol é o astro que, ao mesmo tempo que está só, irradia luz sobre tudo o que se encontra à sua volta.

Passando à porta da Lua, atraídos por Mercúrio, a tenda mais barulhenta.

Depois da estranheza que a tenda solar provocara nela, soube-lhe bem ver a parafernália de diálogos sobrepostos e de ideias em intercâmbio na tenda de Mercúrio. Pareceu-lhe conveniente à energia comunicativa e alerta do planeta. Mercúrio representa todas as formas de comunicação, o cérebro e a aprendizagem. Está ligado à forma como a mente percebe a experiência. Olharam-se e saltaram ambos uma gargalhada: sem dúvida que aquele par de dezenas de pessoas em troca frenética e calorosa de ideias era digna de umas asinhas nos pés!

Aproximaram-se de diferentes núcleos de discussão e perceberam que se discutiam utopias tecnológicas. As máquinas resolverão as distâncias, as discrepâncias, as variâncias que houverem a ser resolvidas. Discutem-se os limites do desenvolvimento, colocam-se problemas éticos, e surgem sempre espíritos ilimitados. Alguém defende, A erosão analógica da personalidade é uma das maiores perversidades do tempo que vivemos. A discussão, aqui, era fácil. A um canto, um homem carismático reúne a atenção dos seus circundantes divagando acerca do poder e das possibilidades abertas pela concretização da utopia da telepresença, da virtualidade, da ubiquidade. Vamos estar em toda a parte.

As tendas de Vénus e Marte tinham entradas simétricas. Das leituras introdutórias que tinha feito sobre Astrologia, Marte dizia-lhe mais que os restantes planetas. Ela era, por excelência, uma pessoa aguerrida. Ele, no entanto, entrou em Vénus. A tenda mais inebriante de todas, explicou-lhe, mas também aquela onde a discussão era mais desviante e com tendência ao infinito. Como ela era afecta a convicções, entrou em Marte. Sentou-se ao lado de uma senhora muito morena, muito bela, que prontamente lhe sorriu e ofereceu uma folha. Seria porventura o tema da discussão, mas estava em Esperanto, e dali tirou pouco. Mas

- Não é preciso estudar muito Astrologia para saber que aqui se vai falar de guerra!
- Claro que não.
- Como não? Marte? Agressão! Acção! Virilidade!
- Mas é guerra que esperas para o século XXI? Achas que estas pessoas vinham de todos os cantos do mundo para vir discutir estratégias bélicas?
- Não...

De facto, concentrou-se no discurso monocórdico do orador e deu-se conta de que em Marte se equacionavam os caminhos para a Paz no Mundo. O fim da incivilização. O fim da violência.

O discurso era interessantíssimo, e sentiu que poderia abdicar das restantes tendas para poder ficar ali indefinidamente. De qualquer forma, não via quantas mais utopias podiam existir. Mas sabia que havia ainda bastantes planetas. E se as tendas inominadas resolvessem ser estrelas, e se as estrelas resolvessem representar não utopias, mas ideias inspiradoras, tinha ali material para uma vida.

Só deixou Marte, horas mais tarde, quando ele veio desafiá-la a continuar.

- Então, e o que se trabalha em Vénus?

- Amor livre.

Ela ficou visivelmente constringida e incomodada.

- O quê? Que achas tu que é o amor livre? Que ideiazinhas macacas tens tu aí sobre a coisa?

- Não, nada. – disse, corada.

- Não, nada? Amor livre é muita coisa! Talvez não seja é essa parafernália de idiotices que te meteram na cabeça no sítio donde vens. Bem...donde eu venho...

Desculpa, esquece. Não queria ser injusto. Desculpa.

Ela sorriu. Caminharam em silêncio para o conjunto final de tendas, que ficava mais afastado, sobre a colina. Na subida, ofegantes, ele sentiu ainda necessidade de explicar-se melhor:

- As pessoas com que eu passei a tarde acreditam num futuro em que o Amor é livre de repressão e de medos. Em que as relações humanas se baseiam na transparência e no respeito mútuo. Foi muito interessante, percebes? Falou-se nos diferentes papéis atribuídos aos sexos na sociedade de hoje, nas expectativas que ainda temos uns em relação aos outros, falou-se na reformulação desses papéis, falou-se de androginia...falou-se...sei lá...de maternidade e de ambos os sexos poderem ter filhos. De sociedades polígamas e de fidelidade. Falou-se de ciúmes e de...

- Agora sou eu quem te deve um pedido de desculpas. Quando me disseste que o que se trabalhava em Vénus era o amor livre calculei que tivesses passado a tarde a fazer de tudo menos falar. Fui preconceituosa. Desculpa.

- Estamos quites, então!

E foi assim que entraram em Júpiter, onde se lia à entrada *“Bem-vindo à utopia das utopias. É favor entrar descalço”*

Júpiter

é o planeta da imensidão. Liberdade e Verdade são dois dos seus valores base. Fé, tolerância e a libertação em direcção a uma realidade maior que o próprio indivíduo.

O exterior de Júpiter (uma tenda de lona branca igual a todas as outras tendas de lona branca em volta) não poderia deixar adivinhar o seu interior. Sim, isso passara-se até agora em todas as tendas, mas em Júpiter o deslumbre era mais sublime. Pelo menos foi assim que ela o sentiu. O ar estava inundado por uma qualidade inominável, não incensífica, indescritível. As pessoas estavam calmas, falavam baixo, oravam, meditavam ou dançavam em pequenos grupos. Em alguns grupos debatia-se a utopia da transcendência a planos superiores, modelos sociais assentes acima da condição humana, contrapunham-se religiões e ponderava-se a hipótese de uma fé universal. A utopia de um só Deus, de uma só fé, de uma humanidade unida até no plano transcendental poderá ser das utopias mais importantes do século seguinte. Com o colapso das posturas laicas e a profusa fragmentação das ideologias, sem um modelo viável por parte das ciências sociais e humanas, cresce um hiato, um vazio passível de ser preenchido pelas religiões. Estas, desde sempre se alternam entre o fervor e a quase indiferença. Como vivemos agora uma fase de indiferença, pode ser que o novo século traga o fervor: uma religiosidade estendendo-se pela superfície terrestre e inundando de sentido e chamando à acção vastas hostes humanas.

A sensação com que ela saiu da tenda Jupiteriana era de que Júpiter rege de facto a utopia das utopias.

Saturno e as distopias.

Porque tudo o que é engrandecedor e inspirador tem um lado sombrio (como cada planeta nos influencia positiva e negativamente) nesta tenda discutia-se mesmo isso, o deslize das utopias. As distopias.

Saturno é um planeta algo pesado, ou intenso, relacionado com o poder, estruturação, responsabilidade, tradição, envelhecimento, gravidade ou até a decência. Esta é a tenda onde facilmente se cai no fatalismo ou no pessimismo. Onde se cita Orwell, e outras literaturas do desencanto. Ela sentiu uma quebra eufórica, mas concluiu que esta seria sempre uma tenda essencial, no sentido em que evita que

todas as outras utopias se percam no espaço sideral. Aqui, discute-se também uma utopia muito especial, e já algumas vez proclamada – a utopia do fim das utopias.

Num futuro distópico, as próprias utopias serão proibidas, os indivíduos serão chamados a encarar a realidade como ela é, ou seja, inexistente – e portanto determinada por quem de direito. Neste futuro densamente enegrecido, as utopias existirão sob a forma de contrabando: o mercado negro dos sonhos.

Urano

É um planeta recentemente descoberto à cerca do qual não se sabe assim tanto. A rebeldia, pelo contrário, é qualquer coisa que se conhece milenarmente, e que foi profusamente comentada. Urano está ligado à rebeldia, à ausência de limites, aos avanços sociais ou tecnológicos revolucionários. Num ponto integral ou extremo, isto é, num ponto utópico, Urano representa a utopia anárquica. A insustentabilidade da anarquia como forma de organização e as possibilidades de vida que ela representaria era o tema do aceso debate que decorria na tenda de Urano.

Mas eles permaneceram em Urano pouco mais de alguns minutos. Não era caso de cansaço, pois a estimulação criativa típica do pensamento utópico são suficientes para nutrir e manter acordado qualquer um. O facto é que se fazia noite, e começou a crescer nela uma preocupação, uma necessidade de voltar. Faltavam-lhe ainda três tendas – Neptuno, Plutão, e Quíron.

- Receio que sejam horas de voltar. Estou sem dar notícias há demasiado tempo. Estou preocupada.

- Mas ainda agora começámos...

- Eu sei. Entristece-me. Mas... de que se fala nas tendas que nos faltam?

- Ora, vai lá e vê.

- Não sejas assim. Tudo isto foi fascinante ao máximo... posso voltar amanhã?

- Podes voltar sempre que acreditares.

- Mas é uma questão de fé?

E pela terceira vez desde que se conheceram ele respondeu a esta pergunta com o seu silêncio.

E em silêncio desceram a colina.

- Em Neptuno fala-se sobretudo de globalização. Não só globalização económica, mas uma possível unificação de valores, de crenças, de costumes.

Ela reagiu à descrição com um esgar de rejeição.

- Pediste-me para relatar o que lá se passa! Sabes que é tarefa inglória: não dá para sintetizar a energia de um planeta inteiro integrado numa galáxia, integrada num cosmos, integr...

- OK, OK! E em Plutão?

- Em Plutão ouvi ser debatida a utopia da abolição do mercado, num dia, e a utopia do fim da pobreza, noutro. Plutão tem a ver com transformação profunda – e “*plutos*” é a palavra grega para riqueza.

- Sério? Não sabia...

- Quíron achei uma barafunda. Mas é uma tenda divertida. Irias gostar.

Ela olhou o chão.

- Como não se sabe assim tanto à cerca da energia de Quíron, apenas recentemente descoberto, estabeleceu-se que em Quíron se discutiriam todas as utopias que estejam a ser negligenciadas nas outras tendas. Basicamente as pessoas vão lá sugerir novas utopias: às vezes é muito interessante, assistes ao nascimento de ideias originais e refrescantes à cerca do mundo; mas às vezes é bastante ridículo. Toda a gente partilha tudo aquilo que lhe vem à mente. Quando lá estive discutia-se a utopia do vegetarianismo, que me diz muito, pois é um sonho meu bastante antigo. A utopia da imortalidade. A utopia do poderio cósmico, isto é, a terra como sede da galáxia. Quíron acabou por ganhar um papel predominante nos nossos trabalhos, uma vez que sobretudo se discutem ali políticas ecológicas e desenvolvimento sustentável. Se bem que, como pudeste notar, discute-se tudo em todo o lado.

- Sim. O anseio utópico é uno. Muda de forma e diverge de sentido, mas o que lhe está na essência é comum a qualquer modelo utópico, nesta tenda ou na outra, neste século ou no próximo.

- Exacto! Eu sabia que não tinha sido só pelos teus lindos olhos que decidi trazer-te aqui...

Ela sorriu. Mas ainda olhava o chão. Tomou consciência do quão comovida estava por se ir embora, mas pensou que seria ridículo chorar. Ele devia estar a pensar algo semelhante. Mas, mais expedito, sugeriu:

- Anda daí, levo-te de volta à paragem.

(...)

Às vezes nos laboratórios as coisas não correm como se esperava que corressem. Surgem variáveis que não tinham sido previstas aquando dos cálculos no papel. Surgem factores que nem poderiam ter sido

previstos *a priori*. Às vezes no laboratório as experiências falham.

Mas isso não impede a comunidade científica de continuar a tentar.

“Era o que invariavelmente falhava em cada tenda. Ou, evitando a ideia menos encorajadora do falhanço, era o ponto onde os trabalhos deixavam de ser construtivos, e se tornavam lutas de ego.

Era uma questão de tempo até que chegasse o ponto em que alguém não concordava.”

Era uma questão de tempo

Numa das tendas – e pode ser em qualquer uma das tendas – um grupo de pessoas tenta definir *tempo*. O mais eloquente e carismático dos intervenientes (não necessariamente o mais próximo de alguma verdade) declara

Se o tempo for apenas mais uma unidade de medida mental, como tantas outras, as consequências sobre a ideia de passado e futuro são importantes. O passado torna-se uma evocação de um presente que já não é presente. E o futuro é uma ideia de como será o presente quando as circunstâncias actuais se alterarem. Os conceitos de passado e futuro obviamente existem, mas meramente como ideias, não como locais. Nesse sentido, estar a pensar no futuro como se um lugar, é estar a pensar num presente que simplesmente ainda não se materializou. Ou, mais profundo ainda, sem a existência do tempo, tudo existe com um carácter instantâneo. Aceitando isto, tanto o pensamento como o conhecimento são também eles instantâneos. Logo, a *aprendizagem* como a entendemos não tem sentido. Ou seja, se não há nada a aprender *depois*, é porque já sabemos tudo.

As pessoas em volta trocaram olhares. Um quantas inspiradas, outras intrigadas, outras ainda preocupadas.

Viver. Não envelhecer. Não adoecer. Não sofrer. São desejos válidos de se ter. São anseios humanos. Anseios partilhados com a trepidação do autocarro sobre o asfalto: um mesmo percurso gasto e repetido pelos dias todos os dias todos os autocarros. Mas nem todos os passageiros: esta vai de cabeça encostada ao vidro, exausta mas satisfeita. A sonhar – não envelhecer, não adoecer, não sofrer. Um mundo mais equilibrado. Menos disparidades. Menos violência – paz. O fim da fome, o fim da guerra. Nem todos os passageiros de cabeça contra o vidro. E o autocarro ainda soluçante e ainda pensamentos como não adoecer, não sofrer, o fim da fome, o fim da guerra, o fim da carreira –menina, menina! Acorde – é o fim da carreira, tem de sair.

Acordou estremunhada. Não podia ter-se deixado dormir outra vez. Saiu. Ficou na paragem na esperança de sair logo um veículo na direcção oposta. Não fazia ideia onde estava. Caixotes dormitórios a fingir de habitação, e cafés fechados. Até o toque do seu telemóvel lhe pareceu estranho:

- Está..?

- Onde é que estás?! Estás meia hora atrasada! A conferência está prestes a começar!

Onde estás?! Estás perto?!

- Meia hora? Só?! Conferência? Que dia é hoje? Que horas são?

- É dia da senhora doutora descer do planeta onde vive, e vir dar a palestra a estas largas centenas de gente que contam consigo...

- Claro, claro...claro que sim...conferência...confirma-me só: de que é que eu vou falar?

- Oh Meu Deus, não me mudes de tema *outra vez*...! Peço-te!

Concordaste em fazer aquele paralelo entre a astrologia e as principais utopias para o próximo século! Toda a gente achou uma ideia fresca e interessante, estavas toda animada... de que queres tu falar agora?!...

- Disso mesmo. Os planetas e as utopias. Parece-me uma ideia com sumo.

Conta comigo.

- Ótimo! Fico aliviado...e esta gente toda aqui, expressamente para te ouvir, também.

Resta saber, quando contas chegar aqui?

- Muito em breve, muito em breve. Chego aí num instante.

Na realidade ela não sabia onde se encontrava, nem para onde tinha de se dirigir. Mas calculou que lá chegaria num qualquer futuro, que iria encontrar modo de materializar no presente. Afinal de contas, o futuro é uma energia de outro planeta a bilhar a anos-luz de distancia, até ao presente, e as utopias de amanhã são

agora.

